

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

VANESSA DA CUNHA GONÇALVES

***"O Imperador poderia tornar-se segundo Washington si abdicasse da
monarchia em prol do povo": O Novo Mundo e as relações entre Brasil e
Estados Unidos na segunda metade do século XIX (1870-1879).***

NITERÓI

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

VANESSA DA CUNHA GONÇALVES

"O Imperador poderia tornar-se segundo Washington si abdicasse da monarchia em prol do povo": O Novo Mundo e as relações entre Brasil e Estados Unidos na segunda metade do século XIX (1870-1879).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, oferecido pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Setor: História Contemporânea I

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Hebe Mattos

NITERÓI

2016

VANESSA DA CUNHA GONÇALVES

"O Imperador poderia tornar-se segundo Washington si abdicasse da monarchia em prol do povo": O Novo Mundo e as relações entre Brasil e Estados Unidos na segunda metade do século XIX (1870-1879).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, oferecido pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Setor: História Contemporânea I

Aprovada em: ____/____/____

Prof^a. Dr^a. Hebe Mattos (UFF) – Orientador

Prof^a. Dr^a. Keila Grinberg (UNIRIO) – Arguidor

Prof^a. Dr^a Larissa Viana (UFF) – Arguidor

Niterói
2016

Sumário:

Agradecimentos.....	6
Introdução.....	8
Capítulo 1 – História e Imprensa – Um lugar para <i>O Novo Mundo</i>	19
Capítulo 2 – Entre o editor e a produção do periódico: Abolicionismo, <i>O Novo Mundo</i> e a imprensa oitocentista.....	50
Capítulo 3 – <i>História e Imprensa – Um lugar para O Novo Mundo</i>	90
Considerações Finais.....	114
Lista de Ilustrações.....	117
Lista de Tabelas.....	118
Anexos.....	119
Bibliografia e Fontes.....	140

Aos meus grandes amores, Sandra, João e Felipe
Àquele que torna minha vida mais alegre há um ano, Bino
Àquelas que ocupam um lindo lugar no céu e sempre fizeram parte da minha trajetória,
Cindy e Suzy

Agradecimentos

De antemão, começo estes agradecimentos pedindo desculpas para aqueles no qual não citarei o nome nestas linhas. Me perdoem a falha, mas acreditem, cada um faz parte desta dissertação. Cada um faz parte da minha vida e da minha história. Jamais conseguirei palavras para demonstrar toda a minha gratidão a cada um de vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por fomentar a pesquisa desta dissertação através da bolsa de auxílio à pesquisa. No atual contexto desfavorável à pesquisa acadêmica, e a crise mundial na qual vivemos, é crucial lutarmos contra a realidade dos constantes cortes de orçamento destinados à pesquisa, principalmente em nossa área, a de Humanas.

Ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGH da Universidade Federal Fluminense – UFF por ter oferecido as condições possíveis para o aprimoramento dos meus estudos e o desenvolvimento do meu objeto de pesquisa. Agradeço também pelos docentes do programa e seus cursos ministrados, pois foram essenciais para minha formação. Agradeço demasiadamente, pois cresci profissionalmente e pessoalmente. Meu muito obrigada a cada um de vocês.

Às instituições do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e a Biblioteca Nacional pela disponibilização das fontes e tratamentos das mesmas. Agradeço muito pela disponibilidade de acesso. Em especial, a ferramenta de pesquisa da Biblioteca Nacional – *Hemeroteca Digital* – pela qualidade, rapidez e comodidade de realizar pesquisas nos periódicos do século XIX pela internet – principalmente d’*O Novo Mundo*, fonte principal desta pesquisa.

Agradeço aos professores que compuseram minha banca de qualificação: Dr^a. Hebe Mattos, Dr^a. Larissa Viana e Dr^a Gladys Sabina Ribeiro. Agradeço as suas competentes críticas e sugestões nesta etapa crucial para o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço a banca de defesa: Dr^a Hebe Mattos, Dr^a Larissa Viana e Dr^a Keila Grinberg, que gentilmente aceitaram o convite e desde o início se colocaram à disposição. Muito obrigada!

Agradeço em especial a minha orientadora, Hebe Mattos. Com ela, desde a graduação, aprendi a como fazer história na prática; como pesquisar, como ler fontes e escrever história. Foi através do trabalho como bolsista de Iniciação Científica, ainda na graduação, durante três anos que decidi estudar o século XIX, e hoje tenho certeza que tomei a decisão certa. Hoje fecho mais um ciclo nesta universidade, e graças a Deus com uma orientadora que além de uma excelente historiadora é uma excelente pessoa. Hebe, obrigada pelo incentivo, pelas indicações de leituras, pelas críticas, pelas sugestões, pelas orientações sempre muito construtivas. Obrigada por todos esses anos de tamanha experiência. Obrigada por ter sido muito mais que uma orientadora. Obrigada pela sua humanidade!

Obrigada a todos os meus amigos que estiverem ao meu lado durante todos esses anos. Sem vocês teria tudo sido muito mais difícil. Um muito obrigada super especial aos melhores amigos que alguém pode ter: Alineh Bittencourt, Ana Leardine, Erik Rodrigues, Luan Rodrigues, Fernanda Pires, Livia Monteiro, Fernanda Suhett, Filipe Suhett, Rebecca Tavares, Ruth Barreto, Ramon Serra, Camylla Giglio, Dudu Vieira... Vocês são tantos! E graças a Deus por isso! Obrigada aos amigos de trajetória, aos meus melhores! Obrigada aos amigos novos. Aqueles que a vida nova e a casa nova me proporcionaram. “Horíveis”, vocês são os melhores! Obrigada ao melhor presente que a UFF me trouxe: Felipe Bezerra.

Introdução

“A grande obra dos Estados Unidos tem sido realizar este verdadeiro princípio social, a democracia, e ensinar ao resto da América e à Europa que ela é a perfeição suprema do governo, que seu regimen é o mais apropriado á civilização porque é o mais natural ao homem. Os Estados Unidos teem democratizado o mundo inteiro.”

(Centennario Americano - *O Novo Mundo* – 23 de janeiro de 1876)

O interesse pela temática dessa dissertação surgiu durante as pesquisas realizadas na vigência da bolsa de Iniciação Científica na UFF. Foi ali, em projeto orientado pela Profª Drª Hebe Mattos, que comecei o trabalho com o periódico *O Novo Mundo – Periódico Ilustrado do Progresso da Edade*, fundado por José Carlos Rodrigues (1844-1923). Somado a isto, o contato com temas e leituras durante toda a graduação que envolviam o oitocentos, e mais especificamente os anos finais do Império no Brasil, também foram determinantes para a decisão do tema. Interessava-me, especialmente, os estudos que abordavam as discussões sobre a imprensa e os sentidos do “progresso” no período.

O Novo Mundo foi fundado em outubro de 1870, com publicação mensal e editado em português nos Estados Unidos. O periódico circulou até 1879 quase que sem interrupções¹. Nos Estados Unidos seu escritório estava localizado na 24, Times Building – New York. No Brasil, era distribuído para todo o país por seu escritório no Centro do Rio de Janeiro, Rua Primeiro de Março, nº 47. De acordo com George

¹ As publicações eram sempre no dia 23/24 de cada mês. A distribuição para o Brasil era feita por um navio, e ocasionalmente, por motivos climáticos ou até mesmo burocráticos, os pacotes atrasavam. Porém, isto não ocorreu muitas vezes.

Boehrer, a maioria dos exemplares era encaminhada para o Brasil, mas havia alguns leitores nos Estados Unidos, em geral imigrantes da América Latina². O periódico emerge no cenário da imprensa brasileira do último quartel do século XIX como um jornal que trazia importantes debates político-sociais e projeções de futuro, trazendo a palavra “progresso” em seu subtítulo.

Dado o cenário político atual e as repercussões a cerca do ofício e do lugar social no qual o historiador ocupa – questões estas que extrapolam os limites desta pesquisa, mas que são pertinentes no tocante do exercício da escrita da História –, se faz necessário colocar em questão a metodologia de trabalho na qual nos ancoramos, nossa articulação com os nossos pares e o nosso compromisso com a historiografia com a qual dialogamos.

Para Michel de Certeau, a pesquisa em História se faz a partir da articulação de um lugar – socioeconômico, político e cultural. Em sua análise, ele aponta para a ideia de que aquilo que o historiador faz, no dia a dia do seu ofício, é algo que se dá sempre num enquadramento e em meio a um certo sistema de referências. Ou seja, a pesquisa em História não é outra coisa senão o gesto de se recortar a experiência, estabelecendo um jogo de pertencimentos e de afastamentos. Ao dizer algo, o historiador está se movendo em um campo, fazendo com que ele repercuta de alguma forma naquilo que vem a ser a sua obra, e está, também, recusando determinados diálogos, conexões e cruzamentos.

O historiador aponta para o fato de que, se a pesquisa histórica faz-se em meio a limites e ela os reinventa, ela se dá à medida que as questões vão sendo colocadas. Cada pesquisa, nesse sentido, não é apenas a manifestação de um lugar, mas a sua demarcação e a sua problematização. Isso se dá em meio a diálogos, ou seja, à medida

² BOEHRER, G. C. A.. José Carlos Rodrigues and O Novo Mundo, 1870-1879. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 131.

que o historiador vai tecendo a sua teia, ele o faz trocando ideias e informações com outros saberes, com outros sujeitos do pensamento e da ação cultural, e com isso os campos são dilatados e muitos são transformados. Quando o historiador age como tal, ele não somente faz funcionar em sua pesquisa e em sua escrita às determinações do seu mundo: ele as reinventa, tanto no movimento do seu ofício quanto pelo impacto que provoca quando dá ao público a sua narrativa.

A História está submetida ao contexto social na qual está situada. Sendo vista como prática, ela possui um conjunto de técnicas que normatizariam a sua operação. Ao seguirmos as normas estabelecidas pelo campo, estamos dando credibilidade à produção de uma pesquisa histórica. Assim como a prática, vemos que a escrita possui leis e normas, pois assim é legitimada sua validade acadêmica. Conforme afirma Michel de Certeau, a escrita da História não pode ser fruto de apenas desejos pessoais sem uma relação com o lugar social no qual estamos inseridos, ou seja, nossas produções precisam possuir uma relevância para a sociedade. A escrita histórica não é feita unilateralmente pelo historiador, mas sim em coletivo, já que é fruto da validação acadêmica e das relações com as ideias de nossos pares e do diálogo com outras ciências. Além disso, a escrita histórica é fruto das vivências do profissional da História, as quais suas ideias perpassam o texto devido às escolhas existentes dele e do lugar social no qual está inserido.

Na perspectiva de Giovanni Levi a História é a ciência das perguntas gerais, mas das respostas locais, ou seja, para ele não se pode imaginar uma generalização em História que seja válida. O historiador trabalha nas particularidades, nas situações específicas, ou seja, trabalha sobre o geral, mas um geral que sempre se configura como perguntas, e não como respostas. O texto é uma forma de representação, ele é

linguagem, um artefato cultural, e a única forma de se estabelecer e se colocar no campo científico é através do texto.

Para Giovanni Levi o trabalho do historiador se divide em três momentos e estes se colocam como grandes desafios. O primeiro deles é o trabalho nos arquivos, onde este se assemelha muito ao trabalho desenvolvido pelos antropólogos, pois se está em um lugar imaginário, em um cômodo do arquivo onde há documentos, que muitas vezes não encontramos significado algum. Nas palavras de Giovanni Levi,

“Da mesma forma que fazem os antropólogos quando estão em campo: em um determinado momento, os documentos começam a ter algum significado. Como uma iluminação, Deus ou um anjo diz o que ela significa. Por isso, os documentos mais interessantes não são os cotidianos, banais, evidentes para nós, mas sim os que dizem algo que, de imediato, para nós, é incompreensível, misterioso, porque nos sugerem a alteridade com o que estudamos, mas, ao mesmo tempo, há algo que devemos interpretar e dar coerência com os outros documentos evidentes e banais, já que os outros tendem ao anacronismo, porque os entendemos como se fossem documentos atuais.” (LEVI, 2014: 2)

O segundo momento do trabalho é o de reduzir, e este é um dos trabalhos mais difíceis para o historiador. As leituras são fundamentais para nossa pesquisa, pois é por elas e através delas que tornamos possível o diálogo entre o campo teórico e o empírico. Porém, nós historiadores temos uma imensa dificuldade em suprimir frases e exercer o poder de síntese sem deixar de fora nenhum tipo de conteúdo que possa ser fundamental a pesquisa. Segundo Giovanni Levi,

“O problema da história não é quantificar, mas formalizar, o que é muito diferente; é encontrar uma forma científica de comunicar as coisas e não de transformar tudo numa aparente cientificidade positivista.” (LEVI, 2014: 3)

O terceiro momento, e em minha opinião o mais difícil para a elaboração de uma pesquisa, é a comunicação. Por muitas vezes a escrita chega a ser angustiante, pois temos que dar conta de diversas demandas (a de uma boa e clara escrita, ser uma leitura que atenda a um determinado público e campo, etc) e por vezes não sabemos como começar e tampouco que rumo tomar e por horas ficamos olhando para aquela tela do computador que por horas fica em branco. Giovanni Levi aponta de uma maneira muito clara a grande questão – e porque não dizer “problema” – que nós, historiadores, enfrentamos. Para ele,

“Nós, historiadores, sabemos sempre antes quem foi o assassino — não antes de começar nossa pesquisa, mas antes no tempo: chegamos depois, conhecemos muitas das consequências — trabalhamos sobre o passado e já sabemos as consequências. Muitas vezes, corremos o risco de descobrir causas que não são as verdadeiras.” (LEVI, 2014: 4)

A partir destas reflexões entorno do campo da História e do seu exercício de escrita é que, por muito tempo, me perguntei em relação a que método utilizar para a pesquisa aqui desenvolvida. Quais critérios de escolha utilizar, como trabalhar as fontes e, principalmente, como sistematizar essas informações para o desenvolvimento de uma pesquisa bem fundamentada. Tendo como fonte de pesquisa um periódico do século XIX – *O Novo Mundo* – e pretendendo analisar o seu discurso, escolhi como conceito

fundamental a perspectiva de Robert Darnton, ou seja, a de uma história social e cultural da imprensa – abordando-a como um instrumento de investigação e análises.

A História social e cultural da imprensa tem por finalidade entender como as ideias eram transmitidas pelas vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetava o pensamento e o comportamento da humanidade. Darnton aponta para a importância de se considerar a relação da imprensa com o todo, ou seja, com os contextos sociais, econômicos, políticos e intelectuais da época. A análise do periódico está diretamente ligada aos contextos sociais, econômicos e políticos do Brasil do oitocentos, juntamente com a produção intelectual, neste caso, os integrantes da rede estabelecida pelo *O Novo Mundo* e por Rodrigues.

É no sentido de escrever uma história social da imprensa que esta pesquisa se insere. A metodologia de pesquisa escolhida está diretamente associada aos contextos sociais e políticos da década da década de 1870 – mais especificamente a segunda metade da década de 1870 –, estabelecendo uma narrativa que coloca *O Novo Mundo* e José Carlos Rodrigues em uma posição de destaque e influência neste período.

Sendo assim, para a elaboração da análise proposta para esta pesquisa apropriar-me-ei de dois pontos fundamentais: História social e cultural da imprensa para pensar *O Novo Mundo* e também o conceito de Cultura Política no sentido do periódico como um canal de difusão de ideias. A Escola dos Annales enfatizou a importância de se levantar novas questões, abordagens, métodos e fontes para os estudos acerca do Cultural. E é a partir desta perspectiva que esta pesquisa traz como fonte a imprensa do século XIX, associando-a às problematizações pertinentes ao campo de estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo abordar as questões político-sociais em torno da produção d'*O Novo Mundo*, sua rede de colaboradores, a rede de sociabilidade de seu proprietário – José Carlos Rodrigues, buscando entender as visões do periódico sobre os

Estados Unidos e suas perspectivas para o futuro do Brasil. Esta é uma pesquisa de “História social e cultural da imprensa” (conforme a perspectiva desenvolvida por Robert Darnton) e tem por objetivo entender como as ideias eram transmitidas pelas vias impressas, e como o contato com a palavra impressa afetava o pensamento, atuava enquanto opinião pública e afetava diretamente a vida política e social dos indivíduos.

Nos Estados Unidos, a escravidão terminou em 1865. Transcorridas mais de três décadas de grande campanha abolicionista, e após anos de guerra civil, a abolição foi realizada. Desde então, o país passou a ser visto por alguns intelectuais, dentre eles José Carlos Rodrigues, como um exemplo a ser seguido por todos aqueles que ainda não haviam abolido a escravidão. A questão abolicionista e o republicanismo são temas centrais nas páginas d’*O Novo Mundo*.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para os estudos do campo da História Social da Cultura e também da História Política. Procurou desenvolver uma abordagem capaz de conseguir entender como José Carlos Rodrigues, através do *O Novo Mundo*, projetou um futuro para o Brasil baseado no modelo americano. Um dado importante para esta pesquisa foi a investigação sobre a rede de sociabilidade estabelecida pelo periódico (jornais no qual dialogava) e pelo seu proprietário, durante os nove anos de publicação. Outro ponto fundamental da pesquisa é a possível influência do periódico para a discussão sobre o progresso, educação e a abolição da escravidão no Brasil, que se intensificou no país, pela mesma época da fundação do periódico, com a fundação do Partido Republicano (1870) e a aprovação da Lei do Ventre Livre (1871) e que toma ainda mais corpo na década seguinte.

Conforme Gladys Sabina Ribeiro aponta, a imprensa divulgava, interpretava, reconstruía e dava significado político aos acontecimentos, sendo uma arena pública de exposição de ideias, valores e interesses. De acordo com a historiadora, os jornais foram

ao longo do tempo construindo uma cultura política, pois tratavam de inúmeros assuntos em suas páginas. E é a partir desta perspectiva que *O Novo Mundo* é investigado neste trabalho.³

As abordagens e discussões sobre o jornal concentraram-se, até recentemente, quase que exclusivamente na área das Letras⁴, abordando, sobretudo, os aspectos mais literários do periódico. As pesquisas no campo da História ainda são poucas – George Boehrer⁵, Júlia Ribeiro Junqueira⁶ e Hebe Mattos⁷ desenvolveram trabalhos pioneiros, porém, apesar dos muitos trabalhos desenvolvidos sobre a imprensa brasileira do fim do século XIX, *O Novo Mundo* ainda é pouco investigado e há muitas lacunas a serem preenchidas. Com base na ampla historiografia que discute a imprensa como fonte para os estudos históricos, é necessário pensar e problematizar o “silêncio” no qual *O Novo Mundo* está inserido no campo da história.

Esta dissertação se divide em três capítulos, e nesse capítulo inicial, tenho como objetivo desconstruir o silêncio a cerca d’*O Novo Mundo*, abordando o periódico

³ RIBEIRO, Gladys Sabina. *Nação e cidadania nos jornais cariocas da época da Independência: o Correio do Rio de Janeiro como estudo de caso*. In: CARVALHO, José Murilo de e NEVES, Lucia Bastos Pereira das (orgs.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁴ Ver: ASCIUTTI, Mônica Maria Rinaldi. *Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010; CAMPOS, G. V. de. *O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870 – 1879)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001; E também SILVA, Elza Miné da Rocha e. *O Novo Mundo 1870-1879. Da enunciação da proposta às suas revisitações*. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

⁵ George C. Boehrer em 1967 traça o perfil histórico do periódico em seu artigo. Ver: BOEHRER, G. C. A.. José Carlos Rodrigues and O Novo Mundo, 1870-1879. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 127-144.

⁶ Júlia Ribeiro Junqueira é doutoranda do PPGH – UERJ e está realizando uma biografia histórica sobre José Carlos Rodrigues. Em seu trabalho visa mapear sua trajetória, focando no seu retorno para o Brasil e compra do *Jornal do Commercio*. Ver: JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. *Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

⁷ Hebe Mattos atuou como Professora convidada na Columbia University desenvolvendo o projeto “*Memory of Slavery and Race: Brazilian Self-Narratives in Historical Perspective*”. Estabeleceu a relação de André Rebouças e José Carlos Rodrigues e também buscou trazer novas perspectivas para elucidar as origens do pan-africanismo de André Rebouças. Ver: MATTOS, Hebe. *Memory of Slavery and Race: Brazilian Self-Narratives in Historical Perspective* (Research Project presented to Ruth Cardoso Chair/ Columbia University (2013/2014).

enquanto uma janela para se entender e problematizar as questões políticas e sociais do final do oitocentos no Brasil, mais especificamente, a década de 1870. A partir das perspectivas propostas pelo campo das Letras e das contribuições dos trabalhos na área de História, proponho estabelecer uma narrativa que coloca *O Novo Mundo* e José Carlos Rodrigues em uma posição de destaque e influência na década de 1870.

O segundo capítulo, intitulado “*Entre o editor e a produção do periódico: Abolicionismo, O Novo Mundo e a imprensa oitocentista*”, a linha editorial do periódico e sua abordagem sobre a questão abolicionista no Brasil, em particular. O periódico “nasceu” em um ano emblemático da História do Brasil. A década de 1870 foi crucial para estabelecer as questões relativas às causas republicana e abolicionista. O periódico tinha como principal objetivo interpretar o sucesso da república americana para os brasileiros. Notícias sobre o progresso dos EUA, educação, artigos sobre abolição e progresso eram as mais encontradas em suas páginas. O capítulo busca explicitar como o periódico dialoga com as agendas do período, ou seja, com a liberdade e o progresso, assim, dialogando com a imprensa contemporânea americana no que tange a Lei de setembro de 1871.

No terceiro e último capítulo, intitulado “*A Geração de 1870 e o futuro do Brasil: o protagonismo de José Carlos Rodrigues enquanto intelectual*”, a proposta é analisar a figura do editor José Carlos Rodrigues – também repleta de silêncios, assim como o periódico. O editor d’*O Novo Mundo* se coloca em uma posição de destaque a frente do periódico, e é ele quem define a prioridade dos Estados Unidos na pauta do periódico, interpretando-o para o Brasil. As suas experiências no país fazem-no projetar um futuro semelhante para o Brasil. Neste capítulo, estarei dialogando diretamente com a bibliografia sobre José Carlos Rodrigues, para assim reconstruir a memória do proprietário/editor e poder incorporar o “invisível”, ou seja, o que está para além das

publicações do periódico. Para dar sentido e legitimidade ao discurso de José Carlos Rodrigues, é necessário entender com quem ele dialoga, ou seja, a sua rede de sociabilidade – através das suas cartas pessoais e também da imprensa na qual dialogava.

Segundo Ângela de Castro Gomes, o modo como os sujeitos experimentaram a política pode nos dizer muito sobre a sociedade e o período em que viveram. Nesse contexto, a experiência de José Carlos Rodrigues à frente de *O Novo Mundo* torna o estudo a respeito do pensamento, e da atuação política, mais complexo, pois, a partir dele podemos compreender os diálogos e as tensões do período estudado – a década de 1870.

Capítulo 1

História e Imprensa – Um lugar para *O Novo Mundo*

Capítulo 1: História e Imprensa – Um lugar para *O Novo*

Mundo

De acordo com Nelson Werneck Sodré, em 1870, ano em que aparece o Manifesto Republicano, Tavares Bastos publica, em julho, o seu libelo contra a centralização: *A província* mereceu louvores do *Jornal do Comércio*, do *Diário do Rio de Janeiro* e de órgãos editados fora da Corte, inclusive, *O Novo Mundo*.

Tavares Bastos não assistiu aos avanços de sua ideia federativa, pois faleceu em 1875, deixando um grande legado: *A Reforma* e *O Globo*. As grandes lutas políticas estavam se anunciando na imprensa, ou seja, em 1870 os jornais estavam muito ligados às questões literárias, como é o caso d'*O Novo Mundo*, porém na agenda dos jornais estavam colocadas também muitas questões políticas e sociais.

Nelson Werneck Sodré traz em sua obra os números em torno dos periódicos da década de 1870 – mais precisamente de 1870 a 1872. Surgiram no Brasil mais de vinte jornais republicanos e também abolicionistas, dentre eles está *O Novo Mundo* – mesmo não sendo editado no Brasil, pois sua distribuição e circulação eram feitas majoritariamente no país. Sua agenda de publicações era destinada a sociedade brasileira. Esses periódicos são aqueles que abrem a agenda para o aprofundamento das discussões na década seguinte.

➤ **Historiografia e Método – Imprensa e alguns apontamentos sobre o ofício do trabalho do historiador:**

A imprensa na conjuntura do século XIX – especificamente *O Novo Mundo* – foi um canal de difusão de uma cultura política abolicionista. Na escrita do periódico circulavam ideias e buscou-se traçar identidades políticas e culturais. O periódico contou com um grupo de colaboradores que admiravam os rumos do desenvolvimento dos Estados Unidos e acreditavam no modelo estadunidense como solução para os problemas político-sociais brasileiros.

O “tratamento” da imprensa como fonte, não só no Brasil, mas também em todo o mundo, passou por muitos momentos, ou seja, a abordagem dada a esta documentação estava associada a métodos de pesquisa e perspectivas diferentes a cada tempo. A produção do texto final estava e está diretamente associada à abordagem dada ao documento, ou seja, é a metodologia de trabalho que determina os rumos da pesquisa. Tomo como importante frisar tal aspecto para assim podermos entender como a imprensa é vista e trabalhada nos dias de hoje, e também para não sermos anacrônicos em julgar trabalhos anteriores. Cada trabalho e texto estão inseridos em seu tempo e sua escrita, respeitando seu lugar no contexto histórico-metodológico.

Particularmente, sempre procuro trazer em meus textos um pouco da historiografia sobre a imprensa no Brasil, pois ela nos faz pensar no papel dos veículos de informação na segunda metade do século XIX, mais especificamente a década de 1870 – ligada diretamente ao objeto de estudo desta pesquisa – e também nos dias de hoje. O exercício de pensar o lugar dessa imprensa, o seu objetivo e quem colabora com ela é fundamental para problematizar e trazer questões, além, é claro, para traçar sua história. Desta forma, se faz necessário pensar nos momentos pelo qual passou a

imprensa, as abordagens na qual estava diretamente ligada e os resultados de tais interpretações.

Há tempos a historiografia brasileira vem se debruçando entorno dos estudos, problematizações e usos que envolvem a imprensa no Brasil. Hoje a imprensa adquiriu uma grande importância enquanto objeto historiográfico, principalmente no que tange a história política. Conforme aponta Wlamir Silva⁸, há uma autonomia do campo político e também no papel dos agentes sociais na construção do Estado, em especial na forma da construção de conceitos políticos. Sociedade e Estado, juntamente com os conceitos políticos interpretados compõem a vida política e perpassa a imprensa.

Um fato incontestável é que a imprensa periódica é um importante meio de construção de culturas políticas bastante específicas; através dela podemos perceber as referências que são transmitidas via imprensa. Esse campo intelectual que forma a imprensa, transforma a filosofia política em um conjunto de conceitos compreensíveis por um contingente mais significativo da sociedade. A cultura política aparece como uma linguagem comum e simplificada. A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento no qual a sociedade está inserida, ou seja, o controle dos meios de difusão das ideias é uma luta política de pessoas e grupos que defendem os mais diversos interesses e aspirações⁹.

No que tange o surgimento da imprensa no Brasil, Humberto Machado em *“Imprensa abolicionista e censura no Brasil”* realizou um breve panorama da história da imprensa. Segundo o historiador, ela desenvolve-se, primeiramente, a partir do século XVIII, especialmente, na França e na Inglaterra, e foi fortemente acelerada pelos impulsos do liberalismo. No contexto em que estava inserida, transformou-se em um

⁸ Ver: FERREIRA, Tânia. MOREL, Marco. NEVES Lúcia. (Orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A. FAPERJ, 2006.

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

veículo divulgador de opiniões, muitas vezes contrárias a política vigente e ao governo, porém, também foi utilizada por estes, muitas vezes, para a exaltação de seus feitos. Alguns dos fatores, segundo o historiador, responsáveis pela tardia criação da imprensa no Brasil, têm suas origens nas limitações impostas pela metrópole portuguesa e “*nos obstáculos inerentes à existência da estrutura escravista*”¹⁰.

Para Tânia Maria Bessone, o surgimento efetivo da imprensa no Brasil ocorreu em 1808, com a chegada da Corte de Portugal no Rio de Janeiro. A partir deste novo cenário houve a necessidade de criação de uma sociedade culta e ilustrada, “*contribuindo para o que Norbert Elias denominou de processo civilizador*”¹¹. De acordo com Humberto Machado, as dificuldades para a atuação de uma imprensa, livre da tutela oficial do Estado, no século XIX eram muitas. Machado cita o exemplo do *Correio Braziliense*, publicado em Londres a partir de 1808, devido às restrições impostas no Brasil. Para o historiador, o jornal foi o pioneiro na veiculação de ideias favoráveis à abolição gradual da escravidão no país.

Para Nelson Werneck Sodré, a revolução das técnicas impressas foi um fator fundamental para que a imprensa se expandisse:

“A corrida para a revolução nas técnicas de imprensa, iniciada na Inglaterra, quando o Times, em 1814, utilizou a máquina a vapor na sua impressão era o ponto de partida para a produção em massa que permitia reduzir o custo e acelerava extraordinariamente a circulação. O desenvolvimento das bases da produção em massa,

¹⁰ MACHADO, H. F.. Imprensa Abolicionista e a censura no Império do Brasil. In: Lessa, Mônica Leite; Fonseca, Sílvia Carla Pereira de Brito. (Org.). *Entre a Monarquia e a República: imprensa, pensamento político e historiografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. p. 244.

¹¹ FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Reverenciando as letras: espaços de consagração e construção da cidadania. In: Ribeiro, Gladys Sabina; Ferreira, Tania M. T. Bessone da Cruz. (Org.). *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. 1ed. São Paulo: Alameda, 2010, v. 1, p. 321.

de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população ocidental e sua concentração urbana, paralelamente, a produção ascensional provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância à propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias.” (SODRÉ, 1966: 3)

Dado o “boom” da produção impressa, conforme afirma Nelson Werneck Sodré no parágrafo acima, no início da década de 1820, com o Brasil independente da metrópole portuguesa, a criação e circulação de periódicos começaram a crescer. Neste momento o universo manuscrito e impresso se mesclam e compõem o mesmo espaço: o campo das letras. Os impressos gradativamente passaram a ser acessíveis a um maior contingente populacional, porém, é importante destacar que é somente com o tempo que essas publicações começaram a ocupar um lugar ativo e estável no campo das ideias e da política no Brasil. Há outro fator que corrobora para uma maior difusão das informações: o desenvolvimento do sistema de correios nos anos finais do Império. De acordo com Marialva Barbosa¹², o desenvolvimento dos meios de transporte e do sistema de telégrafo possibilitou uma logística para os serviços de correspondências nacionais e internacionais.

Para Marco Morel, os estudos pioneiros acerca da imprensa no século XIX trataram-na apenas como fonte documental importante e autêntica narradora de “fatos” e da “verdade”, ou seja, um instrumento de comprovação do que realmente se passou,

¹² BARBOSA, M. C.. *História Cultural da Imprensa Brasil 1800-1900*. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUADX, 2010. v. 1. 266p.

partindo de uma perspectiva historicista ou positivista.¹³ Somente a partir do oitocentos – e que se estendeu até o início do século XX – é que começou a se desenvolver uma maior preocupação em analisar a trajetória dos periódicos, seus títulos, seus redatores e avançando em algumas contextualizações e rotulando locais segundo suas tendências mais visíveis.

De meados do século XX até os anos de 1970 é possível perceber uma certa “ausência” da imprensa nas pesquisas historiográficas. Alguns questionamentos começaram a ser levantados sobre o uso da imprensa como fonte histórica. Sua veracidade começou a ser colocada em questão e seu uso como documento histórico era de apenas um “*veículo de ideias*” ou “*reflexo de condicionantes sociais e econômicos predeterminados*”¹⁴. Neste sentido, a imprensa então passa por dois momentos: De espelho fiel do que acontecia no momento, passou a ser vista como falsificadora do real. No contexto deste momento no qual os estudos da imprensa passam, há exceções no campo intelectual da produção, ou seja, há trabalhos que nadam contra essa corrente, como é o caso de Nelson Werneck Sodré, Carlos Rizzini e Hélio Vianna, onde estes interpretam a imprensa a partir de outra perspectiva.

A partir de meados da década de 1970 começou a ocorrer uma renovação historiográfica; esta dava ênfase às abordagens políticas e culturais. A imprensa passou a ser vista como “*fonte documental na perspectiva de um testemunho, à medida que enuncia expressões de protagonistas*”¹⁵. Passou a desempenhar o papel de um complexo agente histórico, que intervém na vida social e política, e não como um simples reflexo de uma realidade já estabelecida. Os impressos passaram a interagir na

¹³ MOREL, Marco. Prefácio. In: BARBOSA, M. C.. *História Cultural da Imprensa Brasil 1800-1900*. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUADX, 2010. v. 1. p. 7.

¹⁴ Ibidem. p. 8.

¹⁵ Ibidem. p. 8.

complexidade de um contexto histórico. Como descrito por Rodrigo Cardoso Soares de Araujo¹⁶ toda palavra impressa é carregada de certo simbolismo para além do que é dito. Trazendo essa perspectiva para o objeto de estudo desta pesquisa: Para pensar a imprensa no Brasil do século XIX é fundamental levar em consideração o cunho político dos textos publicados, mesmo quando estes não tinham como tema central alguma questão estritamente política.

Construir uma história da imprensa é fazer o mesmo movimento para que se produza a “escrita da história”, seja qual for o objeto empírico pesquisado. É perceber a história como um processo complexo, no qual estão entrelaçadas relações sociais, culturais, falas e não ditos, silêncios que dizem mais do que qualquer forma de expressão, e que na maioria das vezes não foram deixados para o futuro. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios, identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política.

Para Robert Darnton¹⁷, a História social e cultural da imprensa tem por finalidade entender como as ideias eram transmitidas pelas vias impressas, e como o contato com a palavra impressa afetava o pensamento e também o comportamento da humanidade. Darnton aponta para a importância de se considerar a relação da imprensa com o todo, ou seja, os contextos sociais, econômicos, políticos e intelectuais no qual esta imprensa está inserida. Assim, ao escrever sua história é fundamental visualizar a invenção criadora do público no instante em que realizam o processo de recepção e também caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinadas sociedades, identificando-se as diferenças.

¹⁶ ARAUJO, Rodrigo Cardoso Soares de. *Pasquins: submundo da imprensa na Corte Imperial (1880 – 1883)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em História Social, ano 2009.

¹⁷ DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 111.

A corrente de estudos que tem como base a perspectiva de Robert Darnton – uma história social e cultural da imprensa – não é nova. Desenvolveu-se desde os anos 1960, sobretudo na Europa, onde os historiadores se dedicam a perceber os processos de apropriação das mensagens e a partir daí constroem uma dada história da imprensa ou do impresso. Preocupam-se, sobretudo, com a literatura popular e com o estudo do livro, tentando descobrir os modos de produção e consumo do livro ao longo do tempo.

Longe, portanto, dos paradigmas do século XIX, que procuravam a verdade fidedigna contida nos documentos e sonhavam com a interpretação correta do que realmente se dera, os historiadores passaram a ter a convicção de que fazer história é recriar o passado, não através de descrições estereotipadas e ideológicas, mas, sobretudo, reinterpretando esse passado. A renovação historiográfica deu-se também ao fato de os estudos passarem a recorrer a outras disciplinas em busca de métodos e teorias que levassem a uma expansão das pesquisas e também a redefinição da própria historiografia tradicional. E nos últimos anos esse mesmo movimento aponta para aquilo que os historiadores classificam como o retorno da narrativa, baseando-se, principalmente, na perspectiva de Jacques Le Goff.

A imprensa passa a não ser mais vista como apenas “informante”. A partir das novas abordagens e perspectivas ela passou a ser uma instituição que ampliou os debates políticos que estavam ocupando os múltiplos espaços sociais. Nos anos finais do Império ela passa a ser um canal de difusão de ideias em torno das muitas reformas propostas, visando o progresso do país. O Império no Brasil – o golpe da Maioridade - fez com que a imprensa se expandisse, ou seja, temas desde a expansão do café até a abolição da escravidão eram corriqueiramente discutidos na imprensa brasileira.

A guerra do Paraguai foi um fato propulsor para o aumento do campo de atuação da imprensa, pois ela trouxe para as páginas dos periódicos inúmeras

inquietações de seus redatores, ou seja, suas posições políticas passaram a ser colocadas abertamente nas páginas dos jornais. No contexto do final da década de 1860 e início da década de 1870, temos como temas corriqueiros nas páginas da imprensa do país: o fim da guerra do Paraguai, a proclamação da república, o liberalismo e a abolição da escravidão.

Um fator marcante para a imprensa da década de 1870 foi a circulação, pela primeira vez, em 3 de dezembro de 1870, do jornal *A República*, onde foi lançado o Manifesto do Partido Republicano ao Brasil – ala radical dos liberais brasileiros da época. O jornal começa circulando como propriedade do Partido Republicano, publicado três vezes por semana, sem redatores declarados. Porém, através dos resultados de estudos historiográficos podemos identificar como redatores: Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Manuel Vireira Ferreira, tendo como financiador Luís Barbosa da Silva. O jornal, em 1871, chegou a uma tiragem de 10.000 exemplares, um índice altíssimo para a época, conforme aponta Nelson Werneck Sodré.

O historiador aponta para o surgimento entre 1870 e 1872 de mais de 20 jornais republicanos, porém, *O Novo Mundo* não está dentre estes. Apesar de ser editado nos Estados Unidos, o periódico é escrito em português e é direcionado ao público do Brasil, trazendo questões brasileiras, americanas e mundiais que refletem na economia e política brasileira. A criação do *Novo Mundo* está diretamente ligada ao contexto da criação do *A República*, ou seja, o republicanismo e o progresso.

Em outubro de 1870 foi publicado pela primeira vez *O Novo Mundo – Periódico Ilustrado do Progresso da Edade*. O periódico foi fundado por José Carlos Rodrigues (1844-1923). Conforme apresentado na introdução, tinha publicação mensal, era editado nos Estados Unidos, em Português, para distribuição no Brasil - circulou até

1879 quase que sem interrupções¹⁸. Nos Estados Unidos seu escritório estava localizado em 24, Times Building – New York. No Brasil era distribuído para todo o país por seu escritório no Centro do Rio de Janeiro, Rua Primeiro de Março, nº 47. De acordo com George Boehrer a maioria dos exemplares era encaminhada para o Brasil, mas haviam alguns leitores nos Estados Unidos, em geral imigrantes da América Latina¹⁹.

O Novo Mundo foi palco de importantes debates político-sociais em um momento em que havia uma intensa discussão sobre os alicerces da nação brasileira, ou seja, temas como a abolição da escravidão, proclamação da república e também o destino dos escravos estavam recorrentemente sendo colocados em questão por diversos setores da sociedade. O periódico tinha como principal objetivo interpretar o progresso da nação americana para os brasileiros. Para José Carlos Rodrigues, o Brasil deveria seguir os passos dos Estados Unidos, e, além disso, colocava em questão os paradigmas europeus, principalmente os franceses, que ocupavam um lugar de referência no Brasil.

O título “*O Novo Mundo*” e o subtítulo “*Periodico illustrado do progresso da idade*” muito falam sobre sua intencionalidade. Para José Carlos Rodrigues este “novo mundo” eram os Estados Unidos, que naquele momento representavam o que havia de mais democrático, liberal e progressista no mundo, ou seja, o moderno e civilizado. O país era a representação do futuro e levaria a democracia para o mundo.

Desde a primeira edição do periódico José Carlos Rodrigues deixou claro o aspecto político do jornal. Segundo ele, *O Novo Mundo* se propõe a contribuir para uma compreensão dos Estados Unidos, não apenas por apresentar notícias, mas também por

¹⁸ As publicações eram sempre no dia 23/24 de cada mês. A distribuição para o Brasil era feita por um navio, e ocasionalmente, por motivos climáticos ou até mesmo burocráticos, os pacotes atrasavam. Porém, isto não ocorreu muitas vezes.

¹⁹ BOEHRER, G. C. A.. José Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo*, 1870-1879. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 131.

expor as principais evidências de seu progresso e analisando as causas e direção desse progresso. Para evitar mal entendidos, Rodrigues assegurou seus leitores brasileiros:

“Admiradores Sinceros das instituições deste país, não queremos americanizar o Brasil e nem qualquer outro país. Creemos muito na bondade de Deus, e na natureza humana para não fazermos do progresso de um povo a copia do progresso de outro. Não crendo em distincções de raças, para nós, todos os povos são chamados a atingir a mesma perfeição por meio do trabalho e da fé na Providência”.

(O Novo Mundo – 24 de outubro de 1870)

O editor deixou claro que o periódico não reproduzia opinião pública alguma, ou seja, o proprietário/editor como agente político que atua enquanto força social.

Em suas páginas é possível acompanhar uma série de elementos de um ambiente cultural típico das últimas décadas do século dezenove: o gosto pelas descobertas científicas, os textos instrutivos (mais ou menos narrativos), perfil ilustrado (muitas imagens), mais ou menos folhetinesco, o material que era feito a partir das gravuras, as resenhas críticas, as notas e as crônicas, além do grande número de anúncios – informação que está diretamente ligada ao aumento da demanda do público do periódico. São fragmentos, em sua grande parte híbridos, que, analisados em conjunto, contribuem para a reflexão sobre os vínculos entre imprensa, história e a política.

O Novo Mundo “nasceu” em um ano emblemático da história do Brasil, um período em que a discussão sobre os rumos do país e a identidade nacional ocupava todos os cantos da sociedade, e principalmente a capital, o Rio de Janeiro. Essa geração estava profundamente engajada na vida do país e interessada em decifrá-lo com vista ao

seu encaminhamento na senda do progresso e da civilização no caminho do futuro. Ele teve uma participação ativa na construção da identidade nacional que sobreveio à independência em 1822, como no questionamento e reformas das bases institucionais resultantes desta construção.

Com posicionamento político que defendia o abolicionismo e também o republicanism, *O Novo Mundo* pregava o progresso do Brasil baseando-se no dito sucesso da república estadunidense. Em suas primeiras edições o periódico chegava a ter entre 20/28 páginas, dentre elas estavam textos políticos, literários e também uma seção de anúncios – modelo típico da imprensa do século XIX. Com o avanço do capital e da produção impressa os anúncios passaram a ser um forte aliado na propagação de prestação de serviços e também de lucro para os proprietários dos jornais.

O periódico informava a seus leitores inúmeros acontecimentos, porém, principalmente aqueles que giravam em torno do progresso político e industrial dos Estados Unidos, descrevendo as características peculiares do progresso e da civilização americana. Desta forma, José Carlos Rodrigues atraía inúmeros industriais americanos e também brasileiros para os anúncios em suas páginas. Ao longo da história d'*O Novo Mundo* é possível perceber como houve um aumento significativo da quantidade de anúncios por exemplar. Desta forma, podemos entender que com o aumento da circulação do jornal houve um crescimento significativo do número de anunciantes em suas páginas. Ou seja, com o aumento da tiragem do periódico os anunciantes enxergaram um horizonte favorável para a exposição dos seus produtos e serviços.



Imagem I – *O Novo Mundo* (Outubro de 1870 – Primeira edição) – Anúncios.

Tratando-se de um periódico ilustrado – como o próprio *Novo Mundo* se denominava – e igualmente a muitos outros periódicos ilustrados do século XIX, suas imagens eram obtidas de colaboradores americanos. Seus principais fornecedores de imagens eram o *Harpes* e o *New York Graphic*²⁰. As biografias sempre estavam acompanhadas de uma imagem, esta era sempre imponente e de grande qualidade estética. Em sua primeira edição, *O Novo Mundo* trouxe uma emblemática imagem de Cristóvão Colombo, juntamente com um texto biográfico, exaltando a sua ação nas Américas – intitulada de “Estatua de Colombo”. Em suas linhas ele diz:

“Ao publicar um periódico que traz como emblema e nome a mesma denominação que se tem dado a parte do globo que Cristovão Colombo primeiro descobriu, paguemos antes de tudo um pequeno tributo a memória do grande herói genovês. (...)”

Mas no descobrimento do *Novo Mundo* há alguma coisa mais sublime ainda, e que esmalta a memória de Colombo com uma glória imperecível, e

²⁰ Ver: George C. Bohrer em 1967 traça o perfil histórico do periódico em seu artigo. Ver: BOEHRER, G. C. A.. José Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo*, 1870-1879. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 127-144.

que é ao mesmo tempo uma lição profunda que nós, os filhos do Novo Mundo, deveremos sempre recordar: é a luta do descobridor, que precedeu ao descobrimento, aquela força misteriosa, que chamamos de fé, e que o animou a ir em demanda de umas terras, de que ele mesmo só tinha uma ideia indefinida, quase vaga; aquela força, que, afinal, levando de vencida todos os obstáculos, que topara, conseguiu-lhe, para ele a realização da visão que tinha, e para os homens a posse de um novo mundo. (...)

A Providência ensina-nos a sua vontade com Historia. Tomemos nós, os filhos da America, o exemplo dos trabalhos de Colombo. Hoje não há mais novos mundos para se descobrirem na superfície do globo terrestre: a ciência e a indústria humana tem-lhe sulendo todos os mares, e tem-lhe penetrado no coração de seus mais inóspitos desertos. Mas a geração moderna ainda resta muito a descobrir num mundo, que, porque não o vemos com os olhos não é menos real que aquele, de que Colombo tinha uma visão. Nesse mundo espiritual há um continente, em cuja demanda devemos todos suprir: o seu descobrimento não pertence a um de nós, mas a cada um de nós; da sua forma não sabemos ainda muito e talvez, como aconteceu no genovês, não o saibamos durante a vida; só sabemos com certeza que nele tem pé firma a Verdade, com suas ministras, a Justiça e a Caridade, e com toda a Corte do Reinado do Evangelho. (...)”.

O periódico traz a história de Cristóvão Colombo e de sua trajetória até chegar as Américas para estabelecer uma relação com o futuro desta. Para ele todos os habitantes do então “Novo Mundo” deveriam ter Colombo como exemplo, principalmente no que diz respeito a sua perseverança. Neste trecho citado acima, *O Novo Mundo* faz referência a Deus, a justiça e a caridade, questões estas que marcarão as suas publicações – tema que será abordado mais profundamente adiante.



Imagem II – O Novo Mundo – Outubro de 1870 (Capa da primeira edição) – Cristóvão Colombo.

Detalhe para a imagem escolhida para estampar a capa da primeira edição do periódico.

²¹ Vale a pena ressaltar que neste trecho da transcrição a escrita foi atualizada, com o objetivo de uma melhor compreensão do leitor.

Também em seu primeiro número, *O Novo Mundo* deixa claro o seu objetivo. José Carlos Rodrigues assina a coluna, se identifica como o Redator e afirma que não pretende americanizar o Brasil e tampouco a América Latina, mas sim interpretar o sucesso americano para os brasileiros e americanos, e faz uma relação entre o sucesso dos Estados Unidos e o fim da Guerra de Secessão. Rodrigues destaca que o progresso de um povo não pode ser cópia do sucesso de outro povo. O progresso está associado ao trabalho e a providência divina. Na segunda página do periódico encontramos as seguintes palavras do redator José Carlos Rodrigues:

“Um simples perpassar de vista por estas paginas basta para dar ideia do periódico que nos propomos a publicar mensalmente, á saída do paquete do Brasil. Entretanto, como um único numero delle não pode trazer bem em relevo as linhas do rumo que pretendemos seguir, diremos aqui, em poucas palavras, o que esperamos fazer para o diante.

Depois da guerra intestina dos Estados Unidos, o Brasil e a América do Sul teem procurado estudar profundamente as coisas deste paiz. “O Novo Mundo” propõe-se a concorrer para este estudo, não, dando noticias dos Estados Unidos, mas expondo as principais manifestações do seu progresso e discutindo sobre as causas e tendências deste progresso.

Admiradores sinceros das instituições deste país não queremos, toda via, “Americanizar” o Brasil nem país algum. Cremos muito na bondade de Deus, e na natureza humana para não fazermos do progresso de um povo a copia do progresso de outro. Não crendo em distinções de raças, para nós, todos os povos são chamados a atingir a mesma perfeição por meio do

*trabalho e da fé na Providência. “O Novo Mundo”,
pois, contente-se-á em tomar nota do que toca a estes
dois meios de progresso; não será mestre, mas
expositor; não será juiz, mas servo da verdade.”.*

(*O Novo Mundo* – 24 de Outubro de 1870)²²

A partir do trecho destacado acima podemos enfatizar o que Roger Chartier²³ chama de “representação”, ou seja, o discurso do periódico se dá a partir da representação que *O Novo Mundo* (Lê-se também: José Carlos Rodrigues, pois ele atua enquanto força política através do periódico) possui dos contextos político-sociais tanto americanos, quanto brasileiros. As representações não são de forma alguma discursos neutros, os discursos produzem estratégias e práticas e estão inseridos em contextos próprios.

E é neste contexto que palavras como emancipação, progresso, república e abolição da escravidão tomam força política e são corriqueiramente encontradas nas páginas do periódico. José Carlos Rodrigues é um dos intelectuais da década de 1870 a trabalhar com as questões acerca do progresso. Constantemente *O Novo Mundo* atacava o regime monárquico do Brasil, e em um determinado momento sugeriu que o Imperador D. Pedro II abdicasse do trono em prol do progresso e estabelecesse a República no país²⁴, pois assim, entraria na História como um vitorioso e salvador do país.

José Carlos Rodrigues expressa seu *projeto* de futuro para o país através d’*O Novo Mundo*, como uma maneira de articular interesses, objetivos, sentimentos e

²² Vale a pena ressaltar que neste trecho da transcrição a escrita foi atualizada, com o objetivo de uma melhor compreensão do leitor.

²³ Ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

²⁴ *O Novo Mundo*, 23 de janeiro de 1876.

aspirações para a sociedade. Nos próximos capítulos trabalharei uma das questões lançadas por José Carlos Rodrigues: o discurso em torno do abolicionismo, a questão do discurso antiescravista nas páginas do periódico e em como esse discurso se coloca em relação ao regime escravocrata.

As abordagens e discussões sobre *O Novo Mundo* até então estavam quase que, exclusivamente, na área das Letras²⁵ buscando, apenas, estudar os aspectos mais literários do periódico – Elza Miné da Rocha e Silva, Gabriela Campos e Mônica Ascitti. As pesquisas no campo da História ainda são poucas – George Boehrer²⁶, Júlia Ribeiro Junqueira²⁷ e Hebe Mattos²⁸ têm contribuído para a historiografia sobre o tema através da elaboração de suas pesquisas. Apesar dos muitos trabalhos desenvolvidos sobre a Imprensa, mais especificamente a do século XIX, *O Novo Mundo* ainda é pouco investigado e há muitas lacunas a serem preenchidas²⁹.

Mônica Rinaldi fazendo um balanço da produção sobre *O Novo Mundo* no campo das letras traz em seu texto tudo o que já foi produzido a respeito do periódico. Em um primeiro momento Rinaldi descreve o trabalho de Elza Miné da Rocha e Silva

²⁵ Ver: ASCIUTTI, Mônica Maria Rinaldi. *Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010; CAMPOS, G. V. de. *O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870 – 1879)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001; E também SILVA, Elza Miné da Rocha e. *O Novo Mundo 1870-1879. Da enunciação da proposta às suas revisitações*. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

²⁶ George C. Boehrer em 1967 traça o perfil histórico do periódico em seu artigo. Ver: BOEHRER, G. C. A.. José Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo, 1870-1879*. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 127-144.

²⁷ Júlia Ribeiro Junqueira é doutoranda do PPGH – UERJ e está realizando uma biografia histórica sobre José Carlos Rodrigues. Em seu trabalho visa mapear sua trajetória, focando no seu retorno para o Brasil e compra do *Jornal do Commercio*. Ver: JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. *Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

²⁸ Hebe Mattos esteve como Professora convidada na Columbia University desenvolvendo o projeto “*Memory of Slavery and Race: Brazilian Self-Narratives in Historical Perspective*”. Estabelecendo a relação de André Rebouças e José Carlos Rodrigues e também buscando trazer novas perspectivas para elucidar as origens do pan-africanismo de André Rebouças. Ver: MATTOS, Hebe. *Memory of Slavery and Race: Brazilian Self-Narratives in Historical Perspective* (Research Project presented to Ruth Cardoso Chair/ Columbia University (2013/2014).

²⁹ Neste trabalho não darei conta de abordar e esgotar todas as questões pertinentes ao periódico. Por se tratar de uma fonte muito rica, no que diz respeito a significados e interpretações, uma seleção foi feita para que este trabalho cumprisse com o cronograma de pesquisa.

(1991) - “*O Novo Mundo 1870 – 1879, Da Enunciação da Proposta às suas Revisitações*” -, onde nele, Elza Miné descreve a coleção completa do periódico por meio de pressupostos teórico-metodológicos de análise de conteúdo. Inicialmente, uma breve descrição do jornal teve lugar no estudo de Elza Miné, buscando as estruturas que se repetiam em todos os números da coleção. A autora mencionou a publicidade, reunida nas páginas finais de cada número, embora a partir do volume VII apareça também ao lado dos textos das últimas páginas de cada número; e a mancha impressa, que até o volume VII apresentava-se disposta em quatro colunas, reduzidas para três nos dois últimos volumes do periódico.

De acordo com Mônica Rinaldi, dez anos depois do trabalho de Elza Miné, *O Novo Mundo* foi retomado como objeto de estudo por Gabriela Vieira de Campos (2001), em “*O Literário e o Não- Literário nos Textos e Imagens do Periódico Ilustrado O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870 – 1879)*”. Em sua descrição do periódico, Campos assinalou a ausência de “seções dispostas segundo a organização das folhas atuais, uma vez que a especialização dos cadernos pressupõe ‘assuntos’ também especializados” (Campos, 2001, p. 16). Todavia, os editoriais, as biografias e a publicidade foram analisados nesse estudo, enquanto estruturas que se repetiam em praticamente todos os números do periódico.

Gabriela V. de Campos examinou a noção de literatura no interior do *O Novo Mundo*, compreendida como um meio de se atingir uma mentalidade objetiva e voltada para o futuro da nação. Situou o literário na produção romântica brasileira e na valorização das tendências de uma “dita literatura científica”.

De acordo com Mônica Maria Rinaldi, em sua análise sobre o proprietário/editor José Carlos Rodrigues, durante praticamente todo o curso de direito Rodrigues colaborou em vários jornais acadêmicos, bem como no *Correio Paulistano*.

Em 1863 e 1864 foi correspondente político do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, órgão do Partido Liberal, dirigido por Francisco Otaviano (1826-1889). Antes, em 1862, fundou junto com o colega José da Silva Costa, a *Revista Jurídica*, editada primeiramente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro; a revista teve duração de seis anos, mas Rodrigues participou apenas até 1865. Em 1863, publicou uma edição crítica da *Constituição do Império do Brasil* (Rio de Janeiro: Laemmert), reeditada muitas vezes.

Trazer para o campo da História as análises e perspectivas da área das Letras é fundamental para o enriquecimento da pesquisa histórica, pois nestes trabalhos podemos encontrar inúmeras análises literárias e também não-literárias que contribuem consideravelmente, no que diz respeito a dados, para a pesquisa.

George Boehrer em seu artigo publicado em 1967 no *Journal of Inter-American Studies*, faz um panorama do *O Novo Mundo* e também de José Carlos Rodrigues. Para ele José Carlos Rodrigues era um observador brasileiro nos Estados Unidos, partilhava da ideia de que os EUA representavam uma grande lição de política e um modelo a ser seguido pelas gerações futuras. Boehrer destaca os colaboradores do *O Novo Mundo*, nomes como Saldanha Marinho e André Rebouças eram corriqueiramente vistos nas páginas do periódico.

Em seu texto, Boehrer faz uma breve biografia de José Carlos Rodrigues, onde passa por, praticamente, toda a vida do proprietário do *O Novo Mundo*. Seu texto é rico em pistas, onde a partir delas é possível estudar e problematizar a vida de Rodrigues e sua trajetória – onde estas serão feitas nos próximos capítulos.

Hebe Mattos em seu estudo sobre André Rebouças³⁰ e sua visão a respeito dos Estados Unidos, afirma que *O Novo Mundo* acompanhava atentamente o contexto racial do pós Guerra de Secessão, a “guerra intestina dos Estados Unidos”³¹. José Carlos Rodrigues estava convencido dos desmandos e da corrupção praticados nos Estados Unidos durante a Reconstrução Radical, porém o fato de admirar o progresso do país não significava fechar os olhos para os problemas nele existentes. Segundo Mattos, nesses anos a legalidade das práticas de segregação racial era um tema ainda em discussão, e muitas vezes estava presente no *O Novo Mundo*. Rodrigues não aprovava as leis anti-negros dos estados do Sul, e por muitas vezes relatou a discriminação em suas páginas.

Júlia Junqueira, com o mais recente trabalho da historiografia sobre a temática, faz uma biografia histórica do proprietário do *O Novo Mundo* – José Carlos Rodrigues. Júlia, partindo da perspectiva dos estudos acerca da biografia, tendo como eixo ordenador, o campo político. A historiadora se apropria da análise de Bourdieu em sua pesquisa. Para Bourdieu, a compreensão de uma trajetória só se apresenta através do estabelecimento dos estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e na interação do sujeito com outros indivíduos envolvidos no mesmo palco e confrontados em um determinado espaço.

Júlia, em sua biografia de José Carlos Rodrigues, optou por abarcar o período de 1867 a 1923, quando o jovem, recém-graduado em Bacharel, se mudou para os Estados Unidos, até o seu falecimento, ocorrido na capital francesa – Paris. Uma eleição que seguramente entrecruza-se com os objetivos acerca do caminho percorrido por esse

³⁰ André Rebouças e José Carlos Rodrigues conheceram-se em 1873 quando André visitou os Estados Unidos. Tornou-se colaborador frequente do *O Novo Mundo*. Rebouças e Rodrigues eram admiradores das coisas daquele país, porém Rebouças era monarquista, enquanto Rodrigues era defensor da república.

³¹ Ver: MATTOS, Hebe. André Rebouças e o Pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888-1898). In: *Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico*. Volume I (Identidades e Projetos Políticos). Organização: Carolina Vianna Dantas, Martha Abreu & Hebe Mattos. Niterói: UDUFF, 2013 (no prelo).

jornalista. Seu objetivo é examinar os vínculos sociais de Rodrigues, na conjuntura de sua trajetória jornalística e política, tanto no Brasil, como em Nova York e em Londres; averiguar a sua participação nos bastidores da política do final do Império e da Primeira República; e, por fim, identificar suas contribuições para a história da imprensa e para a historiografia brasileira, a partir da herança cultural por ele deixada — sua coleção de livros e sua produção intelectual.

A partir das perspectivas propostas pelo campo das Letras e das contribuições dos trabalhos na área de História, este trabalho visa estabelecer uma narrativa em seus próximos capítulos que coloca *O Novo Mundo* e José Carlos Rodrigues em uma posição de destaque e influência no contexto da década de 1870. A imprensa na conjuntura do século XIX – especificamente *O Novo Mundo* – foi um canal de difusão de culturas políticas, neste caso, a republicana e a abolicionista.

Dada à tamanha grandeza do periódico e de seu editor, uma pergunta fica: Porque, durante tantos anos, houve esse silêncio em relação a eles? Uma das hipóteses levantadas por este trabalho diz respeito ao fato de *O Novo Mundo* não seguir os padrões dos jornais da época, ou seja, os ditos “grandes” jornais tinham publicações semanais, grande circulação na Capital do Brasil e possuíam em sua redação nomes de destaque no cenário brasileiro. Deste modo, podemos associar o fato de José Carlos Rodrigues não ter sido incorporado como uma figura de destaque na dita Geração de 1870 com o silêncio de seu periódico e também da sua própria biografia.

Na escrita do periódico circulavam ideias e buscou-se traçar identidades políticas e culturais. Porém, para este possuir “peso” político era necessário que quem estivesse a sua frente fosse uma figura de grande renome e reconhecimento político. E até o momento, Rodrigues não possuía um lugar de destaque neste cenário brasileiro. Os estudos sobre o periódico ainda estão muito recentes e precisam avançar

demasiadamente, porém mesmo sendo poucos, já podemos constatar sua tamanha importância para o cenário político-social da década de 1870.

O Novo Mundo contou com um grupo de colaboradores que admiravam os rumos do desenvolvimento dos Estados Unidos e que acreditavam no modelo estadunidense como solução para os problemas político-sociais brasileiros. Compreender que estas ideias circularam durante toda a década de 1870 e também que a sociedade era regida a partir destas informações é fundamental, pois só assim conseguiremos compreender o contexto da década seguinte, onde temos uma grande intensificação dos movimentos de contestação ao regime então vigente, a proclamação da república e a abolição da escravidão.

José Carlos Rodrigues via na América do Norte o seu futuro: a grande imprensa americana era imponente em suas unidades espalhadas pelo país, em quantidade de publicações, em variações temáticas, em possibilidades de trânsito com grandes tipografias inglesas, principalmente no que se refere ao *aproveitamento* das gravuras. O anúncio também era uma novidade, era sinônimo de prestígio para a folha. De acordo com Gabriela Vieira Campos, um dos motivos que faz do *Jornal do Commercio* um jornal de repercussão - um dos maiores do mundo - é justamente o número de anúncios veiculado nele. Os únicos jornais diários que ultrapassam o seu número de anúncios são: o *Times* de Londres, com 1613 anúncios e o *Herald* de Nova Iorque, 976. Em 1870, os Estados Unidos possuíam 5319 folhas, das quais 550 eram diárias.

Conforme já foi dito anteriormente, o periódico tinha como principal objetivo interpretar o sucesso da república americana para os brasileiros. Notícias sobre política, indústria, agricultura, literatura e educação eram as mais encontradas nas páginas do periódico e são apenas alguns dos temas americanos que Rodrigues apresentou aos

brasileiros. Porém, vale destacar que *O Novo Mundo* não se limitava a falar das questões americanas. Rodrigues escrevia artigos sobre o Brasil, Europa e também sobre a América Latina. Em grande parte destas notícias é possível perceber claramente nas páginas uma religiosidade que deve ser entendida com muito cuidado.

Ela é certamente uma das características mais marcantes do periódico. Certa cautela deve ser tomada para que não se faça uma análise tangencial. Se por um lado José Carlos Rodrigues combate com unhas e dentes o catolicismo que se coloca como um obstáculo à liberdade e à ciência, por outro, esclarece o que representa a irreligiosidade (que dominou a consciência pensante do período republicano): para ele, uma sociedade sem religião é *uma coesão de indivíduos, mas não é mais uma sociedade. É a ruína, é a morte*. Para que se edifique uma sociedade moderna e civilizada é preciso que exista a democracia- e esta deve ter por base o Evangelho. O cristianismo seria, pois, o responsável pela regeneração individual e, como consequência, pelo progresso social. Pode-se afirmar que a religiosidade é uma linha mestra para se entender o jornal; no entanto, religiosidade associada ao progresso.

Os textos do periódico, essencialmente argumentativos, procuravam articular os acontecimentos dos Estados Unidos a problemas e/ou soluções de questões nacionais; era uma espécie de balanço do que já havia ocorrido, junto a apresentação do que o leitor deveria esperar naquele número. Os artigos biográficos de *O Novo Mundo* eram quase que exclusivamente elogiosos, enalteciam sobremaneira as qualidades do indivíduo em questão, traziam, quando a personalidade era do mundo das letras, excertos de textos, obras famosas, comentários de *O Novo Mundo*, de algum crítico. As biografias ocupavam a capa do periódico e sempre vinham acompanhadas de uma bela e destacada imagem.

A segunda sessão era destinada aos “Topicos do mez” ou as “Noticias americanas”. Após 1875, conforme aponta Boehrer, foi criada no periódico uma seção destinada somente às mulheres, e é nesse contexto que Rodrigues defende o direito das mulheres e em suas páginas publica um texto intitulado de “Sufrágio mulheril”, onde nele defende, inclusive, o voto feminino. As últimas páginas eram destinadas a anúncios, conforme já foi apontado anteriormente.

Podemos afirmar que o periódico passa por quatro momentos marcantes: o momento de sua fundação (1870), a fundação do *The Novo Mundo Association* (1875), a criação da Revista Industrial (1877) e a suspensão das tiragens do periódico (1879). A fundação do *The Novo Mundo Association*, se dá em detrimento da dificuldade de José Carlos Rodrigues não conseguir mais controlar sozinho as demandas do periódico. Segundo ele próprio, o aumento dos negócios e a fundação do periódico espanhol *America Ilustrada* eram demandas muito grandes para a responsabilidade de um só homem. Enaltecendo os antigos tempos (a fundação do periódico e o caminho que percorreu até então) para a consagração de um novo, Rodrigues afirma em suas páginas:

“Cremos, entretanto, já ter demonstrado que um só individuo fiado unicamente em Deus e nas forças por Elle dadas, pode, em cinco annos, crear na America uma empresa respeitável. Felizmente, apesar de termos estado sós, inteiramente sós, na redação do Novo Mundo, cada um de seus 57 números tem sido embarcado pontualmente para o Brazil”.

(O Novo Mundo – 23 de julho de 1875)

Segundo Rodrigues, *O Novo Mundo* ainda estava longe de ser o periódico que ele gostaria de consagrar à pátria, porém, a organização da companhia pretendia trazer bases mais sólidas para o periódico. O *The Novo Mundo Association* se propôs também

a publicar livros para escolas (reafirmando o compromisso de Rodrigues com a educação) e outras obras de instrução popular. De acordo com a publicação de apresentação, a diretoria era composta por sete pessoas, nas palavras de Rodrigues, “nenhum Americano poderia reunir septe directores mais respeitaveis do que os nossos”.³²

Na linha de frente do periódico, compondo a direção, temos:

1. William H. Parsons – negociante e fabricante de papel que fornecia material para José Carlos Rodrigues desde a primeira publicação d’*O Novo Mundo*;
2. Alfred S. Barnes – o mais importante editor de livros de escolas dos Estados Unidos;
3. William W. Rand – há mais de quarenta anos se consagrava a causa de Cristo pela imprensa dos Estados Unidos;
4. Dr. Cornelius R. Agnew – o mais popular oculista da América, e que na diretoria representava o elemento literário e científico;
5. Noble Heath Junior – contador bem conhecido e amigo pessoal de Rodrigues;
6. Frederic F. Ager – Jovem advogado de Cambridge, principal organizador da companhia;
7. Albert G. Goodal – presidente da “Companhia Americana de Notas de Banco” que fabricava o papel moeda dos Estados Unidos.

Os funcionários que compunham diretamente a equipe eram: W. H, Parsons como presidente; J. de Sousandrade como vice-presidente; N. Heath Junior como secretário; e o ex proprietário (como ele mesmo se intitula no artigo) como gerente,

³² *O Novo Mundo* – 23 de julho de 1875.

tesoureiro e editor. Segundo Rodrigues, Sousandrade na vice presidência foi uma escolha para reforçar o elemento brasileiro na Associação.

Conforme foi mencionado anteriormente, o aumento dos fundos permitiu a publicação da *America Illustrada* – edição espanhola do *O Novo Mundo* –, periódico posterior ao intitulado *El Mundo Nuevo*³³ que foi incorporado ao *Novo Mundo* em 1874 e também a criação da *Revista Industrial*, em parceria com André Rebouças.

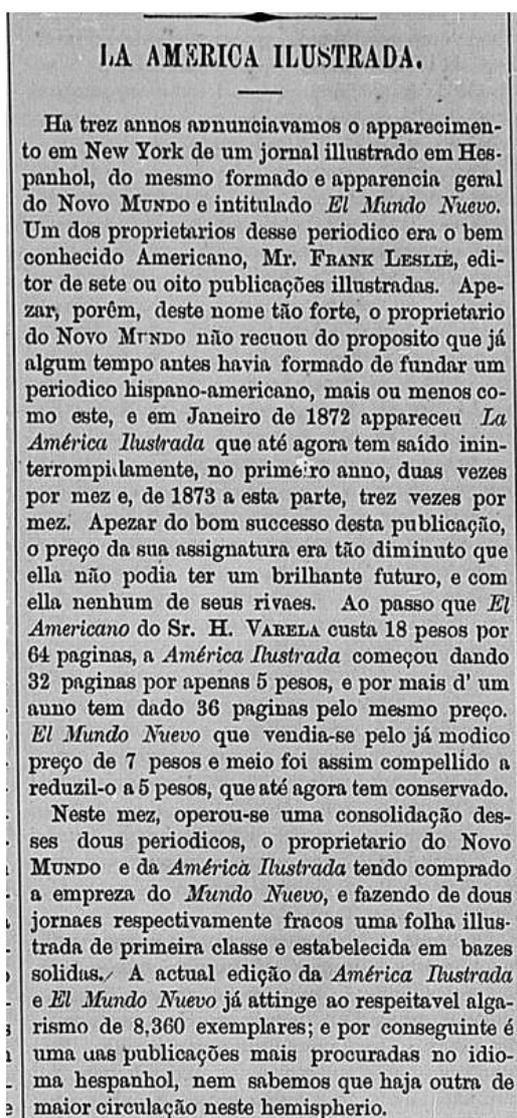


Imagem III - *O Novo Mundo* – 23 de maio de 1874.

Durante dois anos Rodrigues publicou paralelamente ao *Novo Mundo*, a *Revista Industrial* (Nova Iorque, 1877- 1878) – em parceria com André Rebouças –

³³ Vale a pena ressaltar que não foram encontrados registros do periódico disponíveis para pesquisa.

também com publicações mensais e ilustradas, a serviço, como queria o editor, da agricultura, indústria e generalidades. No editorial do primeiro número, Rodrigues estabelece o que serão os princípios desta nova publicação, dando especial atenção à agricultura³⁴, que terá mais espaço para ser discutida.

O terceiro e último momento, diz respeito à suspensão das publicações do periódico. Rodrigues, em publicação na edição de dezembro de 1879 deixa claro os motivos no qual o levaram a difícil decisão de suspender as edições do próximo ano. Segundo ele, através do despacho da tiragem de outubro de 1879, recebeu a notícia de que a partir de primeiro de janeiro de 1880 os direitos de entrada sobre impressos no Brasil seriam aumentados. Desta forma, a associação decidiu não publicar mais para o próximo ano, suspendendo assim *O Novo Mundo* e encerrando suas atividades em dezembro de 1879.

³⁴ *O Novo Mundo* – Julho de 1877

AO PUBLICO.

PELO paquete de Outubro recebemos do Brazil a noticia que a nova Tarifa que deve ser posta em execução no 1º de Janeiro p. f. augmentava os direitos de entrada sobre impressos de uma côr, de 100 rs. e 50 p. c. additionaes, por kilogramma, que eram, a vinte vezes essa somma, isto é, a 3\$ por kilogramma. Teriamos, pois, de pagar por cada exemplar do *Novo Mundo* pelo menos 500 rs. ou 6\$ por anno. Informaram-nos ao mesmo tempo que esta parte da revista Tarifa era tão absurda, que era provavel que não fosse afinal adoptada, e que se estabelecesse uma taxa equivalente a 1\$ ou 2\$ o kilogramma. Tambem ajunctaram que, fosse qual fosse a Tarifa, podia ser que o Governo fizesse um favor especial ao *Novo Mundo* ou a publicações brazileiras no exterior.

E' escusado dizermos quanto nos sobresaltou essa noticia. Um paquete posterior não nos trouxe melhores novas. Entretanto, estando nós a fechar um volume do periodico e a abrir um novo anno de assignatura fazia-se mister tomar uma decisão prompta. A questão era si começariamos o novo volume arriscando-nos aos direitos prohibitivos com que nos ameaçavam ou si suspenderiamos a publicação do periodico. Favores especiaes,—é desnecessario dizello, não acceptariamos.

Os que sabem que accumulção de trabalho incessante nos tem custado estes nove volumes annuaes podem avaliar da pena e da magua com que somos obrigados a tomar o segundo alvitre.

Depois de muitas perdas, devidas sobretudo ao despreço da moeda corrente do Brazil que nos tem levado cousa da terça parte de nossa renda, não podemos assumir a responsabilidade de uma taxa mesmo de cem réis por exemplar. N'uma edição respeitavel como a nossa o imposto, pequeno como pareça, consumiria mais que o lucro actual. As despesas no Brazil já são tão crescidas, tantas são as perdas com o cambio, com agencias, com o correio, etc., que só temos podido receber do Brazil 5\$ (moeda-papel) de cada assignatura, e isto com um Agente habil como o que temos tido. Uma nova taxa mesmo de duzentos réis, e a differença no cambio, importaria n'uma perda de perto de quatro contos em cada mil assignaturas annuaes, restando-nos, pois, um dollar ou 2\$ por cada assignatura annual,—com o que temos de fazer face ás despesas da publicação, que são bem peçadas.

Imagem IV - O Novo Mundo – 1 de dezembro de 1879.

Dado do entendimento dos principais momentos que o periódico passou, vale a pena destacar que algumas das questões levantadas neste primeiro capítulo ainda serão discutidas nos capítulos posteriores, principalmente no que tange o lugar no qual *O Novo Mundo* ocupa na década de 1870, seu discurso e desdobramentos, assim como o seu diálogo com outros periódicos. O silêncio historiográfico que o periódico passou durante tanto tempo está diretamente ligado à ausência de reconhecimento de Rodrigues como uma pessoa de destaque no cenário político da época. Cabe a nós, historiadores, retirar Rodrigues e *O Novo Mundo* do obscurantismo e trazer como colaboração para a

historiografia este rico material. Longe de esgotar esta fonte, esta pesquisa traz para as discussões historiográficas contribuições em torno do estudo do século XIX, da imprensa e, especificamente, das questões sociais e políticas da década de 1870.

Capítulo 2

Entre o editor e a produção do periódico: Abolicionismo,

O Novo Mundo e a imprensa oitocentista.

Capítulo 2 - Entre o editor e a produção do periódico:
Abolicionismo, O Novo Mundo e a imprensa oitocentista.

➤ **Política e sociedade – Questões em torno da segunda metade do século XIX:**

No pós 1850, segundo Hebe Mattos, a sociedade escravista passou por profundas mudanças: o fim do tráfico de africanos, o recrudescimento do tráfico interno e a concentração da propriedade escrava atuando diretamente na progressiva deslegitimação do cativo no Brasil. Somou-se a esse processo o combate à escravidão por princípios liberais e a defesa de que a escravidão atuava na corrupção dos costumes “civilizados”. O isolamento internacional do país foi, portanto, um fator crucial para o início do debate político sobre a emancipação. A partir daí o discurso entorno da abolição ganha muita força e os defensores desta começaram a ocupar espaços – de certa forma, bastante estratégicos – dentro da sociedade. No final da década de 1860 ganhou força a perspectiva de emancipação gradual e os debates sobre o tema se intensificaram.

Na segunda metade do século XIX, conforme aponta Emília Viotti da Costa, ocorreram determinados fenômenos que introduziram modificações tanto na estrutura social, quanto na econômica do Brasil. O primeiro deles, conforme foi apontado anteriormente, foi à cessação do tráfico de escravos em 1850, a instalação da rede ferroviária, iniciada em 1852 e que no final do século atingiu mais de nove mil quilômetros construídos e quinze mil em construção, a industrialização e o desenvolvimento do sistema de crédito.

A partir de 1850, a questão da substituição do escravo pelo trabalhador livre tornou-se um problema agudo. Nesse momento, a diminuição da oferta de mão de obra

escrava coincidia diretamente com a expansão das lavouras cafeeiras do sul do país. As dificuldades de acesso à mão de obra escrava estimularam as tentativas de substituição do escravo pelo imigrante e provocou o deslocamento do tráfico interno de escravos, parte deles foi deslocada das regiões decadentes do Nordeste do Brasil para o Sudeste cafeeiro. Emília Viotti da Costa aponta para o importante dado da transferência da mão de obra escrava dos centros urbanos para as zonas rurais. O crescimento do setor assalariado ampliou o mercado interno, criando uma base para o futuro crescimento industrial.

De acordo com Cláudia Regina Andrade dos Santos, os temas “abolição” e “abolicionismo” sempre foram tratados a partir de dois aspectos: a visão de liberdade do escravo e os projetos sociais de inclusão do liberta na sociedade. A grande problemática que pairava as questões em torno da Geração de 1870 ia além da questão da liberdade, ou seja, a inclusão destes libertos na sociedade era um tema amplamente discutido, e no caso desta pesquisa, especificamente, nas páginas d’*O Novo Mundo*. Onde a imprensa é utilizada como um canal de discussões destas questões.

A partir da perspectiva de Robert Darnton, a da circulação das informações e do diálogo entre a imprensa existente, é possível perceber o lugar que *O Novo Mundo* e também o seu editor ocupam nas discussões da década de 1870, especialmente em relação à escravidão e à monarquia no Brasil. A inexistência de relações modernas de trabalho, a persistência da estrutura econômica colonial e das instituições monárquicas, bem como a falta de instrução da população foram temas recorrentes nos artigos de *O Novo Mundo* durante os nove anos de sua existência.

Priorizando a abolição da escravidão com argumentos sólidos contrários à instituição, o periódico, dialogando com a imprensa oitocentista, buscava mostrar que reformas eram necessárias e essenciais para que o país tivesse acesso “ao progresso da

idade” e começasse a fazer parte das nações ditas “civilizadas”. Em seus propósitos reformistas e progressistas, *O Novo Mundo* apresentava, de forma geral, argumentos de oposição ao governo imperial e a ordem então vigente.

A especificidade da posição editorial de *O Novo Mundo* em relação à questão do trabalho esteve diretamente ligada à defesa da necessidade de construção de perspectivas futuras no que diz respeito à inserção dos libertos na sociedade, tendo como pressuposto básico a promoção da educação pública para todos. O tema “educação” é corriqueiramente discutido nas páginas do periódico, ocupando um lugar de destaque. Em nove anos de publicação mensal, somando um total de 108 volumes, conseguimos consolidar os seguintes dados a respeito do tema:

Ano de publicação	Quantidade de publicações
1870	6*
1871	16
1872	19
1873	16
1874	20
1875	14
1876	8*
1877	6*
1878	11
1879	17
Total de publicações:	133

A educação nas páginas d'O Novo Mundo – Tabela I³⁵

³⁵ O ano de 1870 possui menos publicações sobre este tema devido ao fato de a primeira edição do periódico ter sido em outubro de 1870 (contando com uma publicação sobre o tema). Nos meses posteriores (novembro e dezembro) houveram três publicações e duas, respectivamente.

No ano de 1876 houveram menos publicações devido ao fato do periódico estar cobrindo a Exposição da Filadélfia. As publicações deste ano estavam diretamente ligadas a notícias da Feira.

No ano de 1877 houveram menos publicações devido ao fato do periódico voltar suas publicações para a divulgação da Revista Industrial e continuar cobrindo as questões entorno da Feira da Filadélfia.

A tabela nos mostra dados importantes. O primeiro deles é a expressiva quantidade de artigos nos anos de 1871 a 1874 e 1879. Vale a pena ressaltar que nestes anos as publicações não seguiram uma homogeneidade no que diz respeito à quantidade de publicações por mês.

	1871	1872	1873	1874	1879
Janeiro	1	1	2	4	1
Fevereiro	2	2	3	2	-
Março	-	4	2	-	1
Abril	-	1	2	-	1
Maio	2	2	-	-	1
Junho	3	4	-	2	2
Julho	2	-	-	-	3
Agosto	3	-	2	2	-
Setembro	1	-	4	-	1
Outubro	-	2	1	5	4
Novembro	1	1	-	2	-
Dezembro	1	2	-	3	3
Total	16	19	16	20	17

Detalhamento mês/ano dos anos de maiores publicações sobre o tema “educação” – Tabela II

As publicações sobre o tema dizem respeito à educação nos EUA (modelo e progresso), a educação na Europa, a educação no Brasil e as perspectivas para o futuro. Neste contexto, Rodrigues aponta para a importância da educação pública e do investimento do Estado no setor.

O número elevado de publicações no ano de 1872 está diretamente ligado aos desdobramentos da lei de 28 de setembro de 1871 no Brasil (Lei do Ventre Livre) – principalmente no que diz respeito a metodologias de inserção do liberto na sociedade, juntamente aos avanços no que diz respeito à educação pública nos Estados Unidos, isto, claro, associado à inserção das mulheres e dos libertos no universo educacional. O

ano de 1874, outro ano de destaque no que tange as publicações sobre o tema, onde a educação dos meninos tem importante destaque. No ano de 1879 possui como temas principais a educação das mulheres e dos meninos, reforçando a importância da educação pública e do investimento do estado no setor, tendo como exemplo o modelo americano.

Conforme apontado no parágrafo anterior, a educação pública é um tema de destaque no periódico. Porém, vale a pena destacar a relação posta por Rodrigues entre os temas: educação x escravidão. Segundo o redator, a educação e o sistema escravista são antagonistas, para ele a escravidão deixa o ser humano na escuridão, em suas palavras, “nas trevas”. No artigo intitulado “*Escravidão e educação popular*” de dezembro de 1870 Rodrigues deixa claro seu posicionamento sobre o tema. Segundo ele, dados mostram claramente que a manutenção dos escravos sobre o espírito nacional de progresso é maléfica. Mesmo utilizando estatísticas feitas a cerca do Brasil, que são péssimas (segundo ele mesmo diz), não se precisava delas, pois só de analisar os caminhos da nação americana³⁶ já foi possível constatar um fato: o saber e a escravidão não podem viver juntos. Para chegar a tal conclusão, Rodrigues utiliza os dados do recenseamento que é feito de dez em dez anos pelo Estado americano. O artigo segue apontando o porquê de educação e escravidão serem antagonistas. Segundo Rodrigues,

“O escravo não recebe instrução alguma: pequeno, ou não tem pai, ou o pai não pode ensinar-lhe os rudimentos das relações deste mundo; maior não tem mestre algum que lhe ensine aquilo que precisa saber para fazer a sua felicidade e cumprir com o seu papel

³⁶ Rodrigues referia-se aqui aos censos realizados a cada dez anos nos Estados Unidos. Neles, se comprovou cabalmente, segundo ele, que estabelecendo um paralelo entre os Estados com e sem escravos no que diz respeito à instrução pública. Aqueles que não possuíam escravos o índice de instrução era muito alto, enquanto aqueles que possuíam escravos, seus índices eram baixos. A diminuição do número de escravos e, posteriormente, com a extinção da escravidão, os Estados Unidos conseguiram um número significativo no que tange a educação pública.

de homem – porque nem elle tem felicidade que prosseguir, nem é um homem. É preciso que se conserve o escravo nas trevas. A luz é a inimiga do seu dono e a completa obtusão do seu ser inteiro o único freio por que este o contém sujeito a sua mão”.

(O Novo Mundo – 23 de dezembro de 1870)

Neste trecho devemos nos atentar para o fato de Rodrigues se referir aos escravos como aqueles que não são homens. Para ele, a escravidão anulava os indivíduos e os colocava a beira da sociedade, onde, desta forma, o Brasil caminhava no sentido contrário ao do progresso e daí a sua imensa crítica ao Império brasileiro. Segundo Rodrigues o Brasil, no contexto da década de 1870 estava dividido em três grandes classes: “*os senhores de escravos, os escravos, e uma classe que podemos chamar de aderentes aos senhores de escravos*”³⁷. Para Rodrigues o que leva os homens a procurar o conhecimento e o saber, é a necessidade de ter meios de prover a si e a sua família, ou seja, é através do trabalho. Para ele, nenhuma das classes descritas anteriormente possuía esse incentivo: o escravo não o tinha, de certo; o senhor de escravos dependia inteiramente do trabalho do escravo; e as classes aderentes (aqueles que possuíam poucos escravos e que geralmente utilizavam os mesmo para ganho) possuíam um ou outro escravo onde arrecadavam o capital necessário para sua sobrevivência.

Continuando a criticar o modelo então vigente no país, Rodrigues, em seu artigo, de dezembro de 1870, aponta que os escravos não iam à escola, os aderentes aos senhores de escravos iam pouco, e os mesmos não possuíam incentivos para prosseguirem, e quanto aos filhos dos senhores, estes sim frequentavam as escolas, mas não com objetivo moral, nem pela necessidade de honra e trabalho, mas sim pela

³⁷ *O Novo Mundo – 23 de dezembro de 1870*

posição social, um título que dava *status* para aquele que um dia seria senhor de homens. Rodrigues afirma que isto é um resultado lógico da manutenção do regime escravista, ou seja, os brasileiros, num todo, concordavam inteiramente da necessidade da educação, eles percebiam o mal imenso que é herdado da escravidão, porém enquanto ela existisse não seria possível o progresso e o crescimento das relações morais e econômicas.

Ainda neste artigo, Rodrigues conclui, através de uma avaliação positiva – utilizando a metodologia empregada nos Estados Unidos, ou seja, quanto menor o número de escravos, maior é a instrução pública – que as Províncias do Rio Grande do Sul e a do Ceará são aquelas que mandam mais meninos para as escolas. Estas são as Províncias mais adiantadas no que diz respeito à instrução popular. Segundo ele, “*a respeito do Ceará, ouvimos até ao correspondente de uma folha de New York dizer que a escravidão estava dali abolida praticamente*”³⁸. Em um segundo momento, o editor critica duramente a Província do Rio de Janeiro³⁹. “*Esta província é a mais rica de todas – também em número de escravos – Qual é o resultado disto a respeito da educação pública? Será a que mais gasta com as escolas?*”⁴⁰. Na ocasião, ele mesmo responde seu questionamento com um “não” enfático. Em suas palavras,

“De vinte províncias, nada menos que dezesseis gastam proporcionalmente mais do que ela. Será que mande mais meninos a escola, sendo, a mais rica, a mais populosa de todas, tendo-se em vista a sua área?”

³⁸ *O Novo Mundo* – 23 de dezembro de 1870

³⁹ A distribuição de escravos pelo mundo não era feita de forma igualitária, o Brasil recebeu cerca de 40% de toda a frota de escravos vindos do Atlântico entre os séculos XVI e XIX. Essa distribuição é marcada pelos laços comerciais estabelecidos entre Brasil e África, e variavam de região para região. No século XIX os escravos recém-chegados no Brasil vinham basicamente de três áreas: África Centro-Occidental, África Occidental e África Oriental. O principal local de importação de cativos no Brasil era a região Sudeste, e daí se destacava o Rio de Janeiro.

⁴⁰ *O Novo Mundo* – 23 de dezembro de 1870

Não, ainda. De vinte províncias, nada menos que dezessete enchem mais as escolas públicas proporcionalmente mais do que a Província em que está encravada a capital do Império. (...) É a que menos gasta com as tantas escolas que tem. Isso mostra como essas escolas são ineficientes”.

(O Novo Mundo – 23 de dezembro de 1870)

Neste sentido, o artigo aponta questões importantíssimas a cerca do momento vivido na década de 1870: onde vigorava a instituição da escravidão, não havia incentivo para aprender, ou seja, para a educação (a maior crítica de Rodrigues), prosperar era necessário que o mal da escravidão fosse abolido. Outro ponto importante diz respeito à educação das mulheres⁴¹. Uma questão também abordada por Rodrigues no tocante que diz respeito ao progresso. Em sua interpretação, a educação não deveria ser um privilégio somente dos homens.

Conforme aponta em seu artigo de novembro de 1871 – “*As escolas brasileiras*” –, Rodrigues comprova através de dados estatísticos a grande ausência de meninas nas escolas brasileiras, onde a cada onze meninos em escolas primárias (públicas e particulares), apenas quatro eram meninas e a cada vinte e seis meninos em escolas secundárias, somente quatro eram meninas. Outro dado importante diz respeito à proporção de meninos nas escolas que, segundo o editor, para cada noventa e dois habitantes, somente um menino frequenta a escola⁴², o que comprova a grande defasagem na questão educacional no Brasil.

De acordo com Rodrigues, no contexto da década de 1870, as Províncias do Brasil gastavam entre um quarto e um décimo das suas rendas na manutenção das

⁴¹ Este tópico será aprofundado no próximo capítulo deste trabalho

⁴² *O Novo Mundo* – 23 de dezembro de 1870

escolas públicas. Em uma classificação das Províncias em sete estágios de investimentos em educação pública (utilizando dados do próprio periódico⁴³), obtemos os seguintes resultados:

- 1 – Quarta parte dos recursos: Ceará, Paraíba, Minas Gerais e Goiás;
- 2 – Quinta parte dos recursos: Maranhão, Rio G. do Norte, Alagoas, S. Catarina;
- 3 – Sexta parte dos recursos: Espírito Santo e São Paulo;
- 4 – Sétima parte dos recursos: Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul;
- 5 – Oitava parte dos recursos: Bahia;
- 6 – Nona parte dos recursos: Piauí, Pernambuco e Sergipe;
- 7 – Um décimo dos recursos: Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso.

Convicto de que somente a educação popular levará o Brasil para os rumos do progresso, Rodrigues afirma: *“Todos estão convencidos que a elevação do caráter nacional, como um todo, depende inteiramente da educação popular”*⁴⁴. E é neste sentido, enfatizando o seu discurso na necessidade do progresso (associado diretamente à educação e à instrução), que José Carlos Rodrigues ataca diretamente o sistema escravista vigente no país. O tom utilizado por Rodrigues em sua primeira publicação (em outubro de 1870) é de indignação e cobrança imediata do Imperador a respeito da questão da abolição. Leu-se n’*O Novo Mundo* em outubro de 1870:

“Há quatro annos quando o Sr. D. Pedro II declarou que ia tomar medidas para abolir quanto antes o elemento servil do Império, toda a imprensa estrangeira exaltou de um sincero jubilo por ver o Brasil ir aceitando tão depressa a moral da guerra intestina dos Estados Unidos. “E a Hespanha” se disse

⁴³ *O Novo Mundo* – 23 de dezembro de 1870

⁴⁴ *O Novo Mundo* – 23 de dezembro de 1870

então, “Será o último paiz com escravos”. Felizmente a Hespanha já decretou que quem quer que é nascido nos seus domínios é livre: mas infelizmente o Brazil deixou á Hespanha a palma que lhe era dada de abolir primeiro a escravidão.

(...)

Nós vemos aproximando-se a passo largo a crise da mudança do systema de trabalho por todo o paiz, e todas as mais complicações que ela arrasta; e nós cremos que estudos e relatórios e tempo nos podem livrar das consequências da crise. Essa crise da mudança é o único preço que se nos pede do pecado de nós e de nossos antepassados, e nós ainda queremos regatear com ele! E o que seria si se nos fosse pedido, como o foi nos Estados Unidos, o sangue de um milhão de homens, - tantos homens quantos morreram em todas as guerras do primeiro Napoleão, que o mundo ainda contempla espavorido!”

(O Novo Mundo – 24 de outubro de 1870)

Ao mesmo tempo em que Rodrigues usa um tom de cobrança em seu artigo publicado em outubro de 1871, um ano depois, em outubro de 1871, no artigo intitulado “*Grande e modesta revolução*” ele enaltece a promulgação da lei de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre) e a trata como o início de um caminho longo rumo ao progresso. Rodrigues utiliza os seguintes termos:

“A hora em que vamos para o prelo, dá-nos o telegrapho transatlantico a grata notícia que o projeto da emancipação dos escravos no Brasil foi aprovado no senado por grande maioria.

O Brazil de outubro de 1871 é um Estado que já orgulha a seus cidadãos pela determinação pronta e inflexível com que aplica a seu regime político e econômico as lições da moral e da justiça, que a providência escreve na história.”

(O Novo Mundo – 24 de Outubro de 1871)

No desenrolar de seu artigo, Rodrigues traz à memória de seus leitores aquilo que sempre defendeu, desde a sua primeira publicação: a emancipação. Ele refuta também a resistência das Províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro em aceitar a promulgação da lei, tendo em vista a substituição do trabalho escravo em detrimento do trabalho livre, o imigrante (algo que já era colocado pelo periódico como uma solução para a substituição da mão de obra escrava). Em suas palavras:

“Nós temos mostrado neste periódico que a emancipação se recomenda ainda até no próprio terreno dos interesses materiais dos atuais possuidores de escravos: mas é impossível negar-se a dificuldade de se convencer disto a quem, como eles, dispõe presentemente de tantos meios poderosos de produção, cuja substituição lhes propomos por outros que lhe parecem tão incertos. Dahi é que procedeu a grande opposição que o projeto encontrou em parte de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, onde mais floresce a escravidão. Agora, porém que a emancipação é uma lei, é de esperar que essas províncias, onde há tanta energia, inteligência e industria na classe de seus fazendeiros, comecem a realizar a vantagem, senão atual, ao menos em um futuro próximo, da mudança do sistema de trabalho.”

Rodrigues finaliza o seu artigo com a frase, em tom de comemoração: *“D’ora em diante ninguém mais é feito escravo no Brasil”*. Embora haja, à primeira vista, um excesso de otimismo na questão então abordada, vale a pena ressaltar duas questões que justificam a efusividade de Rodrigues em sua afirmação: a promessa de abolição já se estendia por um longo período, ou seja, a promessa de extinguir o trabalho escravo nunca fora cumprida até então e outro fator importante de se destacar é o fato da votação da lei ter dividido o parlamento, os debates e as disputas foram acirrados, principalmente no que tange os interesses do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. A aprovação significou uma importante vitória para aqueles que lutavam pela reforma.

Nas edições posteriores de seu periódico, Rodrigues prossegue dialogando com os desdobramentos e discussões a cerca da Lei de 28 de setembro de 1871. Na capa de novembro de 1871, ele traz o Visconde do Rio Branco, o *“verdadeiro estadista (...) que carrega o título de um dos grandes estadistas do mundo”*. O título de “estadista” mencionado por Rodrigues diz respeito à Lei do Ventre Livre. Rodrigues coloca Paranhos como uma peça fundamental para a promulgação da lei e afirma que a escravidão era um *“escândalo insuperável ao caminho do progresso”*. Em suas palavras:

“Com o projeto de emancipação que tornou-se lei, graças aos seus esforços, o Sr. Paranhos pelo menos conseguiu tanto para o seu país, como obtem os maiores estadistas de outras nações nas suas conjunturas mais críticas. Muitos de nossos publicistas e oradores parlamentares compreendiam perfeitamente o mal da escravidão, e reconheciam que ele era um escândalo insuperável no caminho do nosso progresso.

Ajudado pelas circunstâncias, o Sr. Paranhos viu se em posição de poder remover o mal, ou pelo menos de dar-lhe um golpe mortal. Elevando-se a verdadeira espera de um estadista, ele não fugiu a tarefa de manear uma questão tão delicada e espinhosa, mas resoluto, firme e patriota, decidiu-se a sovel-a do melhor modo possível; e é escusado dizê-lo que o fez. “

(O Novo Mundo – 24 de novembro de 1871)

Rodrigues descreve, o que a seu entendimento, é o papel de um estadista, ou seja, para ele é aquele que não observa exclusivamente uma ou outra questão, não é aquele que tenta agradar lados ou tampouco aquele que despreza a opinião dos outros. Para ele, o estadista conhece os sinais do tempo e *“é profeta do futuro; muitas vezes ele precisa sacrificar a boa reputação e, aparentemente, os próprios princípios que lhe são mais claros”*⁴⁵. Classificando o Visconde do Rio Branco como um grande e importante estadista, Rodrigues afirma que ele conseguiu o princípio da reforma emancipadora, nesse sentido, podemos observar que o editor reconhece o papel importante que o Visconde ocupou na promulgação da lei, mas também reconhece que ainda há um longo caminho pela frente, no que diz respeito ao projeto de emancipação.

⁴⁵ *O Novo Mundo – 24 de novembro de 1871.*



Imagem V – *O Novo Mundo* – 23 de novembro de 1871

Em novembro de 1871, em diálogo com a imprensa americana, *O Novo Mundo* trouxe em suas páginas a repercussão da Lei de Ventre Livre na imprensa americana. Os editoriais do *Nation*, *New York Times*, *Independent*, *Tribune* e do *U. S. Economist* enalteciam a promulgação da lei, mas enfatizaram que passos maiores ainda precisavam ser dados. O *Nation*, por exemplo, afirmou que a importância principal da lei estava no fato dela privar a escravidão do seu caráter de permanência, e que provavelmente a emancipação voluntária e gradual por parte dos senhores de escravos aconteceria, ou seja, esse seria um movimento natural. Porém, a tal “movimentação natural”⁴⁶ não ocorreu. Neste contexto, a opinião pública americana estava otimista com a Lei do Ventre Livre, ela significava o início do processo de acabar com a escravidão no país.

⁴⁶ Neste caso, a “movimentação natural” diz respeito a não haver necessidade de leis que garantissem a liberdades dos cativos. Ou seja, haveria uma conscientização de que a escravidão já não mais fazia parte do mundo moderno e que a mesma deveria ser abolida definitivamente. Porém, no Brasil, não ocorreu desta forma. Foi necessária a promulgação da Lei em 1888, que acabava com o trabalho escravo no país.

O *New York Times* apontou para o fato de que todos os homens políticos do Brasil reconheciam o fato de que havia de se fazer alguma coisa para acabarem com a escravidão, todos concordavam que a servidão do homem não deveria ir adiante. Em suas palavras:

“Mas, Liberaes e conservadores, ao passo que desejavam dar-lhe um xaque, não propunham a sua extirpação total e instantânea. Os Liberaes foram os primeiros que, há quatro anos, comprometeram o Império, pela fala do trono, na execução da reforma radical da instituição... mas os conservadores, guiados pelo ilustre Visconde do Rio Branco tiveram acidentalmente a gloria e o poder se levar por pratica a teoria do Liberaes, propondo a Lei que passou a 27 de setembro.”

(O Novo Mundo – 24 de novembro de 1871)

O *Nation* aponta para outro fato importante e já sabido pela historiografia: a oposição ao projeto de emancipação veio, quase que inteiramente, das Províncias que mais escravos possuíam: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Segundo o editorial, a votação no Senado não seguiu a máxima do acirramento de votos, só houve quatro votos contrários e esses quatro não representavam oposição a ideia principal da lei, mas sim a seus proponentes (o principal deles era Zacarias de Vasconcelos).

Para o *Tribune*, a Lei foi uma espécie de compromisso ilusório com a “aniquilidade” e carregava para a geração seguinte à concessão que deveria fazer desde aquele momento. Porém, a Lei era um ganho, ela implicava a escravidão um cunho de reprovação oficial do Império. Em suas palavras:

“Daqui por diante, a compra e venda de seres humanos é um mal que só é tolerado por algum tempo,

porque está radicado demais para ser cortado de uma vez. Deste modo se acoroçoa o sentido público contra esse mal e além disso só anima a emancipação voluntária”.

(O Novo Mundo – 24 de novembro de 1871)

No contexto da Lei de 28 de setembro de 1871, vale a pena ressaltar que de acordo com Sidney Chalhoub, ela emerge como uma arena de conflitos com as mais variadas dimensões. Da intervenção pública no “governo da casa” à consagração de direitos costumeiros, os conflitos se reproduziram e se acirraram com a condição de ingênuos dos filhos dos cativos nascidos após a lei. Os filhos ficaram em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quais tiveram a obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de oito anos completos. Quando os filhos chegavam a essa idade, o senhor da mãe tinha a opção, ou de receber do Estado a indenização, ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 anos completos.

Os novos tempos inaugurados pela lei de 1871 são resultado dos embates nos tribunais e nas ruas, empreendidas por cativos, libertos e partidários da reforma pela abolição. A afirmação de direitos da população negra relacionava-se com a consolidação de uma cultura política da liberdade em face da nostalgia imperial, relacionada a um tempo de domínio absoluto dos senhores no “governo da casa”⁴⁷.

Até 1871, também depois, havia muita discussão jurídica sobre as limitações de cidadania daqueles que nasceram após a Lei. A reforma de 1871 estava associada à discussão sobre esses direitos políticos dos alforriados e também dos recém-nascidos. Segundo Hebe Mattos,

⁴⁷ “Governo da casa” de acordo com a definição de Ilmar de Mattos In: MATTOS, Ilmar R. de. "Luzias e Saquaremas: Liberdades e Hierarquias". In: *O Tempo saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

“se os “ventres-livres” fossem considerados “ingênuos”, isso os tornaria cidadãos brasileiros plenos. Apesar de ficarem assim conhecidos, a questão permaneceu controversa do ponto de vista jurídico até a Lei Áurea.”

(MATTOS, 2013: 24)

Nesse sentido, se na interpretação de muitos, assim como na de José Carlos Rodrigues, a emancipação total dos libertos era uma questão de tempo, se fazia necessário, mais do que nunca, classificar os ventre-livres como “ingênuos” e também pensar a respeito da inclusão destes libertos na sociedade. A educação, principal bandeira de Rodrigues, foi a ferramenta defendida por ele em suas páginas futuras no periódico. Em 23 de abril de 1875, Rodrigues publica um artigo, intitulado “*O futuro dos ingenuos*”, onde este apontava o principal problema da emancipação sem a inclusão: Fazer homens livres é o de menos, a educação dos milhares de ingênuos não deveria ser menosprezada, pois a educação é a defesa própria destes indivíduos. A ignorância e a depravação destes, segundo Rodrigues, eram perigos vitais para a sociedade. Rodrigues começa seu texto problematizando a questão da educação dos ventre-livres, em suas palavras:

“Ha perto de quatro annos foi promulgada a lei da emancipação do ventre, e desde logo apresentou-se ao paiz um dos mais graves problemas que tem tido de resolver. Fazer homens livres é, comparativamente o de menos. Habilital-os, porém a gozar da sua liberdade e a servir á pátria nesse gozo, é a luta constante a que todas as nações cultas se entregam.”

(*O Novo Mundo* – 23 de abril de 1875)

Denunciando esse fato, Rodrigues, continua seu artigo apontando que o Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, avalia que vale a pena cultivar a mão de obra que trabalha nas plantações de café e algodão e investir menos em educação e instrução. Em contrapartida, nos Estados Unidos, segundo o editor, gastavam-se anualmente cem mil contos só com as escolas populares (além do que se gastava com os Estados e nos investimentos nas escolas particulares, as secundárias e o ensino superior).

Rodrigues afirma que o então governo “*contentou-se em fazer passar a lei de 1871*” (palavras do próprio editor) e que ele nada estaria fazendo para regular as consequências naturais da ação de 1871: a instrução dos ingênuos. Defensor dos direitos dos libertos, não só no que tange a liberdade do cativo, mas no que diz respeito à aquisição de direitos, Rodrigues afirma que a ignorância era um perigo, pois estes seriam, futuramente, votantes e disporiam da fortuna pública. A educação destes era a própria defesa do Estado. Como uma forma de cobrar o Estado brasileiro, a imprensa tem seu papel reafirmado no contexto social e político, pois para Rodrigues, a imprensa e a opinião pública devem cobrar um plano geral de educação progressiva. Nas palavras do periódico, o editor conclui que “*seja qual foi o meio, o que é certo é que, na crise que atravessamos, faz-se urgente cuidar-se desde já em assentar um plano de educação dos ingênuos da lei de 23 de setembro de 1871*”⁴⁸.

As bases que fortaleciam o sistema escravista estavam sido enfraquecidas diante de todas as mudanças ocorridas até então. Dada a questão política e social a respeito do escravismo e também do lugar/dimensão das discussões em todos os segmentos da sociedade, a imprensa passa a ser um veículo importante de informação e difusão de pensamento. No caso do periódico, ele se coloca na defesa de medidas de inclusão dos libertos e reconhecendo seus direitos legais (a questão da denominação “ingênuo”),

⁴⁸ *O Novo Mundo* – 23 de abril de 1875.

além, é claro, da defesa de ampliação da educação pública e também da ação e investimento do Estado nesse setor.

No próximo tópico deste capítulo serão abordados os desdobramentos da ação política contra o escravismo (a questão da mão de obra imigrante), a educação das mulheres (tema já inaugurado neste tópico, porém, não aprofundado) e o progresso.

➤ **A década de 1870 e as arenas de conflito: liberdade, trabalho e imigração:**

No pós 1871 as arenas de conflito foram redefinidas. Gradativamente o poder senhorial foi se esvaindo, e os senhores amargam uma das maiores derrotas desde as alianças com a monarquia brasileira na década de 1840. Os senhores foram rompendo com o Estado, e as dissensões aumentaram no interior da classe senhorial. A década de 1870 foi marcada por movimentos que defendiam a abolição total da escravidão e a proclamação da república no Brasil, e o papel da imprensa nesse momento é a de um canal de transmissão de *culturas políticas*⁴⁹.

Neste sentido, a *cultura política* é compartilhada por um grupo expressivo de pessoas na sociedade que possui um mesmo tipo de visão política. Dessa forma, o conceito é exposto através dos valores e das normas que grupos de expressão da sociedade compartilham entre si. Ao compartilharem leituras do passado, presente e futuro comum, constroem assim identidades e memórias coletivas. Através da cultura política, as pessoas partilham visões de mundo. Para Serge Bernstein, a *cultura política*

⁴⁹ Para Serge Bernstein a utilização do conceito de cultura política possibilita que nós, os historiadores, tenhamos uma resposta mais satisfatória sobre a complexidade dos comportamentos políticos dos agentes sociais. Os comportamentos políticos são mais complexos do que imaginamos e ao utilizarmos o conceito podemos analisar sobre as motivações políticas dos agentes, e neste caso, especificamente, *O Novo Mundo* e a intencionalidade do seu discurso abolicionista. A cultura política constitui um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama.

surge em um momento de crise da sociedade, com o objetivo de dar respostas a essa crise, ou seja, nas páginas do *O Novo Mundo* durante todo o ano de 1870, a cultura política abolicionista surgiu como não só uma solução para a crise instaurada no Império, mas como uma necessidade, tendo em vista a mão de obra livre.

A partir do momento que se configura a dita “crise da mão de obra”, acentua-se a tendência de identificar a visão de liberdade do escravo à ociosidade e à vagabundagem. De fato, a ideia segundo a qual seria impossível contar com o liberto na economia pós-escravista afirmou-se, pouco a pouco, como um argumento central nos debates que acompanharam o processo de dissolução da ordem escravista no Brasil.

As questões entorno da escravidão e do trabalho estavam corriqueiramente sendo discutidas não só entre juristas e componentes do Estado, essas discussões também estavam presentes na imprensa brasileira. *O Novo Mundo* emergiu na década de 1870 como um defensor ferrenho da liberdade dos indivíduos, principalmente no que tange a relação entre a liberdade e a questão religiosa, onde, na interpretação de Rodrigues, ninguém deve agir de modo a ter o outro como propriedade. Para *O Novo Mundo* a questão cristã está diretamente relacionada à liberdade do escravo, ou seja, o negro é nosso semelhante e todos devem obedecer à vontade de Deus, a lei divina, e libertá-los – deixando clara a questão religiosa e a compaixão ao semelhante. Em suas palavras, *O Novo Mundo* afirmou,

“Nós vemos aproximando-se a passo largo a crise da mudança do systema de trabalho por todo o paiz, e todas as mais complicações que ela arrasta; e nós cremos que estudos e relatórios e tempo nos podem livrar das consequências da crise. Essa crise da mudança é o único preço que se nos pede do pecado de nós e de nossos antepassados, e nós ainda queremos regatear com ele! E o que seria si se nos fosse pedido,

como o foi nos Estados Unidos, o sangue de um milhão de homens, - tantos homens quantos morreram em todas as guerras do primeiro Napoleão, que o mundo ainda contempla espavorido!

A lei do Christianismo, que professamos seguir, diz que o negro é nosso irmão: bem podemos demorar a nossa obediência desta lei, até que a estudemos e nos convençamos que ella é verdadeira, - ella, no fim de tudo, é a mesma lei divina, sancta e immutavel, - é uma relação necessária entre nós e o negro. Quanto mais cedo, pois, observarmo-la, mais perto será a seara daquellas recompensas que o Pai de todos tem reservado para os que seguem as suas aspirações e o ensino.

Se não houvesse a escravidão na terra, os seus filhos não poderiam exercitar, á sua imagem, a sancta gloriosa missão de libertal-os, e a parte mais exaltada do seu ser, delles, não poderia ser trabalhada.

O Senhor quer um sacrificio do Brazil: façamos a sua vontade com uma confiança firma e desprezemos essas dificuldades de dous dias.”

(O Novo Mundo – 24 de outubro de 1870)

No contexto da difusão de um pensamento antiescravista, ou seja, daquele pensamento que condena a prática da escravidão diante, além das questões políticas, das questões morais (religiosa) é que *O Novo Mundo* se insere. Rodrigues era um entusiasta do modelo norte-americano, que neste momento, era considerado como um grande avanço no que diz respeito a liberdade dos indivíduos. Tendo os Estados Unidos como um modelo a ser seguido, principalmente no que tange a liberdade dos indivíduos, o

periódico se destaca no número de publicações sobre o país. A tabela abaixo mostra a quantidade de publicações por mês/ano sobre o tema:

	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	1877	1878	1879	
Janeiro	-	11	11	11	14	12	5	5	3	6	
Fevereiro	-	8	10	12	5	4	4	7	1	3	
Março	-	11	9	5	6	5	7	2	4	1	
Abril	-	7	7	7	10	3	5	6	3	4	
Mai	-	13	7	6	4	8	3	4	2	2	
Junho	-	13	12	4	4	5	3	2	3	2	
Julho	-	10	4	6	4	S.P.	2	5	3	4	
Agosto	-	5	7	5	5	2	2	4	3	5	
Setembro	-	7	7	9	8	6	4	2	1	1	
Outubro	12	10	7	6	10	2	S.P.	3	3	6	
Novembro	10	9	6	5	8	2	S.P.	0	3	3	
Dezembro	14	12	9	9	7	2	S.P.	3	5	5	
Total	36	116	96	85	85	51	35	43	34	42	623

Notícias sobre os Estados Unidos – Tabela III⁵⁰

Com um total de 623 publicações sobre os Estados Unidos em nove anos de periódico, *O Novo Mundo* surge no cenário que envolveu as questões do pós-guerra civil americana no contexto da década de 1870. Em suas páginas é possível observar o entusiasmo de José Carlos Rodrigues (proprietário e editor de periódico) com o modelo americano vigente.

Um dos trabalhos de maior referência sobre *O Novo Mundo* foi feito pela professora e pesquisadora Elza Miné⁵¹, que realizou um minucioso fichamento sobre alguns pontos específicos do periódico. Tal metodologia consistiu em medir a superfície do jornal e a partir de então extrair as principais tendências ou as variações das mesmas

⁵⁰ O termo “S.P.” significa “sem publicação”. Nos meses em que a sigla está não houve publicação do periódico, ou seja, naquele mês o periódico não foi escrito. Os motivos que levaram a não publicação variam, vão desde o não fechamento da edição a problemas com o envio da remessa para o Brasil.

⁵¹ SILVA, Elza Miné da Rocha e. *O Novo Mundo 1870-1879. Da enunciação da proposta às suas revisitações*. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

ao longo dos anos. Nesse sentido, ela fichou as matérias por assunto, o que foi pelo título, e, em seguida, as agrupou em seções maiores, também temáticas. Com os dados em mãos, foi possível à pesquisadora realizar um mapeamento dos assuntos e organizá-los em grandes grupos temáticos. Dessa forma, seu estudo colaborou para que, comparando as análises, pudéssemos perceber as principais temáticas do periódico. Abaixo, podemos observar como ela registrou os principais grupos:

1. Grupo A:

Política e administração pública; Ensino e educação; Organização social.

2. Grupo B:

Assuntos econômicos e financeiros; Agricultura e pecuária; Indústria e tecnologia; Meios de comunicação.

3. Grupo C:

Ciência; Imprensa periódica; Livros e publicações; Movimento artístico

4. Grupo D:

Religião.

Elza Miné não coloca o tema “escravidão e abolicionismo” em um grupo específico, ela o aponta a partir de um subgrupo. Porém, para este estudo, ter um grupo específico sobre o tema destaca a importância do discurso do periódico sobre ele. Composto o Grupo A⁵², o tema “escravidão e abolicionismo” se destaca, principalmente, no contexto das discussões do período sobre o tema. Nesse contexto, vale a pena ressaltar que o antiescravismo só prevaleceu onde havia um prolongado acúmulo de problemas na ordem escravista e uma ligação de diversas forças e ele opostas, como é o caso dos Estados Unidos. A escravidão passa a ser vista como um problema moral. Porém, a instituição da escravidão era sustentada pelo respeito à

⁵² Entende-se como “Grupo A” o grupo com maior número de publicações no periódico, ou seja, um grupo com temas de grande destaque.

propriedade, pela falta de respeito aos negros e pelas definições preponderantes do interesse nacional – o que, neste caso, era aquilo na qual *O Novo Mundo* combatia em seus argumentos.

O periódico é um testemunho de importantes discussões e debates político-sociais em um momento em que os alicerces da construção nacional brasileira estavam sendo amplamente questionados, ou seja, era transmissor de uma cultura política abolicionista e progressista. Nesse sentido, constantemente o periódico atacava o regime monárquico do Brasil, conforme foi apontado anteriormente, através de sua crítica a figura de D. Pedro II e ao regime então vigente no país, no que tange a escravidão, a mão de obra livre e a educação.

Durante toda a década de 1870, inúmeros intelectuais defenderam a entrada de imigrantes no país, em substituição a mão de obra escrava – José Carlos Rodrigues através d’*O Novo Mundo* fazia parte deste grupo. Uns defendiam a abolição gradual, outros defendiam a abolição imediata. Um fato incontestável, independente do tipo de abolição defendida, é o fato da força do discurso em torno da defesa da mão de obra imigrante, principalmente europeia. E *O Novo Mundo* em muitos dos seus artigos defendia a introdução da mão de obra imigrante em substituição a escrava. Tratando a mão de obra imigrante como um importante progresso (já aplicado nos Estados Unidos e ainda em processo nos Brasil), leu-se n’*O Novo Mundo*:

“No Brazil, como em toda a America, o interesse maximo é a immigração. Nossa pátria contém hoje apenas uns dez milhões de habitantes; basta que o “bem estar” e a immigração elevem a sua população a densidade da de Portugal para que seja o Brazil uma nação de 360 milhões de habitantes. Entretanto, é a immigração em larga escala, são os estrangeiros que tem de fazer a nossa pátria esse immenso beneficio de

constituiu-a uma potencia, como jamais houve igual no mundo.”

(O Novo Mundo – Fevereiro de 1877)

Em outro artigo, Rodrigues enaltece a presença do imigrante e destaca a maneira respeitosa com que é recebido no país:

“O imigrante que chega à América não sofre restrições, e são recebidos, no seu estado degradado e bruto, com braços abertos, com uma generosidade social e política sem paralelo na história. Confere-se-lhe desde logo a mesma liberdade de ação e os gozos completos que frue o americano. As feridas e dores que trouxe da pátria são tratadas com todo o carinho, não só por sacrifícios particulares, como também pelas instituições políticas.”

(O Novo Mundo – 24 de agosto de 1871)

Ainda no contexto da prosperidade da mão de obra livre, vale a pena ressaltar que em janeiro de 1871, *O Novo Mundo*, trouxe em suas páginas um artigo sobre o sucesso da produção agrícola americana, em detrimento do fim da escravidão e da adoção da mão de obra livre e imigrante. De acordo com Rodrigues, no artigo *“Prosperidade industrial de 1870”*,

“Já tivemos ocasião de mostrar qual a proposta moral dos Estados Unidos, como um povo, no anno que se acaba, vimos que este paiz ultimou a grande obra da emancipação e dos direitos ganhos por ele em sua indústria, isto é, vejamos como é que aumentou a sua prosperidade material.

(...)

A riqueza dos Estados Unidos parece ir-se aumentando numa proporção já igual – pelo menos –, a dos tempos antes da guerra. Si o commercio externo não revigorou ainda, o interno se multiplicou, as industrias fabril e agrícola, e a immigração desenvolveram-se rapidamente.”

(O Novo Mundo – 23 de janeiro de 1871)

O desenvolvimento dos Estados Unidos, segundo o artigo, não se deu somente no sucesso dos números da produção/exportação, mas também no desenvolvimento social e urbano do país. Segundo Rodrigues, o aumento populacional (devido ao fluxo de imigrantes) fez com que houvesse um aumento no número de estradas e moradias. Segundo *O Novo Mundo*,

“Calcula-se em um milhão o aumento na população do paiz no ano, a quarta parte sendo por immigração. Construíram-se seguramente dez mil milhas de estrada de ferro custando, com todos os seus adminiculos, trezentos milhões; constuíram-se talvez cem mil casas de moradia, avaliadas em quinhentos milhões; e o melhoramento dos outros bens raiz se calcula valer pelo menos outros quinhentos milhões.”

(O Novo Mundo – 23 de janeiro de 1871)

Rodrigues aponta para a importância da recuperação do país no pós Guerra de Secessão. Cinco anos depois da guerra, os Estados Unidos mostraram uma recuperação econômica satisfatória aliada ao progresso relacionado ao trabalho livre, como mostra *O Novo Mundo*,

“Em summa, cinco anos são passados apenas depois do fim da gigantesca luta civil, quando o paiz

estava completamente prostrado e aos olhos da Europa, falido: e eis-o já levantando-se vigoroso e continuando naquele progresso que antes da guerra enchia o mundo de respeito e admiração. Ha cinco anos, também, os Estados do Sul estavam inteiramente desorganizados, e em um montão de ruínas: o escravo estava livre do seu senhor e este ficara sem dinheiro em caixa e com toda a sua propriedade conculcada pelo pé pesado do soldado, e mais ainda, com um terror do futuro, proveniente nas novas relações entre elle e o antigo escravo: eis ahi o sul regenerando-se n'uma progressão extraordinária com o trabalho livre.”

(O Novo Mundo – 23 de novembro de 1871)

Nesse sentido, referindo-se ao Brasil, Rodrigues conclui,

“Sirva este exemplo eloquente para acalmar os temores dos que no Brazil se arreceiam da sorte da industria agrícola com a mais prompta possível abolição da escravidão, e possamos nos fazer dentro em breve acerca da prosperidade material do Imperio, uma demonstração tão lisongeira como a que ora desdobramos a nossos leitores.”

(O Novo Mundo – 23 de janeiro de 1871)

Ao mesmo tempo em que Rodrigues exalta o modelo americano, onde a mão de obra livre trouxe inúmeros benefícios para o país (mão de obra imigrante europeia), ele traz em suas páginas artigos que tratam a respeito do trabalho livre dos libertos nos Estados Unidos depois da Guerra Civil. Em 24 de abril de 1871, em um artigo que tratava sobre o relatório do Presidente, leu-se n' *O Novo Mundo*,

“Não é só com colonos estrangeiros que temos trabalho livre: muitas famílias nacionais existem hoje trabalhando em nossas fazendas, sob o mesmo contrato admittido para as colodias”.

(O Novo Mundo – 24 de abril de 1871)

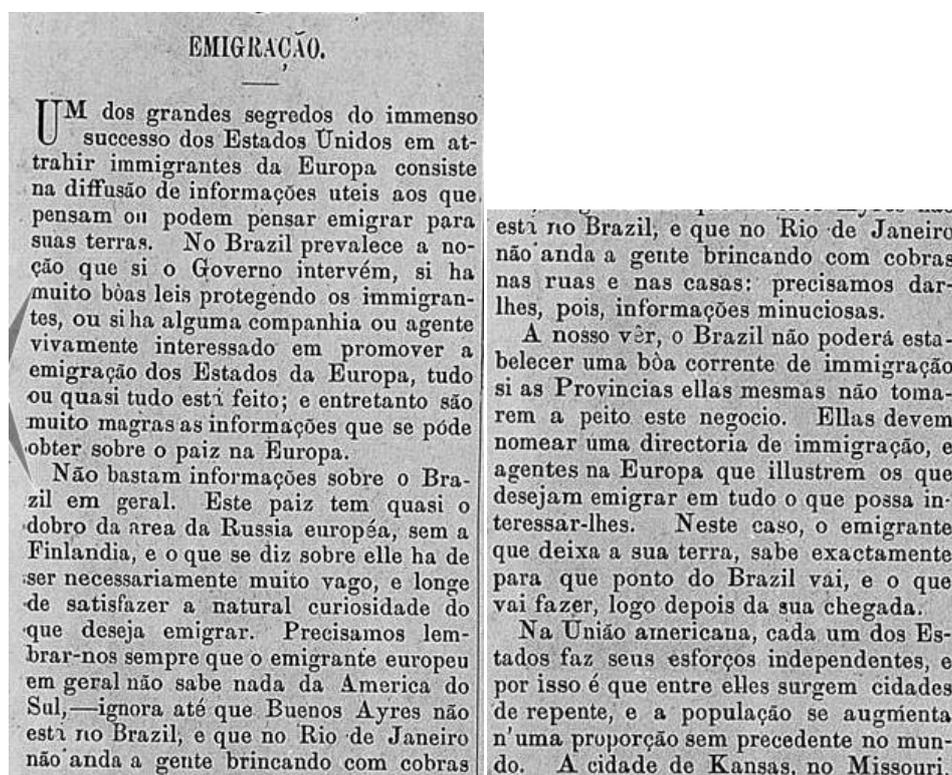
O Presidente conclui afirmando que o trabalho livre produziu maiores resultados do que aqueles obtidos enquanto se havia mão de obra escrava. Em 24 de outubro de 1871, o periódico destaca que a produção de algodão no sul dos Estados Unidos ainda sofria com os efeitos do pós-guerra, porém, a produção crescia extraordinariamente (utilizando a mão de obra liberta) e nesse sentido, a condição dos libertos ia melhorando a cada dia, apesar do fato de estar longe de ser inteiramente satisfatória. Nesse sentido, no que tange a questão do pagamento pelos serviços prestados, Rodrigues afirma que logo depois da emancipação, os negros foram trabalhar na terra de seus antigos senhores através do sistema de “parceria”, em suas palavras, *“quando chegou, porém, a ocasião da divisão dos lucros, os senhores acharam que os lucros do trabalho dos negros haviam sido absorvidos pelo alimento vestuário fornecido a estes, o sistema foi na maior parte abandonado”*⁵³, tal prática provocou indignação e revolta por parte dos libertos, e é a partir de experiências como estas que os pagamentos aos libertos passaram a ser a partir de salários.

Dado o contexto da mão de obra livre, neste caso especificamente a estrangeira, no Brasil, desde meados do século XIX, imigrantes europeus começaram a entrar em número crescente no país, principalmente a partir de 1870. O período de maior entrada são os anos anteriores à abolição da escravidão. A maioria dos imigrantes foi encaminhada para as lavouras de café onde viviam em precárias condições de

⁵³ *O Novo Mundo – 23 de julho de 1874.*

trabalho; dada esta situação, alguns imigrantes voltaram para sua pátria de origem e outros localizaram-se em núcleos urbanos, onde se dedicaram ao comércio e ao artesanato, às manufaturas e também aos pequenos serviços.

Um dado interessante apontado por Emília Viotti da Costa é o fato de que a corrente migratória tendeu a se encaminhar para o sul do país, onde se definiu uma política favorável à obtenção de braços para as lavouras (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), ou interessada no desenvolvimento de núcleos coloniais (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). *O Novo Mundo* aponta para um dado importante: a questão do controle da imigração no Brasil. Para Rodrigues, o Estado brasileiro controlar exclusivamente a entrada de imigrantes no país não garante o sucesso da empreitada e tampouco a ordem. Para ele, seria necessário que cada província tomasse para si a responsabilidade de entrada de imigrantes. Podemos verificar o posicionamento de Rodrigues na imagem abaixo:



Imagens VI e VII – *O Novo Mundo* – 23 de março de 1873

Outro ponto importante no contexto do século XIX e também presente nas páginas do periódico são as estradas de ferro (no que tange a questão do progresso) – principalmente contando com a colaboração de André Rebouças. Além de contribuir para o desenvolvimento do mercado interno, estimulando, mesmo que de forma indireta, a urbanização e o desenvolvimento do país. De acordo com Emília Vioti da Costa, alguns dos núcleos promissores que ficaram à margem da rede ferroviária viram cair seu movimento, enquanto outros núcleos foram surgindo ao longo da ferrovia, junto as estações. A ferrovia permitiu aos fazendeiros transferirem suas residências para os centros mais importantes. Em uma das edições d’*O Novo Mundo*, Rodrigues traz a imagem da construção da Estrada de Ferro de São Paulo:

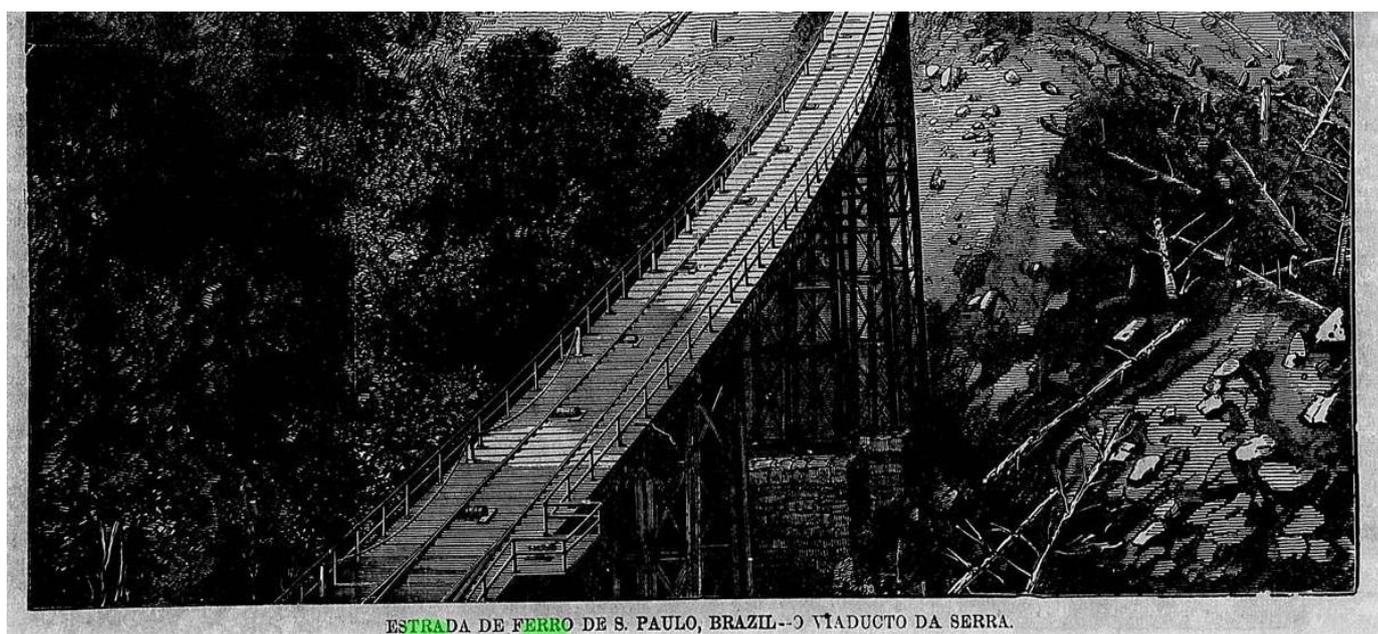


Imagem VIII – O Novo Mundo – 23 de novembro de 1870

A década de 1870 possibilitou grandes avanços no que diz respeito à infraestrutura. O sistema de carris urbanos começou a ser instalado no Rio de Janeiro em 1872, o sistema de iluminação pública começou a ter grandes avanços também neste mesmo ano. Muitas escolas foram construídas e houve uma queda no analfabetismo,

logo, começou a haver um grande aumento do público leitor. Multiplicaram-se o número de jornais e revistas em circulação.

As melhorias do sistema de comunicações e da infraestrutura fizeram com que a logística do país avançasse significativamente. Com isso fez as notícias circularem mais rapidamente, rompendo com determinados isolamentos – onde viviam algumas cidades do interior. Porém, vale a pena ressaltar que os benéficos do progresso concentraram-se nos grandes centros que se modernizaram rapidamente.

Outro aspecto de suma importância no contexto do século XIX foi a industrialização. Um grande número de estabelecimentos industriais foi fundado no fim do século e cresceu consideravelmente o número daqueles que se dedicavam às atividades industriais.

“As indústrias tenderam a se localizar nos principais núcleos urbanos do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde a concentração de mão de obra e capitais e a existência de um mercado relativamente desenvolvido, bem como de uma infraestrutura de transportes criavam possibilidade para o desenvolvimento de indústrias do tipo de importação.” (COSTA: 2010, 259-260)

Como muito bem coloca Emília Viotti da Costa,

“O aperfeiçoamento dos métodos de transporte, com o aparecimento das vias férreas, as modificações introduzidas no processo de fabrico de açúcar e beneficiamento de café, a intensificação no ritmo das construções civis e, finalmente, os melhoramentos urbanos estimulariam por sua vez o aparecimento de indústrias subsidiárias.” (Costa, 2010: 260)

Apesar dos inúmeros avanços no qual o país passou, a questão da mão de obra e a crítica a ações imperiais estavam presentes no campo político e um dos mecanismos de difusão destas ideias eram os periódicos – um deles, *O Novo Mundo* – neles estavam circulando e eram difundidos temas, modelos, argumentos, criando um clima cultural que conduziria à aceitação da recepção da mensagem política correspondente - progresso. A análise de um jornal/periódico revela quem eram os sujeitos que faziam parte de uma elite política e cultural e que eram responsáveis pelas publicações e se utilizavam da palavra impressa para fazer circular suas ideias e com isso delinear as suas identidades políticas e culturais.

Conforme muitos abolicionistas propunham e também era uma bandeira defendida por *O Novo Mundo*, o fim da escravidão deveria ser acompanhado de reformas, visando a expansão e a possibilidade de se construir uma corrente imigratória de europeus para o Brasil, condição esta indispensável para o progresso do país e modernização do Império. Reafirmando a atuação do periódico na temática entorno da educação, Rodrigues defendia a ampliação desta e a introdução do trabalho livre no país (conforme já foi apontado anteriormente). Para Rodrigues a educação era fundamental para que uma nação se construísse e se assumisse como tal, para ele a identidade estava diretamente ligada às questões educacionais. Em novembro de 1870, *O Novo Mundo* publicou:

“Apesar do nome do seu partido, parece que os conservadores do Brasil estão inteiramente de acordo com os mais liberais sobre as primeiras necessidades do país, todos mostrando assim decidido patriotismo. Pelo menos enquanto ambos se empenharem no espalhar da instituição pública, o país tem o penhor

seguro de um progresso real, e ambos concedem o ponto sem o qual não há civilização possível. (...)

(O Novo Mundo – 23 de Novembro de 1870).

Nas páginas do periódico é possível perceber que o editor – José Carlos Rodrigues – defendia que era necessário, além da criação de novas escolas, o incentivo para que mais meninas frequentassem as salas de aula e participassem mais ativamente da sociedade. Longe de ser um periódico destinado as mulheres, *O Novo Mundo*, torna-se feminino nos últimos anos por conta do aumento da publicidade de produtos para o uso doméstico ou de moda. Dar maior atenção aos objetos de uso doméstico parece mais um indício de uma transformação que ocorre dentro da organização do microcosmo familiar do que a prova da existência quase que exclusiva da leitora.

Nas seções destinadas à mulher encontramos textos com dicas para o vestuário infantil, saúde e higiene, letras para bordar em linho; sobre a necessidade do estudo superior para a mulher⁵⁴; o sufrágio mulhêril⁵⁵; e a participação da mulher na sociedade- inclusive trabalhando fora de casa. Ou seja, conforme aponta Gabriela Vieira Campos, não se tem apenas o estereótipo da seção feminina, há a discussão sobre os direitos e atuação da mulher na década de 1870.

⁵⁴ "O ensino superior da mulher". *O Novo Mundo* – 23 de outubro de 1874.

⁵⁵ "Sufrágio mulhêril". *O Novo Mundo* – 23 de novembro de 1874.



FIG. 1.—VESTUARIO
PARA MENINO DE 3 A 5 ANNOS.

FIG. 2.—VESTUARIO
PARA MENINA DE 5 A 7 ANNOS.

FIG. 3.—VESTUARIO
PARA MENINA DE 7 A 9 ANNOS.

FIG. 4.—VESTUARIO
PARA MENINO DE 2 A 4 ANNOS.

FIG. 5.—VESTUARIO
PARA MENINA DE 10 A 12 ANNOS.

FIG. 6.—VESTUARIO
PARA MENINA DE 5 A 10 ANNOS.

FIG. 1-6.—VESTUARIOS PARA MENINOS E MENINAS DE 2 A 12 ANNOS.

Imagem IX – O Novo Mundo – 23 de outubro de 1874. “O vestuário para meninas e meninos”

PAGINAS PARA SENHORAS. O ENSINO SUPERIOR DA MULHER.

HA cousa de um anno travou-se nos Estados Unidos muito animada discussão acerca da co-educação dos sexos nos institutos superiores de letras. Um celebre medico de Boston, o Dr. CLARKE, escreveu então um opusculo em que mostrava que a constituição physica da mulher era tal que a co-educação não beneficiava, antes injuriava-lhe a saúde; as estudantes, com o desejo de emular com os rapazes, applicavam-se muito nervosamente a seus estudos e entretanto não os podiam acompanhar sem prejudicar o seu organico constitucional.

Esta opinião do Dr. CLARKE levantou nuvens de protestos. Todas essas senhoras que gostam de notoriedade e que nos dizem todos os dias que a mulher pôde fazer tudo quanto o homem faz, tomaram as observações do medico como insultos ao sexo; e ao mesmo tempo muitas outras senhoras, mais respeitáveis por todos os motivos, escreveram artigos, dissertações e livros para mostrar a perfeita egualdade da mulher e o que ellas consideravam erros do Dr. CLARKE. Mais ainda: ellas, olvidando o ponto que este auctor quiz estabelecer, o accusaram de ter julgado a mulher como incapaz de educação superior,—proposição que elle de certo nunca adiantou.

E' interessante ouvir a opinião dos amigos da educação da mulher n' um instituto especialmente fundado para esse fim. Aqui nos Estados Unidos ha um "college" ou academia superior de letras, cujo curso é quasi tão elevado como o de Harvard e Yale,—os melhores e mais difficilios do paiz. O Vassar College já tem uns oito annos de existencia e os interessados na educação da mulher não podem passar de leve sobre o que seus professores nos dizem de sua experiencia.

Mr. JAMES ORTON, o celebre naturalista que já por duas vezes tem ido explorar o Amazonas e que dali voltou ha poucos mezes, como noticiamos, é um dos professores do Vassar College e no recente Congresso nacional da educação publica nos Estados Unidos, deu sua imparcial opinião sobre esta materia de tanto alcance.

A experiencia de Vassar é ainda incompleta, sobre tudo porque as eschoas inferiores e preparatorias não dando ás raparigas os elementos necessarios para a matricula, as alumnas daquela instituição tem de lutar muito no principio. Apesar disso, porém, Vassar tem tido tantas discipulas quantas pode accommodar: actualmente tem 421.

Quanto a qualidade das alumnas, diz-nos o professor Orton que é excelente. Com poucas excepções, são moças muito resolutas que para ali vão de sua livre vontade obter uma educação superior a custa de muito trabalho.

Antes da fundação da academia duvidava-se que moças pudessem estudar o mesmo curso que os rapazes; Vassar deixa provado que podem. Ellas aprendem trigonometria tão depressa como elles, e são melhores linguistas. Nas classes comportam-se melhor; são mais aciatas, mais respeitosas, mais entusiasticas pelo estudo.

A capacidade receptiva da sua intelligencia é admiravel: não ha problema de mathematica, principio de geologia, eclipse de astronomia, analyse chimica ou syllogismo que não seja logo comprehendido pelas melhores e estudantes das classes.

Quanto a saúde,—o outro ponto capital,—diz o professor que as raparigas de Vassar ainda não se livraram de toda dos prejuizos da vida civilizada moderna que se oppõem a seu interior desenvolvimento physico. Ainda é difficil interessal-as bastante na gymnastica e a fazer exercicios ao ar livre, co-

mo devem. Mas ainda assim o Vassar College é a instituição do sua ordem, em que mais saude gozam os discipulos. A porcentagem dos doentes por mais de dez dias no Amherst College que é onde se presta mais cuidado a educação physica dos rapazes, é de 21: em Vassar é apenas de 11. O facto é que as raparigas, apesar de todos os seus estudos, gozam ahi mais saude do que nas proprias casas. E' enganoso cuidar-se que os estudos, ainda attrahidos, são nocivos á saúde. Ao contrario, são um tonic, sendo bem regulados. Não é trabalho mental que produz dores de cabeça, enxaquecas, porém sim a falta d'elle, juntamente com vida irregular, má comida, sapatos perpendicularares, cabelo falso e máes pensamentos. Quando o estudo mata uma, a moda mata mil. E' da sociedade, não do estudo, que devemos ter medo. Si as moças applicassem aos estudos a metade da energia mental que agora empregam nas cores das fitas e nos penteados, o mundo seria melhor do que é.

Mas,—dizem alguns reaccionarios em toda a parte,—a educação superior da mulher destrói a graça feminina. Não é tal a experiencia do Vassar College: as que ahi se tem formado, só não parecem ao commun das senhoras nisto, —que são mais cultas e tem mais graciosas,—daquelles que devem apreciar os homens livres e intelligentes.

Agora, consideremos o outro lado da questão. Ao passo que as moças mantemem lugar honroso como estudantes, ha certos caracteristicos no seu espirito que é preciso não desocheer. O espirito não é hermaphrodita. Seguindo a mesma lei dos outros membros do corpo, o cerebro partilha de todas as suas differenças constitucionaes: nelle acham-se estampadas as distincções profundas dos sexos, no dos rapazes predominando o elemento masculino, no das raparigas o feminino.

As alumnas de Vassar, como nos diz o professor Orton, trabalham como heronas. Acciosas por approvação, prefeririam morrer a falhar no caminho por inapetido. Para sobreshirem, porém, chamam a contos todas as suas energias: assalta-lhes uma febre de acabar, e de acabar bem, e o resultado é, ao passo que são mais brilhantes do que os rapazes, em quanto marcham no caminho, são incapazes daquelles esforços attrahidos pelas queos e rapazes se lhes avantajam.

Os estudantes em geral são inclinados ao scepticismo e gostam muito de argumentar: as raparigas creem muito depressa, sem examinar si é verdade ou não o que lhes é enunado. Ellas preferem pormenores a assumptos comprehensivos e importantes: observam bem um facto, mas não uma ordem de factos. O alumno typico que educação, a alumna procura sobre tudo informação.

A' vista destas considerações, feitas depois de já bastante longa experiencia, parece ficar bem provado que, ao passo que as moças podem estudar os mesmos cursos de letras que os rapazes, não é nada de desejar-se que os estudem nos mesmos estabelecimentos: ellas terião sempre suas necessidades especiais e os rapazes tambem as suas. Quanto a emulação que dizem haver na coeducação, quanto menos a tiverem as raparigas (que sempre são as mais ambiciosas) melhor para a sua saúde: emquanto ellas não puderem competir com elles nos exercicios athleticos e gymnasticos, não devem competir na sala da aula.

O assumpto da coeducação superior é ainda prematuro no Brazil, onde apenas se iniciou a da eschola primaria e onde tão pouco temos feito para educar meninas. Mas da experiencia do Vassar College deduz-se mais uma vez que a mulher é capaz de instrução superior bastante solida, e isto, em vez de ser nocivo á sua saúde e de fazer-lhes perder as graças femininas, ao contrario, de-

senolve harmonicamente o seu organismo e reduplica-lhes as taes graças.

MUSICA.

GENEALOGIA E HISTORIA DO PIANO.

O PIANO data apenas do principio do seculo passado. No tempo dos Egypcios, Gregos e Romanos havia lyras e harpas de innumerables feitios. Da harpa nasceu o psalterio e depois deste vieram successivamente o dulcimer, a citole, a clavicithara, o monocordio, o clavicordio ou manicoordio, a spineta, o cravo e afinal o piano.

O psalterio era uma caixa aberta com cordas de metal sobre ella, as quaes cordas eram tocadas com uns pausinhos ou com o cano de uma penna d'ave. O dulcimer era quasi como o psalterio, mas tocava-se-o apenas com pausinhos com as pontas curvas. A citole era maior e rotava ao toque da ponta dos dedos. Aproveitando os principios já applicados nesses tres instrumentos, a clavicithara appareceu com seu teclado. Já desde o seculo 11º Guido d'Arezzo applicou o teclado ao organ. Depois da clavicithara veio o clavicordio, com cordas de metal e com o seu abafador, ou tira de panno applicada ás cordas para impedir a vibração e confusão de sons. Esse era o instrumento das salas de visitas no tempo em que CABRAL descobriu o Brazil. A spineta foi uma grande melhora no clavicordio, e o harpicoordio já era muito parecido ao piano moderno. Naquelle instrumento havia dous teclados, um sobre o outro, como em organs. Para cada nota havia quatro cordas, uma dellas afinada uma oitava mais alta do que as outras tres, e havendo registos que podiam separar os dous sons ou unil-os. As cordas eram tocadas com metal, panno, couro e penna.

Vio afinal o piano, mais ou menos no principio do seculo passado. Tres homens disputam a invenção deste instrumento, mas geralmente considera-se o Italiano CRISTOFALI como o primeiro que teve a idea. Com o piano revivense o principio de produzir a vibração por meio do toque do martello, como no antigo dulcimer. O primeiro que fez um piano regular,—e isto só depois de muitos annos de estudo e muitas despezas—foi o Allemão SILBERMAN. O celebre SEBASTIÃO BACH, addicto como estava ao harpicoordio, abandonou-o pelo piano. A cerca de BACH e do piano, conta-se a seguinte anecdotica. O rei FREDERICO o GRANDE que era muito amante da musica e de facto era grande flautista, mandara pôr em varias salas do palacio os pianos que SILBERMAN havia construido, para escolher um delles. Afim de experimentar o melhor, convidara os principaes musicos da cidade a um concerto. BACH estava ausente de visita a um filho. Durante o concerto vieram dizer ao rei que BACH acavava de chegar á sua casa: o concerto foi suspenso. FREDERICO mandou logo buscar-o, e no meio daquelles ricos vesturarios appareceu em breve o maior pianista do mundo, daquelle tempo, no seu peiorito trajo de viagem. Ninguém mais tocou sino SEBASTIÃO BACH, que foi de sala em sala, experimentando os pianos, e seguido de uma comitiva numerosa de palacianos e musicos. Era isto em 1748.

Vinte e quatro annos depois, o Italiano CLEMENTI deu concertos no Europa e introduziu o piano mais geralmente. Em Viena travou conhecimento com MOZART e o padre HAYDN. Uma noite, MOZART encontrou-se com CLEMENTI na sala do palacio de JOSÉ II que estava então acompanhado do imperador e imperatriz da Russia. Os tres estavam desejosos de ouvir um trecho de musica: qual dos pianistas tocaria primeiro? CLEMENTI, como o mais velho, consentiu começar e tocou um improviso acabando com uma sonata. Depois d'elle MOZART assentou-se

ao piano e executou uma de suas sonatas. A audiência real ficou indecisa qual dos dous tocou melhor. CLEMENTI reconhecendo isso, decidiu desta forma: "Tenho mais execução na mão direita, e toco bem o piano; mas MOZART tem gosto e sentimento,—é mais musico." O piano que tocaram era de STRIN, o successor de SILBERMAN.

O genio, porém, que estava destinado a pôr o instrumento na altura artistica em que agora o vemos, foi STRASZBURG. Este filho de Strasburgo, onde nasceu em 1752, era dotado de genio extraordinario para a mechanic. Quando ainda menino resolvia problemas de mechanic scientifica a que os velhos sabios não podiam dar sahida. O seu genio ficou logo afamado e os nobres andavam a pedir-lhe constantemente que fosse passar algum tempo com elles.

Em 1796 ERAUD fez o primeiro piano horizontal de caixa, e desde então até 1823 passou aperfeiçoando o instrumento que afinal chegou a obter as mais delicadas gradações no toque.

A' hoje os pianos chamados ERAUD tem muita fama. Os melhores fabricantes na Europa são ERAUD e COLLARD. BROADWOOD e PLEYEL são tambem excellentes. Na America os de CHICKERING e STERNWAY são os mais afamados,—sendo difficil dizer-se qual delles é o melhor.

Ha no mundo dizenzes fabricantes bem conhecidos, que produzem annualmente cerca de 30,000 pianos. Na construção do piano entram quarenta e oito materias diversas, formadas por dizeesjeis paizes.

O piano deve ser posto em lugar secco, não muito perto de janelas, absolutamente fora de correntes d'ar, e arredado da parede, pelo menos de um a dous palmos. Nunca deve ser deixado aberto nem se deve pôr objectos pesados sobre a tampa.

LISZT E CHOPIN.

M. CHARLES ROBINET conta uma anecdotica muito curiosa de CHOPIN e LISZT. No verão de 184... estavam os dous pontífices do piano no castello de B... perto do logar chamado Valle Negro. Tambem achavam-se hospedados um grande pintor, E. DELACROIX, a cantora PAULINA **, e um celebre actor; em summa havia ali uma pequena colonia de artistas e litteratos sob o sol da calorosa hospitalidade da dona da casa, senhora muito celebre por seu talento e belleza, e que acabava de salvar CHOPIN das garras da morte.

CHOPIN tocava raramente: só sentava-se ao piano quando estava convencido de perfeição, e não havia forças humanas que o fizessem tocar trivialmente diante de gente. LISZT era o contrario: bem ou mal, tocava sempre. Certa noite tocaram, CHOPIN primeiro, e depois LISZT e ambos excitaram lagrymas e soluços, deixando o auditorio indistincto sobre qual dos dous era o maior artista. Como quer que seja, CHOPIN acreditou ter eclipsado o amigo e dizia que andava muito amofinado por isto. LISZT soube da mortificação de CHOPIN, e querendo livral-o della, tomou uma vingança de artista verdadeiro, que era; e eis como.

Poucos dias depois, reunidos todos na mesma sala, LISZT pediu a CHOPIN que apagasse as luzes e corresse as cortinas: era um capricho de artista, e foi satisfeito. Quando CHOPIN ia sentar-se ao piano, LISZT segreiu-lhe ao ouvido algumas palavras e CHOPIN, sem entender sua intenção, voltou ao sofa e LISZT executou então no piano as mesmas peças que CHOPIN tocara na memoravel noite de que se fallou. Tão fielmente imitou o estylo de CHOPIN que era impossivel que as pessoas presentes não se enganassem, como de facto enganaram-se, experimentando até as mesmas emoções que CHOPIN evocara autriormente. Quando todos estavam

Imagem X – O Novo Mundo – 23 de outubro de 1874. "O ensino superior da mulher"

PAGINAS PARA SENHORAS.

O SUFFRAGIO MULHERIL.

A QUESTÃO de conceder-se a mulher o direito de votar nas eleições ordinarias para cargos publicos vai cada vez obtendo maior attenção neste paiz e, sobretudo, na Inglaterra. Posto que ella ainda não nos interesse immediatamente, no grau de civilisação em que nos achamos, tendo ainda a escravidão africana e a religião, cremos, contudo, que nossas leitoras estimarão saber quaes os principaes argumentos em que se estribam os que repellent a idéa de conceder-se a mulher o direito do suffragio. Dos Estados Unidos os unicos em que a mulher já goza desta regalia são Wyoming e o Territorio de Utah, posto que lá pouco tempo na legislatura do Massachusetts,—o Estado mais culto da União—quasi passou um projecto nesse sentido.

Na Inglaterra a questão acha-se muito mais adiantada: as senhoras já votam ali nas eleições dos concelhos de instrucção publica; na ultima sessão do Parlamento discutiu-se amplamente, e obteve crecido numero de votos, um projecto concedendo o suffragio geralmente a todas as viúvas, e ás donzellas que são chefes de familia. E', pois, na Inglaterra que nos importa procurar o que de melhor se tem dito a favor e contra o suffragio mulheril. Dous trabalhos, publicados ultimamente pelos Professores GOLDWIN SMITH e J. E. CAIRNES, resumem o pensamento inglez a este respeito: o primeiro, apesar de ser reconhecido como um dos Liberaes mais distinctos do Reino Unido, oppõe-se vehementemente a concessão, ao passo que o outro é seu estremo advogado.

Não ha muitos annos, J. STUART MILL, procurando achar a razão da subjeição da mulher, descobriu-a no estado primitivo da sociedade em que era suprema a força physica. Esta opinião tem sido muito combatida e muitos creem que a subjeição da mulher provém apenas da sua propria natureza,—daquellas circumstancias providencias que ensinaram ás sociedades primitivas que a mulher e os filhos deviam, com o marido e pai, formar uma unidade social, presidida por este ultimo. Seja, porém, qual for a origem da subjeição, o que importa-nos agora examinar é a subjeição politica deve de continuar ou não.

I.—O principal argumento contra o suffragio mulheril funda-se nessa mesma idéa da natureza da mulher. Dizem SMITH e os outros impugnadores que a mulher não ama a liberdade nem instituições livres; que a sua fraqueza, todo o seu organismo altamente nervoso, fal-a guardar-se mais pelos impulsos do coração, do que pela razão; que ella preferirá sempre o governo pessoal, enquanto for mãe, em summa, que a sua constituição physiologica oppõe-se a idéa de pesar varios lados da mesma questão e ella sacrificará as mais charas tradições da liberdade ás paixões e gostos do momento.

A este argumento responde-se que, antes de tudo, é muito vago. A mulher ingleza não é a mesma do Brazil, nem a americana é a mesma da Turquia. Ellas amam a liberdade mais ou menos, conforme o seu grau de educação: o suffragio não é de certo um direito natural, mas politico que, por ser exercido pelas Inglesas ou Americanas, nem por isso segue-se que deva selo pelas Francezas ou Hespanholas. O argumento, pois, é todo especulativo: a constituição mental da mulher varia tanto como a do homem, nas diversas latitudes. Mas, suppondo que ella com effeito não se abale com as instituições livres,—não ha milhares, e milhões de homens em cada Estado, que tambem não se abalam por ellas,

e entretanto votam? E quem negalhes por isto o direito politico do suffragio? Porque o Francez é indifferente á liberdade de sua patria e está prompto a eleger um Cesar que lhe mantenha o gozo pacifico de seus bens, quem se lembra de recusar-lhe a regalia de eleger-o? Demais si dizem que a mulher é fraca e votará sempre com o marido, como admittir-se ao mesmo tempo que ella votará sempre no mesmo sentido, este sentido sendo o do governo pessoal? O facto é que, diminuta como por ora seja a proporção das senhoras que se interessem na politica, não é mais exigua, tudo pesado conforme a educação que uns e que outras receberam, á proporção dos homens que se lhe conservam alheios ou indifferentes. Este negocio é meramente de cultura intellectual, não de sexo.

II.—Outro argumento contra o suffragio mulheril é que, ainda que seja este outorgado, a execução das leis pertencerá sempre ao homem, como o mais forte; enquanto a mulher não puder tomar da espada e espingarda e declarar-se prompta para ir sustentar as leis e a defesa, interna e externa, da patria, o homem só obedecerá ás leis que quizer, e o suffragio mulheril poderá qualquer dia transtornar todo o organismo social,—em todo o caso, deve-se denegar á mulher um direito que ella não pôde sustentar.

Ora este argumento é fraquissimo por qualquer dos dous lados principaes por que o consideremos. Primeiramente, não se pede ainda que a mulher legisle, mas que escolha o legislador, o que é diverso, como veremos depois. Em segundo lugar, si os impugnadores do suffragio, começando pelo estudo da constituição peculiar da mulher, dizem que ella é indifferente e até adversa á instituições livres, e si agora sustentam que os homens e só os homens podem executar as leis, segue-se, que ella nunca poderá arriscar os melhores interesses da liberdade, isto é, que não ha mais perigo de dar-se-lhe o suffragio do que ha em dar-se-o aos homens.

III.—Adduz-se ainda contra o suffragio mulheril o exemplo de mais precedentes sobre o character de certas mulheres bem conhecidas nos Estados Unidos e de certas leis concedendo demasiada liberdade de divorcio em dous ou tres desses Estados. Diz-se que aqui a mulher pretende ser superior ao homem, pretende estar acima da lei, e, si conceder-se-lhe o suffragio eleitoral, ella organizará uma perfeita revolta contra o homem.

Isto nem é argumentação. Terá a mulher mais interesse na licença do divorcio do que o homem? Si tem, para que se nos diz que ella não deve ter o suffragio porque seu interesse é o mesmo, está inteiramente absorto no do marido? Si, ao contrario, tanto importa a uma como ao outro a unidade e pureza do casamento, por que este temor de se lhe dar uma voz na questão? O facto é que, si os conjuges não tem equal interesse nisto, a mulher o tem maior do que o homem. E' insultar o sexo feminino pretender-se que elle tende mais a desatar os laços matrimoniaes que o outro: felizmente toda a gente sabe que isto é presumpção gratuita. Demais, porque fallar da licença do divorcio em dous Estados Unidos,—a Indiana e o Connecticut? Não foram os homens que promulgaram essas leis?

IV.—Diz-se ainda que a concessão do suffragio ás senhoras vai causar desarmonia nas familias. Apaixonada como é, a mulher tomará ardente interesse no partido não raramente opposto ao que segue o marido: dali resultarão dissensões sem fim, prejuizias á ordem moral da familia e por consequente da sociedade.

A isto responde-se cabalmente por varios modos. Nos Estados Unidos é muito commum o casamento entre

peçoas de differente crédo religioso: n'uma familia vê-se ás vezes o marido indo á uma igreja, só, e a mulher e os filhos á outra, ou a mulher á outra e os filhos a uma terceira, quarta ou quinta igreja: e, entretanto, reina a maior paz e felicidade domestica. Me-nos felizes do que, por exemplo, somos no Brazil, os Americanos não acharam ainda meio de pensarem e crerem igualmente e de irem todós á mesma igreja,—ainda que não acreditem muito nella. Ora, é sabido que a religião é negocio muitissimo mais sério do que a politica, e si a mulher, apaixonada como seja, pôde aqui viver christianamente com a familia e todavia conservar e praticar a sua fé independentemente, não vemos motivo por que introduza a discordia por causa do differente modo de pensar sobre a cousa publica. Então é melhor que logo se opponham de uma feita á educação da mulher, pois ella tende a dar á mulher mais interesse na politica, e, por consequente, a crear-lhe opiniões que podem ser contrarias ás do seu "lord."

Por hoje, já nos hemos estendido bastante sobre o assumpto. A Inglaterra procura apenas dar o suffragio ás viúvas e ás solteiras que pagam impostos e vivem sobre si. Tem-se pretendido mostrar contradicções nos Liberaes que apenas propõem esse passo: mas os Liberaes caminham prudentemente. Elles só querem dar o suffragio eleitoral, não o direito de ser eleito ao parlamento, e isto não é extranhavel, pois, um direito não importa o outro: os estrangeiros naturalizados tem voto nas eleições primarias, no Brazil e entretanto não podem ser Deputados. A mesma cousa com os Protestantes, e os que tem menos de 400\$ de renda liquida annual. Os Liberaes da Inglaterra tambem não pretendem começar dando o suffragio ás casadas, mas cedem neste ponto aos preconceitos antigos, porquanto, os casados com effeito tem interesses muito solidarios.

BELLESA E SAUDE.

SER bonita, apparecer bem, tal é o resumo nos deveres de muitas raparigas e senhoras casadas. Tu, tambem, apesar da sizidez que folgo reconhecer no fundo do teu character, consagras grande parte do tempo aos teus atavios pessoais. Quantas vezes não te heí apañado em flagrante delicto de vaidosa contemplanção ao espelho! Que variedade de aguas de cheiro e almiscares, pós para dentes e pós de arroz e nem sei que mais! Que horas inteiras que consumes em fazer uma préga aqui, um franziço acolá; em pôr mais uma fita, um debrúm, um enfeite neste e naquelle vestido! E depois de tudo prompto, que rodeios diante do espelho, que exercicio activo das faculdades analyticas, que satisfação completa de contentamento! A tua ferti imaginação criou todo esse mundo, e agora, depois do trabalho, e imitando o Creator ao septimo dia, "vês as cousas que tinhas feito, e que eram boas."

Ora, em bem quizera que empregasses teus talentos de combinação, symmetria e perspectiva em outras trabalhos mais substanciaes. Mas não serei agora eu que hei de censurarte. Antes de tudo a censura reclama sobre teu papai e tua mamãe, pois em geral os filhos são o que os pais os fazem e tens sido sempre, supponho eu, filha obediente. O facto é que não mereces censura. Desempenhas os outros deveres caseiros com o mesmo escriptulo, si não com a mesma satisfação, com que acabas o teu vestido de visitas. Felizes seriamos nós si o nosso "Governo Imperial" fosse ministrado com a sagacidade, a prudencia, a ordem e a economia com que diriges os arranjos de tua casa. A tua acção chega a todos, brancos e pretos: teus

pais, teus irmãos, teus escravos, todos são o objecto de tua solicitude, e todos são teus subditos amantes e submissos. E' verdade que lês pouco,—menos do que era para desejar e ainda menos dos livros que devias ler. No *Jornal* só te interessa o obituario e a gazetilha, e de livros lês cousas triviaes. O estudo, a adquisição de conhecimentos é tarefa a que não te entregas. Mas disto não tens toda a culpa: tem-a tuas pais, tem-a a nossa civilização que ha reduzido o teu papel ao de vestir-te, casar, ter filhos e governar os escravos. E que livros temos nós para leres? Serão as insulas historias de JULIO VERNE, as immortaes novellas de certos grandes romancistas e os versos dyspepticos dos nossos bardos sem sentimento, que fazem hymnos á Liberdade ou, para variar, ás tuas olheiras, á tua rabugosa? Ha, de certo, muita cousa excellente em nossos livros,—mas tudo isso já leste em dous mezes,—tudo o que te pôde interessar, considerados os elementos da tua educação, tão mal curada.

Deixemos, porém, de lado esse assumpto. O que comecei dizendo é que não censuro as moças por quererem apparecer bem. Sustento até que ellas devem cultivar essa ambição, e não só ellas mas até nós, os homens. O que importa evitar por todos os meios é a exaggeração desse desejo social, que redundam em vicio grosseiro. Appareçemos pelo melhor cuidado das maneiras, pelo do trajar e pelo da propria pessoa, physicamente considerada. Os cuidados da propria pessoa consistem no seu embelezar. O que sustento, pois, é que cada qual tem o dever de fazer-se o mais bonito possivel, e disto é que vou agora escrever-te.

Fazes bem curar attentamente do teu corpo. Nascermos para viver em sociedade e devemos esforçar-nos não só para tornar toleravel a nossa presença, mas até para fazel-a ser a origem de prazer aquelles em cujo contacto temos de estar.

Em que consiste a belleza? Tal é a questão que talvez já me estijas propondo. Eu te responderei com toda a franqueza que tenho de balde para-fusado a cabeça para dar-te uma definição; nenhuma satisfaz-me. Comprehendo o bello, mas, a menos que não te dê uma definição esthetica, cuja applicação ao nosso caso não entenderias, não sei como explicar-t'o. Para mim, o bello é a Verdade,—a verdade das relações eternas, que se nos communica pelo coração e imaginação, e produzindo em nós a admiração e o amor. A belleza, pois, é para mim a conformidade com as leis, com a ordem prestabeleida. No homem, o ser consciente, a belleza consiste no reflexo mais puro da imagem de DEUS, segundo a qual foi creado; e a belleza physica do homem consiste nas verdadeiras proporções do seu corpo, e na suprema adaptação de cada tima de suas partes aos fins para que foram creadas.

Assim, a theoria que adopto é que a tua belleza consiste na *saúde*.

Os nossos poetas e romancistas, a nossa sensualidade do tropico, tem-nos inculcado uma idéa falsa de belleza, na pallidez, na debilidade do corpo, na doença, em summa. Esta idéa é abominavel: por mais regulares que sejam as feições, não se pôde chamar bonita, no rigor da palavra, a mulher doente, quebrada, e phytisica. Isso é bom para os romances e dramas de DUMAS FILHO: mas não é o typo da verdadeira belleza.

Não ha belleza sem saúde, e quasi que sou tentado a dizer que não ha saúde sem belleza. Si quizeres ser bella, cuida, pois, da tua saúde,—moral, intellectual e physica.

A belleza tem tres elementos, a fórma, a côr e a expressão. Pois todos elles dependem da saúde do corpo. A graça de uma fórma bem proporcionada



Imagem XII – *O Novo Mundo* – 23 de novembro de 1874. “Penteados para senhoras”

Vale a pena ressaltar que José Carlos Rodrigues vê na América do Norte o seu futuro: a grande imprensa americana era imponente em suas unidades espalhadas pelo país, em quantidade de publicações e em variações temáticas. Nos principais periódicos da época uma grande novidade eram os anúncios. Eles eram sinônimos de prestígio para as folhas. Em geral, eram utilizadas três páginas para tal prática. De acordo com Gabriela Vieira Campos, um dos motivos que faz do *Jornal do Commercio* um jornal de repercussão - um dos maiores do mundo - é justamente o número de anúncios veiculados nele. Os únicos jornais diários que ultrapassam o seu número de anúncios (que são, no total, 753), são: o *Times* de Londres, com 1613 anúncios e o *Herald* de Nova Iorque, 976. E é neste sentido que *O Novo Mundo* caminhou: grande quantidade de anúncios em cada publicação do periódico, que variavam no que diz respeito ao segmento. Os principais eram: indústria (máquinas, ferramentas e peças), produtos Ayer

Segundo um recenseamento jornalístico dos Estados Unidos realizado em 1872, havia no país 6.432 publicações periódicas diferentes, das quais, 507 eram cotidianas, 105 três vezes por semana, 110 duas vezes por semana, 4.750 semanais, 112 duas vezes ao mês, 685 mensais, 4 a cada dois meses e 55 trimestrais. Além das publicações dos Estados Unidos, somam-se a elas mais 1.452 – aquelas publicadas em outros idiomas. Sendo assim, o número total de periódicos alemães excedia os 300, os franceses eram mais de 23, os espanhóis somavam 12, os italianos somavam 5 e em português somente um – *O Novo Mundo*.⁵⁶ O periódico emerge em um cenário onde a imprensa estrangeira, principalmente a americana, produz cada vez mais, e *O Novo Mundo* busca seguir estes passos.

Tendo como principal objetivo interpretar o sucesso da república americana para os brasileiros e propagar o discurso progressista e abolicionista, *O Novo Mundo* se destacou pelas suas discussões entorno das reformas propostas para o Brasil. Nelson Werneck Sodré afirma que a agitação que revelava o aprofundamento das contradições da sociedade brasileira despertou o interesse pelas reformas, que começaram a ser propostas e discutidas, cada vez com mais veemência, pontilhadas de crescente turbulência: principalmente no que diz respeito a mão de obra – no caso do periódico, o fim do trabalho escravo, a mão de obra livre e a imigração (todas as questões sempre associadas ao progresso).

⁵⁶ *O Novo Mundo* – 24 de junho de 1874. “*Jornalismo americano*”.

Capítulo 3

A Geração de 1870 e o futuro do Brasil: o protagonismo
de José Carlos Rodrigues enquanto intelectual.

Capítulo 3 – A Geração de 1870 e o futuro do Brasil: o protagonismo de José Carlos Rodrigues enquanto intelectual.

➤ José Carlos Rodrigues e a Geração de 1870:

De acordo com Angela Alonso, o movimento da geração de 1870 configurou-se no momento em que a antiga formação social colonial emergiu como tema dos debates políticos. A década de 1870 é marcada pela redefinição de setores estratégicos na política e também na sociedade brasileira, e é nesse contexto que *O Novo Mundo* está inserido. *O Novo Mundo* “nasceu” em um ano emblemático da história do Brasil, um período em que a discussão sobre os rumos do país ocupavam todos os cantos da sociedade, e principalmente a capital, o Rio de Janeiro.

Essa geração estava profundamente engajada na vida do país e interessada nos rumos para o caminho do futuro. *O Novo Mundo* foi palco de importantes debates político-sociais em um momento em que havia uma intensa discussão sobre os alicerces da nação brasileira, ou seja, temas como a abolição da escravidão, proclamação da república e também o destino dos escravos estavam recorrentemente sendo colocados em questão por diversos setores da sociedade.

Entusiasta do modelo americano e tendo como objetivo interpretar o sucesso da nação, José Carlos Rodrigues difundia a ideia de que o Brasil deveria seguir os passos dos Estados Unidos e, além disso, colocava em questão os paradigmas europeus, principalmente os franceses, que ocupavam um lugar de referência no país. Rodrigues fazia parte do grupo que questionava a posição ocupada pelo Brasil e, principalmente, as questões relacionadas à força de trabalho, ou seja, a escravidão.

Vale a pena ressaltar que *O Novo Mundo* e a sua produção estão inseridos no contexto em que uma grande parcela da população não tinha acesso à educação e ao letramento. De acordo com o censo de 1872, grande parte da população era analfabeta, porém este argumento não é suficiente para afirmar que esse segmento populacional não tinha acesso às notícias dos jornais e periódicos da época. Esta pesquisa dialoga diretamente com o conceito de “*rede de informações verbais*” apontado por Marialva Barbosa, ou seja, as informações e notícias têm sua origem nas letras impressas, e a partir daí são retransmitidas oralmente através das redes de sociabilidade dos ambientes públicos e privados. Nesse momento, o analfabetismo não impede a circulação das informações, pois a sociedade é em demasia oralizada.

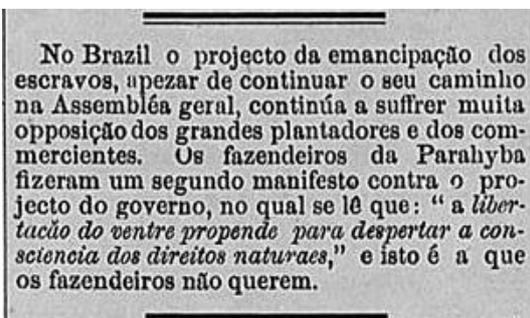
O movimento intelectual da década de 1870, e neste contexto, inserindo também José Carlos Rodrigues, deve ser entendido como um conjunto de movimentos sociais presentes em uma conjuntura política determinada e direcionada, utilizando conceitos que identificam a ligação, no plano simbólico, e a conjuntura na qual está. A produção desta geração surge como uma nova estrutura de oportunidades políticas; ela aparece em meio a um debate já estruturado. Neste sentido, dá-se o que Angela Alonso chama de “repertório”⁵⁷. O termo aponta para um conjunto de recursos intelectuais disponíveis em uma sociedade em certo período histórico, neste caso especificamente, a década de 1870. As ideias e aspirações desta época foram incorporadas seletivamente e reinterpretadas na luta contra o *status quo* imperial dando lugar a diversas versões do dito reformismo.

⁵⁷ Ver: ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

O movimento intelectual na década de 1870 expressava os anseios de grupos sociais novos, surgidos com o processo de modernização econômica do país. Segundo Angela Alonso:

“Este raciocínio equaliza pertencimento a uma classe e escolhas intelectuais: grupos modernos, como “as classes médias” ou a “burguesia”, adotariam teorias coerentes com seus interesses, isto é, variações do liberalismo. (...)” (ALONSO, 2002: 30)

Para Angela Alonso as obras dos anos de 1870 giraram, principalmente, em torno da cisão intra-elite, ou seja, havia a discussão das reformas propostas pelo Partido Liberal e as efetivadas pelo gabinete Rio Branco. Os temas centrais são a questão do trabalho e a reforma das instituições políticas. No caso de José Carlos Rodrigues, a ênfase do seu discurso se deu na crítica ao trabalho escravo e defesa do trabalho livre, defesa da inserção da mão de obra imigrante e incentivo a educação como promotora do progresso. Nesse sentido, vale a pena destacar que dias antes da promulgação da Lei de 1871 (Ventre Livre), José Carlos Rodrigues publicou em suas páginas uma nota sobre a oposição e resistência de alguns setores da sociedade brasileira, principalmente a elite cafeeira (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) - conforme já apontamos no capítulo anterior.



No Brazil o projecto da emancipação dos escravos, apesar de continuar o seu caminho na Assembléa geral, continúa a soffrer muita opposição dos grandes plantadores e dos commerciantes. Os fazendeiros da Parahyba fizeram um segundo manifesto contra o projecto do governo, no qual se lê que: “a libertação do ventre propende para despertar a consciencia dos direitos naturaes,” e isto é a que os fazendeiros não querem.

Imagem XVI - O Novo Mundo – setembro de 1871.

Longe de atacar o *status quo* brasileiro, Rodrigues segue sua trajetória enfatizando, principalmente, na sua luta pelo fim da escravidão no Brasil e pelo progresso associado à educação. Neste momento, no que tange a década de 1870, o editor não ataca diretamente o Estado brasileiro, muito pelo contrário, para ele, o governo brasileiro e seus representantes possuíam um excelente projeto para o país e colocá-los em execução era sinal de comprometimento com o país. Um duro crítico das ações do Imperador, Rodrigues se posicionava contra a omissão de suas ações e não na destituição da sua pessoa.

Dado o contexto da atuação de Rodrigues no que diz respeito a sua atuação na década de 1870, Angela Alonso o classifica como aquele que possuiu uma atuação modesta no período, ou seja, ele criticava as ações imperiais, mas esperava pacientemente o ritmo das reformas “melindrosas”. E é neste sentido que Rodrigues não está inserido no hall daqueles que se destacaram como intelectuais nesta década – na abordagem de Angela Alonso. Segundo ela, o movimento da Geração de 1870 seria uma adaptação ou reação às doutrinas europeias. No caso de José Carlos Rodrigues, especificamente, é uma reação contrária as “imposições” europeias. O editor estava vislumbrado com o modelo político-social estadunidense e acreditava que este era o modelo ideal a ser seguido por toda a América.

Em sua obra, a socióloga identificou os atores da “geração de 1870”, e em sua análise nomeia os membros do movimento intelectual – não citando José Carlos Rodrigues. Diante disto, este capítulo tem por objetivo incorporar José Carlos Rodrigues como um ator de destaque da “geração de 1870” e não aquele que possui uma presença modesta. Somado a isto, classificando o proprietário/editor a partir da perspectiva de Gilberto Velho, ou seja, ele como um “*indivíduo-sujeito que faz*

projetos”⁵⁸. De acordo com o antropólogo, memória e projeto estão intimamente ligados, pois é a memória de um passado, nas circunstâncias do presente que possibilita a formulação e condução de projetos. José Carlos Rodrigues expressa seu *projeto* através do *O Novo Mundo*, como uma maneira de articular interesses, objetivos, sentimentos e aspirações para a sociedade.

A produção intelectual da Geração de 1870 surge como uma nova estrutura de oportunidades políticas, na conjuntura de uma cisão liberal e reforma conservadora. Aparece em meio a um debate já estruturado em seu campo. Onde as figuras na qual atuam são representantes de destaque em seu campo intelectual. As obras da década de 1870 giraram, sobretudo, em torno da cisão intra-elite, ou seja,

“Seus temas centrais são a questão do trabalho e a reforma das instituições políticas. Há o combate liberal às instituições conservadoras, o caso dos ataques do liberal radicalizado Saldanha Marinho (1874) à religião de Estado (...) Esta é a tônica do debate entre 1868 e 1878: denúncia liberal de sua marginalização política sob o domínio conservador, o combate a falsificação do sistema político imperial, a exigência de mudanças nas instituições políticas.”

(ALONSO, 2002: 167)

O movimento de 1870 se posicionou firmemente contra o obscurantismo e em defesa da cisão entre o Estado e a Igreja Católica, defendendo. O anticlericalismo estava colocado em inúmeros panfletos, revistas e jornais da época – Nesse sentido, *O Novo Mundo* se destacava como um periódico que atacava ferozmente a união entre Estado e Igreja Católica, defendendo os preceitos do protestantismo, em suas palavras: o

⁵⁸ VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 101.

Cristianismo. Cristianismo este que não estava ligado às ações do Estado, pois para Rodrigues, Igreja e Estado deveriam ser atores independentes. Deveriam andar lado a lado, mas jamais um interferir na ação do outro. Na concepção de Rodrigues, a religião deveria ser um preceito moral e não um preceito político.

Em maio de 1873, *O Novo Mundo*, defendendo a separação entre o Estado e a Igreja declara que,

“O Estado é uma associação puramente civil e temporal, nada tem a ver com os negócios da Igreja (...) porque cada um deve ir ao céu pelo caminho que achar mais fácil. O Estado não pode regular senão os atos externos, não deve afastar-se da esfera do direito para intrometer-se na religião, que é domínio da consciência.”

(O Novo Mundo – 23 de junho de 1873)

Criticando a relação entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica, o artigo continua,

“Portanto, o artigo da constituição que dos catholicos faz brasileiros privilegiados deve ser reformado não só porque em si é injusto, mas pelos males imediatos que traz, porquanto ha muitos que fogem da nossa sociedade, ainda que não tenham bretenções, somente porque acham que e uma especie de humilhação pertencer a um Estado que lhes impõe todos os deveres e resgateam-lhes os direitos”

(O Novo Mundo – 23 de junho de 1873)

A geração brasileira incorporou um repertório contemporâneo de recursos teóricos e retóricos para gerar uma interpretação do contexto de crise política e também

de mudança social na qual estava inserida. Os autores e as teorias a que recorreram são atualizações das fontes de formação da elite imperial, as linhagens francesa, inglesa e portuguesa, porém, com um acréscimo: o interesse muito crescente pelo ideário americano, que vinham criticar as instituições imperiais. Foram utilizados critérios políticos de seleção na adoção de esquemas de pensamento e retórica para o combate as instituições e ações Imperiais.

Os intelectuais desta geração não estavam preocupados em produzir obras de valor universal, mas explicações de/para o Brasil. Interpretaram e assimilaram seletivamente elementos de repertório da política científica e da própria tradição nacional. As bandeiras defendidas por esses intelectuais vinculavam explicações de seu contexto político-social e apresentavam propostas aos dilemas abertos pelas demandas da época.

Dados os fatos, *O Novo Mundo* e a atuação de Jose Carlos Rodrigues são produto do seu tempo e fruto da ação política de Rodrigues através do periódico. Rodrigues, através do periódico, criticava a atuação e a política do Estado Monárquico, enfatizando a necessidade de se implementar uma nova ordem no país. Onde esta deveria estar acompanhada de uma nova lógica de força de trabalho.

Conforme Angela Alonso alerta, não podemos perder de vista que o movimento da geração de 1870 foi um movimento internacional, ou seja, tanto na América, quanto na Europa ele se caracterizou por uma reação às formas intelectuais e políticas da sociedade tradicional: desde o romantismo até o catolicismo. Ele atuou em programas de tipologia reformista, trazendo mobilizações para novas perspectivas políticas. O reformismo surgiu em um momento de mudança social e de crise da coalizão política que sustentava o Segundo Reinado, no caso brasileiro.

Para a Geração de 1870, a união entre a Igreja católica e o Estado era um obstáculo ao progresso do país. A Igreja, por meio de seu valor religioso e político, influenciava negativamente na formação e na construção da sociedade brasileira – de acordo com os defensores da cisão. Associado as políticas reformistas ligadas à questão da mão de obra e do progresso, o protestantismo era um elemento central do pensamento político de José Carlos Rodrigues. Para ele, a democracia era a base para construir uma sociedade moderna e civilizada – mas esta deveria ter por base o Evangelho – Cristianismo.

Para Rodrigues o cristianismo (protestante) deveria ser o responsável pela regeneração individual e, como consequência, pelo progresso social. Segundo Ângela de Castro Gomes⁵⁹, o modo como os sujeitos experimentaram a política pode nos dizer muito sobre a sociedade e o período em que viveram. A experiência de José Carlos Rodrigues e do *O Novo Mundo* torna o estudo a respeito do pensamento e da atuação política, social e cultural mais complexo, pois, a partir dele podemos compreender os diálogos e as tensões do período estudado.

Nas páginas do periódico é possível perceber claramente uma religiosidade e isso se deve, inclusive, a história trilhada por José Carlos Rodrigues. A trajetória de Rodrigues com o Cristianismo começou na sua juventude, conforme aponta George Boehrer. Rodrigues era um grande conhecedor da Bíblia e apoiador do Cristianismo prático. Sua crítica a Igreja Católica estava ligado ao fato da relação entre a Igreja-Estado, ou seja, no que tange a ação política da Igreja na figura do Estado. No seu entendimento, o fato da Igreja apoiar a instituição da escravidão já contra as questões morais e os ensinamentos de Cristo. Conforme aponta George Boehrer, Rodrigues

⁵⁹ GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos* - Historiografia, Rio de Janeiro, v.9, n° 17, p.59-84, 1996.

entendia que a religião do Estado brasileiro (Católica) não era apenas um erro moral, mas um crime político.

Se por um lado José Carlos Rodrigues combate com unhas e dentes o catolicismo que percebe como um obstáculo à liberdade e à ciência, por outro, esclarece o que representa a irreligiosidade (que dominou a consciência pensante do período republicano). Para ele, uma sociedade sem religião seria uma coesão de indivíduos apenas, mas não mais uma sociedade. Na interpretação de Rodrigues, para que uma sociedade moderna e civilizada fosse plena, era necessário que existisse a democracia – e esta deveria ter por base o Evangelho.

➤ **José Carlos Rodrigues – O protagonismo político e o silêncio na história:**

É de suma importância para os estudos historiográficos trabalhar sistematicamente na identificação do proprietário/editor do jornal/periódico, pois dessa forma é melhor compreendê-lo. Através do resultado desta análise é possível perceber a força social que orienta as publicações e seu projeto político. Dados os fatos, daí a importância de se traçar o perfil de José Carlos Rodrigues, pois é no processo de produção que o proprietário/editor se coloca como agente social ativo e formador de opiniões e questionamentos. Essa compreensão torna pertinente perguntar quem fala, em defesa de que projetos e com quais alianças.

José Carlos Rodrigues (Proprietário e editor) nasceu em 1844 – Cantagalo, Rio de Janeiro. Filho de Carlos José Alves Rodrigues – fazendeiro do Vale do Paraíba e

dono de escravos – e Anna de Albuquerque Vidal Alves Rodrigues⁶⁰. Rodrigues era órfão de mãe desde criança, e foi criado e educado por uma tia que pertencia também à aristocracia cafeeira, Joaquina Alves de Abreu Lima Pais e Rodrigues. Estudou no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e graduou-se pela Academia de Direito de São Paulo em 1864, aos 20 anos de idade, usufruindo a melhor educação então disponível no Brasil.

De acordo com Charles Gaud⁶¹, Rodrigues, durante o trajeto que fazia de Cantagalo a São Paulo, ele pernoitava na fazenda de amigos que haviam adquirido uma bíblia de missionários americanos, assim entrou em contato com a Bíblia e passou a lê-la diariamente. Assim que terminou o curso de Direito veio para o Rio de Janeiro e iniciou-se no exercício da advocacia. Um ex-professor seu foi escolhido para ser ministro do Estado e convidou Rodrigues para ser seu secretário. Ele então abandonou toda a vida que tinha e exilou-se do país, vivendo entre americanos e ingleses por vinte anos. O que fez Rodrigues voltar ao Brasil foi a morte de sua tia, pois foi necessário que regressasse ao país para tomar posse de sua herança.

Gaud ainda complementa que Rodrigues, no início de sua vida pública no Rio (no ano de 1864), estudava inglês com George Chamberlain, um estudante universitário americano que veio para o Brasil em busca de saúde e aqui ficou, pois não possuía renda para voltar para os Estados Unidos. George só regressou para o país em 1865, quando terminada a Guerra Civil americana. Segundo Gaud, George Chamberlain fundou no Brasil em 1870, em São Paulo, um pequeno colégio americano que foi

⁶⁰ RODRIGUES, José Carlos. *Árvore genealógica de José Carlos Rodrigues*. s/d. Arquivo IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues.

⁶¹ GAULD, C. A. José Carlos Rodrigues, o patriarca da imprensa carioca. *Revista de História*. São Paulo, n. 16, 1953. p. 427-438.

crecendo através dos anos – se tornou a Universidade Mackenzie, que possui, inclusive, um edifício intitulado de José Carlos Rodrigues. Vale a pena ressaltar que foi Chamberlain que influenciou Rodrigues a estudar a Bíblia e a se converter ao protestantismo.

Durante praticamente todo o curso de direito Rodrigues colaborou em vários jornais acadêmicos, foi correspondente político do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, órgão do Partido Liberal, fundou juntamente com o colega de faculdade, José da Silva Costa, a *Revista Jurídica* e publicou uma edição crítica da *Constituição do Império do Brasil* (Rio de Janeiro: Laemmert).

O Ministério do Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, onde Rodrigues trabalhava como advogado caiu em 1866. Com a queda do Ministério e a imprevista saída do protetor de José Carlos Rodrigues, teve início um episódio obscuro de sua vida: a investigação aponta um processo criminal como a razão de sua mudança para os Estados Unidos.

José Carlos Rodrigues converteu-se ao protestantismo, e em 1867 foi processado pelo Estado monárquico brasileiro por fraude⁶², mudou-se para os Estados Unidos e estabeleceu moradia em Lowell, Massachussets – residia na casa do ministro da justiça Caleb Cushing (muito citado nas questões políticas das colunas d'*O Novo Mundo*). Lá tornou-se correspondente do *Diário Oficial* e do *Jornal do Commercio*. Rodrigues era abolicionista, republicano, protestante e defensor da educação como promotora do progresso, para ele a Monarquia no Brasil estava fadada ao fracasso. Entusiasta do modelo político dos Estados Unidos, ele acreditava que para o progresso do Brasil era necessário que o país seguisse os passos deste país.

⁶² José Carlos Rodrigues era secretário do Ministro de Estado e foi acusado de fraude pelo Estado. Para escapar da acusação refugiou-se nos Estados Unidos e lá estabeleceu moradia por muitos anos, voltando para o Brasil somente em 1887.

Segundo Gaud, durante a sua viagem para os Estados Unidos, José Carlos Rodrigues traduziu para o português folhetos evangélicos. Ao desembarcar no país, logo entrou em contato com Chamberlain e a American Tract Society que divulgava tais folhetos. Jamais perdeu o contato com os protestantes americanos, mesmo quando ainda estava no Brasil e até 1882, quando deixou Nova York, já havia escrito em português oito livros didáticos para a escola que seu grande amigo Chamberlain fundou em São Paulo.

Enquanto esteve à frente d'*O Novo Mundo*, Rodrigues contribuiu para o jornal norte-americano *Nation* com artigos que falavam sobre a América Latina. Foi nomeado correspondente do Diário Oficial do Brasil e também do Jornal do Comércio – atividade que exerceu até 1890, época que já instalado no Brasil novamente, comprou esta empresa. De acordo com Gaud, Rodrigues traduzia para o português os almanaques do Dr. Ayer, o que lhe rendeu inúmeros anúncios de Ayer em seu periódico. Vale a pena ressaltar que Rodrigues também traduzia alguns artigos publicados n'*O Novo Mundo* para o *Nation*. Rodrigues, atuando sempre como um grande observador e também articulador, observando os bondes que carregavam as tiragens do periódico, logo tratou de entrar em contato com o fabricante, Mr. John Stephenson, e conseguiu junto a ele anúncios remunerados em seu periódico, aumentando assim a renda d'*O Novo Mundo* – conforme observamos nos capítulos anteriores.

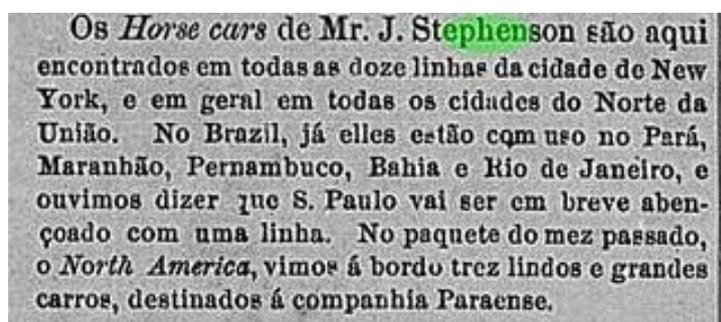


Imagem XVII – *O Novo Mundo* – 24 de outubro de 1870

Uma figura de grande destaque na trajetória de Rodrigues foi o Prof. C. F. Hartt, da Universidade de Cornell. Além das inúmeras contribuições de Cornell para o periódico, o mesmo estabeleceu a ponte entre Rodrigues e os ideais da Universidade de Cornell. O periódico foi, durante anos, um fio condutor do noticiário brasileiro e americano, lido por muitos brasileiros e, também um veículo formador de opinião. José Carlos Rodrigues foi o grande patrono dos estudantes brasileiros na Universidade de Cornell. Sua proximidade com a Universidade de Cornell, provavelmente advém do contato com o Prof. Algassiz, ainda no Colégio Pedro II e, posteriormente, com o Prof. Hartt. Vale a pena ressaltar que tais relações levaram-no a estabelecer uma ponte entre os brasileiros que chegavam aos Estados Unidos com a intenção de estudar naquela Universidade, além, é claro, da projeção do nome da Universidade, já que a mesma era vista constantemente nas páginas d'*O Novo Mundo*. A propaganda estampada no Jornal *O Novo Mundo* sobre a Universidade também abria horizontes da burguesia brasileira para as opções de ensino universitário em terras norte-americanas.

areia escavada salindo pelos tubos que ficaram abertos durante a construcção do pillar. Depois que já se tem feito um allcerce sufficiente, onde o caixão se afunda com o peso que sustenta, os operarios sahem e então se entope o interior do caixão e o tubo ou os tubos com pedra e massa de cal, alcatrão, etc. Esses caixões são feitos com uma grande arte. Considere-se bem que é commum sustentarem elles um peso de 3,000 toneladas—uma vez e meia a tonelagem dos paquetes de New York ao Rio de Janeiro—e ter-se ha ideia do risco que correm os que trabalham sob estes Atlas de pedra e cal.

O PROF. CH. FRED. HARTT.

O serviço que o Professor HARTT prestou e ao Br. zil e á sciencia em geral com a publicação do resultado de suas duas primeiras expedições neste Imperio, já foi assignalado no primeiro numero deste periodico, ao examinar-se a sua obra, então recentemente publicada. Era de esperar que um joven explorador, cheio de ardor por novos descobrimentos na sciencia, que cultivava especialmente, encontrasse no Brazil um campo tão vasto como rico para este estudo, e que, uma vez empenhado a desentranhar os thezouros



Imagem XVIII – 23 de novembro de 1871 – Nesta imagem O Novo Mundo traz uma foto de Hartt e enfatiza a colaboração deste para o Brasil.

—Um dos quinze estudantes Brasileiros que para aqui teem vindo estudar varios cursos da Universidade de Cornell, o Sr. H. DE AQUINO, começou a publicar em Outubro um periodico mensal em Portuguez com o titulo de *Aurora Brasileira*. “A epocha que desponha para o Brazil,” diz o Redactor, “é a da engenharia. O movimento começa: para os Estados Unidos partem, em todos os paquetes, jovens Brasileiros em busca do estudo desta sciencia. . . Facultar a todos os Brasileiros que desejarem vir estudar nesta Universidade, os esclarecimentos precisos; enviar mensalmente para o Brazil noticias de seus filhos. . . publicar o fructo de suas horas de lucubrações, pugnar pela sua união e bem estar,” tal é o fim desta *Aurora*, que assigna-se a 3 dollars por anno, remettidos ao Edictor, Box 483, P. O. Ithaca, New York. Nós

Imagem XIX – 24 de novembro de 1873 – José Carlos

Rodrigues chama a atenção dos brasileiros para a publicação de Aquino, estudante brasileiro na Universidade de Cornell, no periódico mensal Aurora Brasileira.

Nesse sentido, vale a pena enfatizar o quanto é possível perceber que José Carlos Rodrigues está inserido no contexto da “Geração de 1870”, proposta por Angela Alonso. Mesmo sem Angela Alonso mencioná-lo como um intelectual pleno dessa geração, a partir das características do movimento é possível, facilmente, colocá-lo como uma figura de destaque nesse cenário de contestação, ou seja, Rodrigues foi um sujeito político, que naquele momento estava projetando um futuro para o Brasil baseado no “sucesso” da república americana, e divulgando através do periódico e dialogando com sua rede de sociabilidade.

Através d’*O Novo Mundo*, Rodrigues projeta um futuro para o Brasil baseado no modelo americano, discurso esse fortalecido através da rede de sociabilidade estabelecida pelo periódico – jornais que reafirmavam o discurso deste através das publicações que reproduziam em suas páginas, dentre eles podemos destacar a imprensa americana (conforme já abordamos no capítulo anterior), *O Apóstolo*, *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, *O Globo*, *Correio do Brasil* e *O Jornal do Commercio*.

A interpretação que Rodrigues possuía das questões políticas e sociais do Brasil é o que o motivava para atuar enquanto força política através da palavra impressa. Nas palavras de Roger Chartier,

“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas sociais (...) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a

legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um prupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 1988: 17)

Para dar sentido e legitimidade ao discurso de José Carlos Rodrigues é necessário entender com quem ele dialoga, ou seja, a sua rede de sociabilidade. Através de seu protagonismo enquanto uma figura de grande prestígio político, Rodrigues utiliza a palavra impressa para formular um modelo/projeto para o Brasil. Através do levantamento de suas cartas pessoais é possível mapear com quem o proprietário/editor estava dialogando⁶³ – neste capítulo enfatizaremos, principalmente, o diálogo de Rodrigues (através de cartas pessoais) com José da Silva Costa (amigo de faculdade e colaborador de Rodrigues no Brasil), Visconde do Porto Seguro (Francisco Adolfo de Varnhagen), Candido Mendes de Almeida, Visconde de Taunay, Joaquim Saldanha Marinho, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e Luiz Gama.

Através das cartas e do diálogo de Rodrigues com seus colaboradores, é possível perceber que o proprietário/editor contou com um grupo de colaboradores que admiravam os rumos do desenvolvimento dos Estados Unidos e acreditavam no modelo estadunidense como solução para os problemas político-sociais brasileiros. Para

⁶³ A análise parte da perspectiva de Pierre Bourdieu, ou seja, do conceito de Campo. José Carlos Rodrigues é um agente político que está inserido em um Campo, neste caso, o intelectual e é através das suas publicações n’*O Novo Mundo* que ele legitima o seu discurso.

entender sua rede de sociabilidade se faz necessário ir além do periódico, ou seja, é preciso analisar suas cartas pessoais.

São 56 cartas pessoais, que datam de 1865 a 1879. Através da tabela abaixo podemos observar a relação remetente/quantidade/ano:

	1864	1865	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	1877	1878	1879	Total
José da Silva Costa				4	5		1							10
Visconde do Porto Seguro							2	3	1	1				7
Candido Mendes de Almeida			1	3				1	1					6
Salvador Furtado de Mendonça												1		1
Tavares Bastos		1			1	1		1						4
Luiz de Castro				1		1								2
Paulino José Soares de Souza								1						1
Quintino Bocaiúva								1						1
Barão de Homem de Melo							1							1
João Manoel Pereira da Silva	1												1	2
Barão de Cotegipe		1						1						2
Visconde de Taunay							1		1					2
Joaquim Saldanha Narinho								1		1				2
Joaquim Caetano Fernandes								2						2
Felipe Lopez Neto										1				1
J. J. Aubertin												2		2
Teófilo Braga												1		1
Luiz Gama				1										1
José Vieira Couto de Magalhães						1								1
Augusto Emílio Zalar							1							1
Machado de Assis							1							1
Visconde de Souza Franco								1						1
Antonio Pedro de Carvalho Borges								1						1
Elias Lobo									1					1
Visconde do Bom Retiro									1					1
Jesuíno Marcondes de Oliveira											1			1
TOTAL	1	2	1	9	6	3	7	13	5	3	1	4	1	56

Cartas passivas de José Carlos Rodrigues – Tabela IV

Um primeiro dado muito importante que podemos perceber na tabela acima é identificar aqueles com que José Carlos Rodrigues mais trocava correspondências, estes são José da Silva Costa, Visconde do Porto Seguro (Francisco Adolfo de Varnhagen) e Candido de Mendes de Almeida, respectivamente. Com um total de dez

correspondências (4 em 1870, 5 em 1871 e 1 em 1873), José da Silva Costa se coloca como um colaborador fiel de José Carlos Rodrigues – em suas cartas descrevia os jornais brasileiros que enviava para Rodrigues, estes eram os de maior circulação no Rio de Janeiro e São Paulo. Desta forma, Rodrigues se mantinha informado sobre as questões políticas, sociais e econômicas que estavam circulando na imprensa brasileira naquele momento. Em suas cartas, Silva Costa, por muitas vezes relatou a Rodrigues o momento político no qual o Brasil estava passando – a questão da ação dos republicanos.

Silva Costa, em dezembro de 1870, relata para Rodrigues o sucesso e a circulação dos ideais do periódico na capital. Em suas palavras,

“Os artigos do Novo Mundo têm sido, quase todos manuscritos nas folhas desta capital, e muito têm merecido, o que cumpre é haver muita regularidade na publicação; porque este gênero de publicações tem deixado muito a desejar a respeito.”

(José da Silva Costa – 24 de dezembro de 1870)

Nesta mesma carta, Silva Costa descreve para Rodrigues os periódicos no qual está enviando juntamente com aquela carta: *O Jornal do Commercio* e a primeira edição do *A República*. O que nos mostra que Rodrigues, mesmo do outro lado do Atlântico tinha conhecimento do que circulava na imprensa da capital. Em fevereiro de 1871, Silva Costa afirma, novamente, como o periódico está sendo bem aceito no Rio de Janeiro.

Em maio de 1871, Silva Costa descreve novamente o sucesso do periódico no Rio de Janeiro e traz notícias para Rodrigues sobre a política interna brasileira:

“Os conservadores estão quase aniquilados e é de esperar que os liberais assumam a direção do País.”

(José da Silva Costa – 25 de maio de 1871)

Em carta datada de 23 de junho de 1871, meses antes da promulgação da lei de setembro de 1871, Silva Costa escreve para Rodrigues,

“A nossa política está, como verás das folhas, indecifrável: os conservadores tomaram a bandeira liberal – consignando na fala do trono reformas liberais, como a do elemento servil, que tem sido o pomo da discórdia entre os conservadores; não creio, porém, que os conservadores votem a abolição da escravidão: esperemos. O Sr. D. Pedro lá se foi deixando o país em crítica situação: mas enfim é bom que o rei divirta-se. Fala-se na subida dos liberais, o que para o partido será um presente de gregos, o que for soar.”

(José da Silva Costa – 23 de junho de 1871)

Silva Costa, além de representante do periódico no Rio de Janeiro é aquele que transmite para Rodrigues a situação da política interna brasileira, além, é claro, de fornecer para Rodrigues um diálogo com a imprensa carioca e possibilitar que *O Novo Mundo* dialogue com ela.

Visconde do Porto Seguro (Francisco Adolfo de Varnhagen), um daqueles que mais trocou correspondências com José Carlos Rodrigues, em contato com o redator, afirma que é assinante d’*O Novo Mundo*, parabeniza Rodrigues pelo sucesso do periódico e descreve as remessas de livros que enviou para Rodrigues – Atlas. Suas trocas de correspondências com Rodrigues estavam diretamente ligadas a questões literárias – principalmente a questão da polêmica do uso de pseudônimos.

No contexto do número de cartas, destaca-se também o deputado Candido Mendes de Oliveira, que compartilhava das ideias de Rodrigues no que diz respeito à

questão da mão de obra. Em carta, datada de 23 de Novembro de 1870, Candido Mendes de Oliveira afirma que assim como Rodrigues é um inimigo da escravidão:

“Eu sou inimigo da escravidão desde 1836, inimigo teórico e prático, porque nunca mais admiti a doutrina de que um homem pudesse dizer-se senhor de outro. Apoiei o Ministério Eusébio quando me era possível em 1850 e 1851 na questão do tráfico. Em 1864 no Ministério Zacarias sendo Diretor-Geral do Ministério da Justiça acabei com os africanos livres, e de tal modo em 4 meses que em 3 de agosto já estava pronto o Decreto para a total emancipação do resto, Decreto que Zacarias não quis referendar por delicadeza, o que seu sucessor fez. Mais de 15 mil saíram dessa escravidão”

(Carta de Candido Mendes de Oliveira – Coleção José Carlos Rodrigues - “Carta Passiva de José Carlos Rodrigues” – FBN – Carta número 200)

Vale a pena ressaltar que os membros brasileiros da rede estabelecida por Rodrigues variavam no que diz respeito à posição política. Rodrigues dialogava com monarquistas e republicanos. Nomes como Quintino Bacaiúva (liberal republicano), Visconde de Taunay, Saldanha Marinho (liberal republicano), Salvador de Mendonça (liberal republicano), André Rebouças (monarquista) e Visconde do Rio Branco (monarquista) são aqueles nos quais Rodrigues dialogava durante toda a década de 1870.

Rodrigues, antes mesmo de se mudar para os Estados Unidos, conseguiu se inserir em um campo intelectual que lhe deu estrutura para sair do país e continuar atuando nele, ou seja, essa rede estabelecida propiciou que ele continuasse sendo

correspondente do *Jornal do Commercio*, uma importante figura da opinião pública e que posteriormente fundasse seu jornal e este fosse amplamente divulgado mesmo sendo produzido fora do país.

No que diz respeito a sua rede e partindo da perspectiva de Pierre Bourdieu⁶⁴, José Carlos Rodrigues é um agente político que está inserido em um contexto social e é através das suas publicações n’*O Novo Mundo* que ele legitima o seu discurso. A legitimação do seu discurso não é dada através das palavras propriamente ditas, Rodrigues estava inserido em um campo, neste caso, o campo intelectual, dialogava com ele e era reconhecido como pertencente deste campo. A palavra escrita do periódico propõe e deseja mudanças para o país e mudanças de uma prática cotidiana, neste caso, é importante perceber para quem é dito e como é recebido, e é aí que se estabelece o discurso de poder – conforme aponta Bourdieu. Não basta que o discurso seja compreendido, é necessário que ele seja reconhecido e legitimado.

Vale a pena destacar também em que campo dentro da imprensa o periódico estava inserido. Ele contou com um grupo de colaboradores que admiravam os rumos do desenvolvimento dos Estados Unidos e acreditavam no modelo estadunidense como “solução” para os problemas político-sociais brasileiros. Dialogavam entre si, abordando questões como: os rumos do Brasil, a abolição e emancipação, a questão do trabalho e também o dito sucesso do modelo americano. Partindo da perspectiva de Pierre Bourdieu, a palavra escrita contida neste campo propõe e deseja mudanças de prática cotidiana, ou seja, é através do discurso proferido que esse campo legitima seu discurso. Discurso é poder. E neste caso, o discurso produzido é aquele que circulará por grande parte da imprensa, ou seja, um discurso que está colocando como prioridade as mudanças estruturais do país.

⁶⁴ Ver: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Rodrigues, um antiescravista defensor da liberdade dos indivíduos não poupou os Estados Unidos de críticas no que diz respeito ao tratamento recebido pela população negra do sul do país. Rodrigues não aprovava as leis anti-negros dos estados do Sul, apesar de ser um entusiasta do modelo de governo americano, não escondia os problemas do país e em suas páginas relatava alguns “absurdos” cometidos pelo governo. Sobre a economia do Sul e a questão da mão-de-obra foi publicado em outubro de 1871:

“Concluiremos que é escusado fechar-se os olhos para as enormes dificuldades que cercam os fazendeiros do sul dos Estados Unidos. Também ninguém jamais esperou que o systema de trabalho mudasse não ocasionando quase dôr alguma.”
(*O Novo Mundo* – 24 de outubro de 1871)

Logo na sua primeira edição do periódico publicou um artigo intitulado “*A emancipação dos escravos*”, e nele José Carlos Rodrigues atacou diretamente o governo brasileiro e cobrou providências imediatas para avançar nas questões pertinentes ao abolicionismo. O periódico não só falava sobre a questão da necessidade do fim da escravidão no Brasil, José Carlos Rodrigues, a frente da edição, também apontava que a mão de obra livre era muito mais que necessária, na verdade ela era uma escolha inteligente. A respeito da mão de obra escrava e da necessidade de substituição para a mão de obra livre, em 23 de novembro de 1870, foi publicado n’*O Novo Mundo*:

“(…) O sistema de trabalho por escravos vive de resultados, grandes e prontos: cultiva-se aqui enquanto ele pode produzir muito, rapidamente, e sem esforço inteligente: muito porque o capital do senhor de escravos é grande e os proveitos devem-lhes ser

proporcionais; rapidamente e sem esforço inteligente, porque depende da natureza e porque não há trabalho livre. Perseverança, paciência e progresso; experiências, exploração da natureza até seus últimos resultados, tudo isto é estranho a fazenda de escravos.

(...) A abolição da escravidão é questão de mais dia menos dia, e o único meio que nós temos de nos poupar a muita miséria ou, pelo menos, de criar a riqueza que ora nos deixa o trabalho escravo, é introduzir na agricultura mais instrumentos de riqueza, mais pericia, mais economia, mais completa exploração das forças da natureza. Esta revolução do sistema do trabalho deve começar desde já; depois será talvez muito tarde.

(...) Até agora, com escravos, tem havido um grande desperdício na economia rural: nem o solo tem sido melhorado, nem um sistema de cultura mais racional, tem sido estudado, nem se tem tirado toda a vantagem possível de certos produtos que nossos fazendeiros colhem e que nem ao menos são restituídos, como estrume, a terra donde vieram.”

(O Novo Mundo – 23 de novembro de 1870).

Em diálogo com o artigo descrito acima, o deputado Candido Mendes de Almeida, em carta datada de 23 de setembro de 1870, ele afirma que mesmo partilhando das mesmas ideias que Rodrigues no que diz respeito a escravidão, ele não concordava com o que Rodrigues afirmou sobre o Estado brasileiro. Em suas palavras:

“No artigo sobre a emancipação dos escravos V. S.^a é injusto com o Governo do Brasil. Está em estudo esse negócio e verá o que em maio vai aparecer no sentido da emancipação da raça africana. Não podemos andar

*com a presteza de países que jogam com vantagem.
nessa questão. A situação do Brasil é mais singular.”*

(Candido Mendes de Almeida – 23 de setembro de 1870)

Na questão da “vantagem” ele se refere aos Estados Unidos devido a Guerra de Secessão que garantiu a liberdade dos escravos.

Nesse sentido, partindo das questões que envolveram o pós-guerra civil nos Estados Unidos é que surge, no contexto da década de 1870, *O Novo Mundo*. A imprensa, naquele momento, assumiu um papel de canal de difusor de uma cultura política abolicionista, onde o trabalho livre é visto como a solução para a superação da escravidão.

O antiescravismo só prevaleceu onde havia um prolongado acúmulo de problemas na ordem escravista e uma ligação de diversas forças e ele opostas. A escravidão passa a ser vista como um problema moral, e a partir do início do oitocentos começou a ser combatida pela Inglaterra. Porém, vale ressaltar que a instituição da escravidão era sustentada pelo respeito à propriedade, pela falta de respeito aos negros e pelas definições preponderantes do interesse nacional.

O antiescravismo só progrediu quando cada um desses fatores foi contestado. O surgimento do antiescravismo refletia pressões em todos os níveis da formação social, e só aconteceriam avanços importantes no contexto de crises que atingissem toda a sociedade, arrastando um grande número de pessoas a vida política, reunindo assim forças e influências políticas diversas e pondo em questão os princípios organizadores do poder.

Considerações Finais

A trajetória percorrida por este trabalho nos permitiu visualizar alguns dos ideais políticos e ideológicos do *O Novo Mundo*. O periódico era escrito nos Estados Unidos e projetava o local onde foi editado como um modelo a ser seguido. A admiração pela nação norte-americana expressada por Rodrigues e também pelo periódico traduzia-se, principalmente, em enunciados ambivalentes, colocando os Estados Unidos em primeiro plano tanto em relação ao Brasil e aos demais países das Américas, quanto em relação à Europa⁶⁵.

Assim, conforme assinada Mônica Rinaldi, a inexistência de relações modernas de trabalho, a persistência da estrutura econômica colonial e das instituições monárquicas e a falta de instrução da população foram temas recorrentes nos artigos de *O Novo Mundo* durante os nove anos de sua existência. Priorizando a abolição da escravatura com argumentos sólidos que iam de encontro à instituição, o periódico buscava mostrar que reformas eram necessárias e essenciais para que o país ingressasse na modernidade e começasse a fazer parte das nações ditas “civilizadas”.

Priorizando a abolição da escravatura com argumentos sólidos que iam de encontro à instituição, o periódico buscava mostrar que reformas eram necessárias e essenciais para que o país ingressasse na modernidade e começasse a fazer parte das nações ditas “civilizadas”. Em seus propósitos reformistas e progressistas, *O Novo Mundo* apresentava, de forma geral, argumentos de oposição ao governo imperial.

O pensamento anti-escravista surge como uma “solução” para o problema da escravidão e estava baseado nas teorias liberais que defendiam que os homens nasciam

⁶⁵ Ver: ASCIUTTI, Mônica Maria Rinaldi. *Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

livres e iguais e em contrapartida tinha que lidar com a manutenção da escravidão, o que acabava gerando um dilema. A partir da integração das economias dos Estados Unidos, do Brasil e de Cuba no regime escravista, e da supressão do escravismo nos Estados Unidos no pós-guerra de secessão é possível entender a difusão desse pensamento anti-escravista no Brasil.

O Novo Mundo se insere como um canal difusor de uma cultura política abolicionista. A década de 1870, recheada de significados possibilitou que os ideais de liberdade fossem difundidos. A trajetória percorrida por este estudo no estudo permitiu visualizar alguns dos ideais políticos e ideológicos do *O Novo Mundo*. A admiração pela nação norte-americana expressada por Rodrigues através das páginas do periódico colocava os Estados Unidos em primeiro plano tanto em relação ao Brasil e também a todo o mundo.

Em seus propósitos reformistas e progressistas, *O Novo Mundo* apresentava, de forma geral, argumentos de oposição ao governo imperial, denunciando, entre outras, a política do mecenato e da troca de favores, defendia a necessidade de desvinculação entre as atividades política e literária.

Com o fim da censura e o crescimento das publicações de jornais, periódicos e folhetins, a imprensa atinge um maior número de pessoas e não necessariamente alfabetizadas – vale ressaltar que a oralidade é de fundamental importância nesse momento, ou seja, a notícia falada é muito mais difundida do que a notícia que está nos papéis.

De acordo com Gabriela Vieira Campos, jornais e revistas eram lidos e relidos em pequenos grupos no fim de tarde como uma espécie de encontro social; novelas eram acompanhadas dessa maneira, notícias sobre as guerras eram intercaladas com comentários, informações políticas motivavam falas mais inflamadas. E é através dessa

imprensa que uma cultura política de progresso é difundida, ela possui um papel fundamental na construção social e econômica do país, principalmente na década posterior as publicações do *O Novo Mundo*, onde houve a abolição da escravidão no Brasil e também a proclamação da república.

Quando nos propomos a estudar um determinado objeto de uma época, uma das questões mais importantes e essenciais para a obtenção de êxito em um estudo historiográfico é estabelecer um diálogo com o contexto no qual ele está inserido. Muitas pesquisas sobre *O Novo Mundo* e José Carlos Rodrigues foram o foco, principalmente, na área das letras. Entretanto, devemos trazer para a discussão abordagens e problematizações historiográficas, pois muitas dessas pesquisas acabaram por não relacionar seus estudos ao contexto social, cultural e político da época em que o periódico circulava. Vale ressaltar que os trabalhos no campo da História não abordam e problematizam diretamente *O Novo Mundo*, apenas o tangenciam, daí a importância deste trabalho para o enriquecimento dos trabalhos no campo da História e do período que diz respeito aos oitocentos.

Este trabalho teve como fio condutor a perspectiva de Robert Darnton⁶⁶, ou seja, a de uma “história social e cultural da imprensa” – abordando-a como um instrumento de investigação e análises. É necessário levar em consideração não só o que é publicado, a notícia por si só, é de suma importância atentar-se para quem está escrevendo, para quem se está escrevendo, da onde se está escrevendo, em que época se está escrevendo e também as redes de sociabilidade.

⁶⁶ DARTON, Robert. op. cit., p. 129.

Lista de Ilustrações

Imagem I – <i>O Novo Mundo</i> – Outubro de 1870.....	31
Imagem II – <i>O Novo Mundo</i> – Outubro de 1870.....	33
Imagem III - <i>O Novo Mundo</i> – 23 de maio de 1874.....	45
Imagem IV - <i>O Novo Mundo</i> – 1 de dezembro de 1879.....	47
Imagem V – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de novembro de 1871.....	63
Imagens VI e VII – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de março de 1873.....	78
Imagem VIII – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de novembro de 1870.....	79
Imagem IX – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de outubro de 1874.....	83
Imagem X – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de outubro de 1874.....	84
Imagem XI – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de novembro de 1874.....	85
Imagem XII – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de novembro de 1874.....	86
Imagens XIII, XIV e XV – <i>O Novo Mundo</i> – março de 1877.....	87
Imagem XVI – <i>O Novo Mundo</i> – setembro de 1871.....	92
Imagem XVII – <i>O Novo Mundo</i> – 24 de outubro de 1870.....	101
Imagem XVIII – <i>O Novo Mundo</i> – 23 de novembro de 1871.....	103
Imagem XIX – <i>O Novo Mundo</i> – 24 de novembro de 1873.....	103

Lista de Tabelas

Tabela I – <i>A educação nas páginas d’O Novo Mundo</i>	52
Tabela II – <i>Detalhamento mês/ano dos anos de maiores publicações sobre o tema “educação”</i>	53
Tabela III – <i>Notícias sobre os Estados Unidos</i>	71
Tabela IV – <i>Cartas passivas de José Carlos Rodrigues</i>	106

Anexos

Fichamento das cartas passivas de José Carlos Rodrigues

Localização das Cartas: Fundação Biblioteca Nacional.

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 25 de Janeiro de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 108

Assunto: Palavras de amizade e conforto; Aviso de recebimento dos jornais enviados (“O trecho que se refere ao Otoni será entregue ao filho”); Envio de jornais a JCR (“Envio-te jornais e não te mando os retratos e o *Correio da Tarde* porque não pude ir a cidade por ter adoecido”).

- “P.S.: Sobre a *Ilustração* ainda não se publicou número algum, em tempo ir-te-á.”

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 25 de Maio de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro (Côrte)

Número da carta: 109

Assunto: Resposta à carta que JCR o enviou em 22 do mês passado; 6 cartas recomendando Mr. Chs. Fred. Hartt; Envio de dois números do *Jornal do Comércio* (“Em que vem as tuas correspondências dos dois últimos correios”); Escreve sobre a *Ilustração Americana* (“Só há publicados os 4 números que te enviei: acabam de informar no escritório da redação que em consequência de desaranjo na máquina não

tem podido trabalhar o prelo”); Fala sobre Sabino e a reclamação sobre o Diário Oficial; Fala sobre a Política Brasileira (“A nossa política continua cada vez mais estragada: agora acaba de se representar uma das mais ridículas farsas: o governo mandou fazer uma barraca de papelão e ripas (...) para oficialmente festejar a terminação da guerra, isto quando já o povo festejou já e sobejamente o fim da guerra! Isto vai cada vez a pior.”); Negócios com Dr. Ayer.

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 25 de Junho de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 110

Assunto: Resposta a carta de 21 do mês passado; Palavras de conforto e conselho para que JCR modere no trabalho; Envio do Jornal do Comércio (“Em que vem a tua correspondência e 2 números (5 e 6) da Ilustração; depois de muita demora continuam a publicar a folha”); Fala sobre o Imperador (“Dizes-me que o Imperador é ainda muito simpatizado; assim será mas digo-te que não tem ele esse liberalismo que muitos lhe emprestam; o que ele tem é muita fatuidade” – Significado de fatuidade: Vaidade)

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 24 de Dezembro de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 111

Assunto: Resposta a carta de 23 do mês passado – Onde JCR afirmou que não havia recebido a resposta de sua última carta a Silva Costa; Silva Costa avisa a JCR que não entregou a carta que ele endereçou ao Cassel; Fala sobre a Reforma (?) (“Recebi teus

belos opúsculos, sobre os quais unicamente a Reforma (folha liberal) disse alguma coisa, cuja notícia inclusa te remeto”); Fala sobre os artigos do *Novo Mundo* (“Os artigos do Novo Mundo têm sido, quase todos manuscritos nas folhas desta capital, e muito têm merecido, o que cumpre é haver muita regularidade na publicação; porque este gênero de publicações tem deixado muito a desejar a respeito”); Envio do *Jornal do Comércio* e do *A República* – Primeiro número; Silva Costa pergunta sobre os Estados Unidos (“Há tempos perguntei-te o que havia de verdade em um boato que por aqui ocorreu, de que existia formado ou a formar-se um partido – monarquista nos Estados Unidos e até hoje não me respondeste”).

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 23 de Fevereiro de 1871

Local da Carta: Rio de Janeiro (Côrte)

Número da carta: 112

Assunto: Resposta a carta de 23, onde esta trouxe a notícia de que JCR não estava recebendo as cartas de Silva Costa; Envio de um cheque de 150 dólares; Sobre o Agente atual do Ayer; Ele fala sobre um Agente de JCR (Que agente é esse? Ver carta anterior!); Notícias sobre *O Novo Mundo* (“O Novo Mundo tem sido bem aceito e creio que está só sem rival; pois a publicação semelhante (anglo-brasileira) parece ter recuado”); Envio do Jornal em que vai a correspondência de JCR; Sobre a *Crestomatia* (“Foi adotada no Instituto Comercial; por ora, a Instrução Pública não o adotará”); Silva Costa afirma que as cartas que JCR enviou já foram remetidas a seu destino.

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 25 de Maio de 1871

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 113

Assunto: Sobre o Agente (“Pensava poder já neste correio poder anunciar-te que estavas com outro agente aqui (o Cassel), mas, teu cunhado não me apareceu apesar de instar por ele há 3 dias passados: farei o possível para satisfazer-te fica certo”); O Novo Mundo continua a ser apreciado no Brasil; Notícias sobre o Imperador (“O Imperador lá vai hoje barra fora em demanda da Europa: Deus o inspire melhor”); Sobre a política interna brasileira (“Os conservadores estão quase aniquilados e é de esperar que os liberais assumam a direção do País”); Se refere a José Bonifácio como “o nosso amigo José Bonifácio”.

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 23 de Junho de 1871

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 114

Assunto: Resposta a carta de 23 do mês passado; Ainda a questão da mudança do Agente – Não houve ainda a mudança; Sobre os Srs. Munn & C.^a (“Escreveram-me sobre o privilégio que desejam obter do Governo Imperial. Eles me pedem uma cópia da lei que entre nós regula os privilégios”); Fala sobre a política brasileira (“A nossa política está, como verás das folhas, indecifrável: os conservadores tomaram a bandeira liberal – consignando na fala do trono reformas liberais, como a do elemento servil, que tem sido o pomo da discórdia entre os conservadores; não creio, porém, que os conservadores votem a abolição da escravidão: esperemos. O Sr. D. Pedro lá se foi deixando o país em crítica situação: mas enfim é bom que o rei divirta-se. Fala-se na subida dos liberais, o que para o partido será um presente de gregos, o que for soar.”).

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 24 de Novembro de 1871

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 115

Assunto: Resposta a carta de 22 do mês passado; Silva Costa fala de algum ato que o Agente cometeu – é necessário ver a carta de JCR a Silva Costa para entender do que se trata; Boatos de Reforma (“Não gostas dos boatos da Reforma, nem da discussão pessoal-imperial da República: concordo contigo, mas, o que queres, senão temos imprensa política, que discuta ideias, que saiba evangelizar? Continuo a aplaudir a tua perseverante e inteligente tarefa – na redação do *Novo Mundo*, e a apreciar a tua interessante correspondência do *Jornal do Comércio*”); Silva Costa fala sobre um tal de João de Almeida – promete a JCR que na próxima correspondência dirá alguma coisa sobre ele; Silva Costa fala sobre o Dr. Policarpo Lopes de Leão para JCR (Caráter íntegro e magistrado distintíssimo”) – Silva Costa escreve sobre ele e sua trajetória (Foi presidente das províncias de São Paulo e Rio de Janeiro).

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 24 de Dezembro de 1871

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 116

Assunto: Fala sobre o progresso do *O Novo Mundo*; Artigo escrito por JCR (“Li o teu artigo que escreveste sobre o jesuitismo, como chamas, do Zacarias. Achei bem feito o paralelo que fizeste entre a doutrina liberal e a ultramontana daquele conselheiro”); Fala sobre os republicanos (“Tenho visto republicanos professarem com máximo calor o mais desenfreado ultramontanismo. Serão esses republicanos? Para mim tenho por

incompatíveis as ideias da democracia legítima com a intriga chamada – ultramontanismo. Tenho observado que a ideia republicana vai ganhando muito terreno entre nós: seja ela bem-vinda”); Costa Silva fala sobre uma polêmica com Lane e Ayer envolvendo a ele próprio.

Nome: José da Silva Costa

Data da carta: 25 de Julho de 1873

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 117

Assunto: Silva Costa comunica a JCR que teve seu terceiro filho com Elisa.

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 1 de Março de 1873

Local da Carta: Viena

Número da carta: 171

Assunto: Fala sobre seu livro: História Geral do Brasil – 2º Volume e sobre a possibilidade de publicação do tema no periódico.

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 12 de Maio de 1873

Local da Carta: Viena

Número da carta: 172

Assunto: Fala sobre o nº 31 do *O Novo Mundo* (“resumos de meus disseminados trabalhos”); Relatório sobre o Congresso Estatístico de S. Petesburgo (“No qual tive a

honra de representar o Brasil, sendo eleito um dos Vice-Presidentes”); Afirma que é assinante do *O Novo Mundo*.

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 17 de Fevereiro de 1874

Local da Carta: Viena

Número da carta: 173

Assunto: Fala sobre polêmicas no campo da Literatura (pseudocríticos portugueses) –
Pede um espaço no periódico para poder falar sobre o assunto.

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 9 de Abril de 1874

Local da Carta: Viena

Número da carta: 174

Assunto: Fala sobre um protesto que quer fazer contra os pseudocríticos portugueses –
Pede que JCR publique no periódico a sua carta de indignação; Dá sugestões de escrita para *O Novo Mundo* (“Evite, tanto quanto puder o demasiado emprego dos pronomes pessoais e possessivos, riscando na minuta todos os que se puderem dispensar; e ainda mais a repetição frequentíssima (à francesa) do pronome *Um*”).

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 21 de Junho de 1874

Local da Carta: Bruhl (Perto de Viena)

Número da carta: 175

Assunto: Agradecimento pela publicação da carta.

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 13 de Janeiro de 1875

Local da Carta: Viena

Número da carta: 176

Assunto: Observação sobre uma carta que envia em anexo, intitulada: Nova História da Independência do Brasil.

Nome: Visconde do Porto Seguro – Francisco Adolfo de Varnhagen

Data da carta: 31 de Outubro de 1876

Local da Carta: Viena

Número da carta: 176

Assunto: Remessa de livros para os Estados Unidos.

Nome: Candido Mendes de Almeida

Data da carta: 23 de dezembro de 1969

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 197

Assunto: Agradecimento pela colaboração de JCR em prol dos Atlas.

Nome: Candido Mendes de Almeida

Data da carta: 23 de Maio de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 198

Assunto: Fala sobre publicações de Atlas e sobre Hartt; Fala que leu a correspondência de JCR do Jornal do Comércio (“Quanto mais noticiosa for, mais acreditada e lida será. Precisamos conhecer bem este país, e só um brasileiro nos dará a chave desse conhecimento, para que o estrangeiro que não nos conhece, não pode fazer que vejamos aquilo que nos cumpre saber”); Recebeu a nota que JCR mandou sobre o estado do Catolicismo na Inglaterra”).

Nome: Candido Mendes de Almeida

Data da carta: 24 de Setembro de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 199

Assunto: Felicitação por JCR ter terminado a sua *Cristomatia* (“Pode ficar certo que farei todo esforço para que ela seja adotada pela Instrução Pública”); Felicitações pela última carta de JCR ao Jornal do Comércio (“Pelas notícias que dá a cerca do resultado da emancipação da escravaria neste país. Como desde a Academia sou abolicionista, agradou-me muito essa comunicação. (...) A emancipação marcha e essa nódoa vai apagar-se de nosso país”); Fala sobre o correspondente de JCR – Sabino Batista Lopes.

Nome: Candido Mendes de Almeida

Data da carta: 23 de Novembro de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 200

Assunto: Agradecimento pelo envio de um exemplar do O Novo Mundo (“Confio que o seu jornal viverá, porquanto foi aqui e justamente acolhido, e creio que não lhe embargará o outro que vem de Londres”); Fala sobre uma ajuda na Câmara dos

Deputados (“Por minha parte farei o possível para ajudá-lo, mas com esperança de êxito somente em maio na Câmara dos Deputados”); Faz crítica a “doutrina da infalibilidade” contida nas páginas do periódico (“Sinto dizer-lhe V. S.^a não estudou a questão, senão com seu talento e perspicácia não diria o que ali vejo escrito. Agradeço o oferecimento que me faz das colunas de seu jornal, e se for possível, escreverei o que puder em bem do nosso País”); Fala sobre o artigo “A emancipação dos Escravos”, contido no primeiro número do periódico (“No artigo sobre a emancipação dos escravos V. S.^a é injusto com o Governo do Brasil. Está em estudo esse negócio e verá o que em maio vai aparecer no sentido da emancipação da raça africana. Não podemos andar com a presteza de países que jogam com vantagem nessa questão. A situação do Brasil é mais singular”); Afirma que é inimigo da escravidão (“Eu sou inimigo da escravidão desde 1836, inimigo teórico e prático, porque nunca mais admiti a doutrina de que um homem pudesse dizer-se senhor de outro. Apoiei o Ministério Eusébio quando me era possível em 1850 e 1851 na questão do tráfico. Em 1864 no Ministério Zacarias sendo Diretor-Geral do Ministério da Justiça acabei (de acordo com ele) com os africanos livres, e de tal modo em 4 meses que em 3 de agosto já estava pronto o Decreto para a total emancipação do resto, Decreto que Zacarias não quis referendar por delicadeza, o que seu sucessor fez. Mais de 15 mil saíram dessa escravidão”).

Nome: Candido Mendes de Almeida

Data da carta: 23 de Novembro de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 201

Assunto: Trata sobre anúncios no *O Novo Mundo* com JCR – Fala, inclusive, sobre pagamento destes anúncios; Fala sobre a estada de Hartt no Rio de Janeiro.

Nome: Candido Mendes de Almeida

Data da carta: 22 de Janeiro de 1875

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 202

Assunto: Fala sobre questões em orno de anúncios no *O Novo Mundo*.

Nome: Salvador Furtado de Mendonça – Ver Cartas de Machado de Assis!!!

Data da carta: 21 de Outubro de 1878

Local da Carta: New York

Número da carta: 214

Assunto: Se reporta a JCR como “amigo” e trata de questões diplomáticas e consulares, no que diz respeito a recomendações de publicações e serviços para o Brasil.

Nome: Aureliano Candido Tavares Bastos

Data da carta: 8 de Junho de 1865

Local da Carta: Indeterminado

Número da carta: 229

Assunto: Projeto de navegação para os Estados Unidos (“Está na ordem do dia entre os primeiros”); Fala sobre as questões em torno da Guerra do Paraguai.

Nome: Aureliano Candido Tavares Bastos

Data da carta: 22 de Maio de 1871

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 230

Assunto: Agradece a JCR pelo convite de ser um colaborador do periódico, aceita-o e escreve uma biografia sua na carta. (“Desde 1863, na imprensa e na Câmara, empenhei-me pelo desenvolvimento material do Império. Permita-me lembrar que a atual linha de navegação a vapor subvencionada de New York ao Rio de Janeiro foi por mim proposta em 1862 e tive o prazer de vê-la aprovada em 1865”).

Nome: Aureliano Candido Tavares Bastos

Data da carta: 3 de Fevereiro de 1872

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 231

Assunto: Fala que está adoentado e que se afastará por algum tempo da folha; Felicita JCR pela popularidade do *O Novo Mundo* no Brasil.

Nome: Aureliano Candido Tavares Bastos

Data da carta: 15 de Abril de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 232

Assunto: Tavares Bastos fala de sua viagem a Europa e que voltará ao Brasil passando pelos Estados Unidos; Continuará contribuindo para o periódico.

Nome: Luiz de Castro

Data da carta: 24 de Abril de 1870

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 233

Assunto: Fala a respeito de alguma carta enviada por JCR à ele no dia 23 do mês anterior – Tratando do *Jornal do Comércio*.

Nome: Luiz de Castro

Data da carta: 25 de Agosto de 1872

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 233

Assunto: Fala sobre a possibilidade de JCR arrumar um emprego para uma italiana.

Nome: Paulino José Soares de Souza

Data da carta: 25 de Março de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 237

Assunto: Agradece o convite de JCR para Paulino ter sua carreira política estampada no *O Novo Mundo*.

Nome: Quintino Bocaiúva

Data da carta: 25 de Abril de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 241

Assunto: Fala sobre o convite de JCR para ele estar nas páginas do *O Novo Mundo*.
Quintino, gentilmente, meio que se recusa utilizando-se de sua modéstia.

Nome: Barão de Homem de Melo – Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo

Data da carta: 17 de Junho de 1873

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 269

Assunto: Felicitações pelos serviços prestados à nação através do *O Novo Mundo* – Cita *O Correio Brasiliense*, escrito por Hipólito, em Londres; Fala sobre a estátua de José Bonifácio na Corte; Assina como: Colega, admirador e constante leitor.

Nome: João Manoel Pereira da Silva

Data da carta: 24 de Janeiro de 1864

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 314

Assunto: Fala sobre si próprio e faz uma autobiografia.

Nome: João Manoel Pereira da Silva

Data da carta: 16 de Outubro de 1879

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 315

Assunto: Resposta a uma carta anterior de JCR; Fala sobre as publicações suas que envia para o Escritório do *O Novo Mundo* no Rio de Janeiro (“Não sei se tem chegado aos Estados Unidos. Duvidou-o porque seu periódico nunca delas falou”); Fala sobre o Brasil (“A um brasileiro, tão afastado do país, deve ser agradável receber assim notícia do que vai pelo seu país natal, e acompanhar seu movimento literário e político”).

Nome: Barão de Cotegipe – João Mauricio Wanderley

Data da carta: 13 de Junho de 1865

Local da Carta: Bahia

Número da carta: 316

Assunto: Estima saúde e felicidade a JCR; Fala da condição de JCR.

Nome: Barão de Cotegipe – João Mauricio Wanderley

Data da carta: 25 de Julho de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 317

Assunto: Resposta a carta de JCR datada de 02 de Fevereiro; Autobiografia e foto para publicação no *O Novo Mundo*.

Nome: Visconde de Taunay – Alfredo D’Escragnolle Taunay

Data da carta: 09 de Julho de 1873

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 320

Assunto: Felicitações a respeito do *O Novo Mundo*; Envio de três obras dele; Procura com esta carta restabelecer as boas relações que tinham desde a época do Colégio Pedro II.

Nome: Visconde de Taunay – Alfredo D’Escragnolle Taunay

Data da carta: 06 de Janeiro de 1875

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 321

Assunto: Fala sobre as negociações de um romance que iria ser publicado nas páginas do *O Novo Mundo*.

Nome: Joaquim Saldanha Marinho

Data da carta: 25 de Julho de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 322

Assunto: Fala sobre dois jovens de Campinas que irão estudar nos Estados Unidos, onde ambos estarão sob os olhos do JCR; Fala sobre a questão do Voto (O governo, ou antes e positivamente, o Rei opõe-se desastradamente à eleição direta, que é a magna questão do dia. Se tivermos nesta sessão alguma lei eleitoral, o que duvido, será manca, sendo que o projeto de governo está sofrendo modificações inconsideradas e simplesmente ocasionais de interesse de sustentação de poder, e afinal teremos algumas dessas reformas monstruosas como a que avolumam já a nossa coleção de atos legislativos”).

Nome: Joaquim Saldanha Marinho

Data da carta: 11 de Julho de 1876

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 323

Assunto: Fala sobre Ubaldino do Amaral e o indica para prestar serviços ao *Novo Mundo*; Se coloca a disposição de JCR no Rio de Janeiro.

Nome: Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro

Data da carta: 20 de Outubro de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 324

Assunto: Fala sobre a resenha “O Movimento literário no Brasil que envia a JCR; Fala sobre o aumento de páginas e do acréscimo na assinatura; Fala sobre o uso de pseudônimo para suas publicações; Correspondente de JCR no Rio de Janeiro (“Serei franco com o meu bom amigo e em retribuição peço-lhe toda a franqueza, certo de que com ela jamais me ofenderei. Mediante a quantia de cinquenta mil réis serei seu correspondente efetivo no Rio de Janeiro remetendo-lhe por todos os vapores da linha de New York correspondências literárias, religiosas, políticas e de instrução pública, além de tudo o mais que possa interessar aos seus leitores. O espírito dos meus artigos será rasgadamente liberal”); Fala que continuará na Revista Literária; Fala sobre as Revistas do Instituto Histórico que enviou a JCR.

Nome: Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro

Data da carta: 23 de Dezembro de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 325

Assunto: Fala que no pacote de Janeiro enviará o último fascículo da Revista do IHGB (“assim como agradeço em nome da mesma associação o seu generoso oferecimento de servir de intermediário para com os Institutos e Sociedades Americanas e as quais nos achamos em relações”); Fala sobre o envio do artigo “Revista Brasilico-Literária”).

Nome: Felipe Lopes Neto

Data da carta: 28 de Maio de 1876

Local da Carta: Philadélfia

Número da carta: 326

Assunto: Fala sobre o artigo a respeito da sessão agrícola.

Nome: J. J. Aubertin

Data da carta: 08 de Abril de 1878

Local da Carta: Londres

Número da carta: 330

Assunto: Fala sobre a sua obra de tradução – Lusíadas do Camões.

Nome: J. J. Aubertin

Data da carta: 15 de Junho de 1878

Local da Carta: Madrid

Número da carta: 331

Assunto: Fala do sucesso do *O Novo Mundo* no Rio de Janeiro.

Nome: Teófilo Braga

Data da carta: 25 de Julho de 1878

Local da Carta: Lisboa

Número da carta: 332

Assunto: Fala sobre a sua colaboração literária no periódico – aceita e discutem valores.

Nome: Luis Gama

Data da carta: 26 de Novembro de 1870

Local da Carta: São Paulo

Número da carta: 385

Assunto: Fala sobre clubes e lojas maçônicas que são republicanos e leem *O Novo Mundo*; Fala sobre o Correio Paulistano e que este transcreverá boa parte do *O Novo Mundo* em suas páginas; Assume que é republicano e fala da organização do partido republicano; se reporta ao protestantismo como “Ceitas protestantes”.

Nome: José Vieira Couto de Magalhães

Data da carta: 23 de Outubro de 1872

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 387

Assunto: Fala sobre a importância da boa imprensa para o progresso do país.

Nome: Augusto Emílio Zaluar

Data da carta: 12 de Janeiro de 1873

Local da Carta: Vassouras

Número da carta: 388

Assunto: Fala sobre a sua obra publicada no *O Novo Mundo* – “A Escola e o Trabalho”; Felicita pelos serviços que o periódico tem servido ao Brasil; Fala sobre a revista mensal que publicará – “Lavoura e Indústria” – pede ajuda de JCR nas questões agrícolas (periódicos e informações); Fala sobre Abraão Lincoln como o pai da democracia; Se coloca a disposição para fazer negócios com JCR.

Nome: Joaquim Maria Machado de Assis

Data da carta: 25 de Janeiro de 1873

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 389

Assunto: Agradece pelo artigo que foi publicada no *O Novo Mundo* a cerca de seu romance; Trata de questões e polêmicas literárias.

Nome: Visconde de Souza Franco – Bernardo de Souza Franco

Data da carta: 23 de Abril de 1874

Local da Carta: Rio de Janeiro

Número da carta: 390

Assunto: Envia seus dados biográficos e imagens para serem publicados no periódico; Felicita JCR pelo sucesso do periódico; Afirma que é assinante.

Nome: Antonio Pedro de Carvalho Borges

Data da carta: 30 de Novembro de 1874

Local da Carta: Washington

Número da carta: 391

Assunto: Fala sobre a polêmica em torno do General Webb.

Nome: Elias Lobo

Data da carta: 03 de Fevereiro de 1875

Local da Carta: Itu

Número da carta: 392

Assunto: Agradece a transcrição feita no *O Novo Mundo* a seu respeito.

Nome: Visconde do Bom Retiro – Luis Pedreira do Couto Ferraz

Data da carta: 03 de Fevereiro de 1875

Local da Carta: Alto Egito - Cairo

Número da carta: 393

Assunto: Fala sobre questões de engenharia – casas na Floresta da Tijuca, questões agrícolas.

Nome: Jesuíno Marcondes de Oliveira Sá

Data da carta: 19 de Junho de 1877

Local da Carta: Paraná

Número da carta: 394

Assunto: Felicita JCR pelo periódico (“O Novo Mundo redigido por V. S.^a com elevada proficiência e patriotismo tem feito popular e conhecido o nome de V. S.^a entre as classes mais adiantadas de nossa pátria cuja civilização e bem-estar merecem-lhe com tanta atenção. A escolha que fiz dos Estados Unidos para aí educar meu filho Moisés Marcondes que terá a honra de apresentar-lhe esta é inspirada na leitura do Novo Mundo”).

Bibliografia

➤ **Periódico:**

- *O Novo Mundo* (1870 – 1879)

➤ **Fontes Manuscritas:**

- IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:
Arquivos e Coleções particulares – ACP – José Carlos Rodrigues.
- Fundação Biblioteca Nacional:
Guia de Coleção de Manuscritos – Correspondência passiva de José Carlos Rodrigues.

➤ **Livros, Artigos e Teses**

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARAUJO, Rodrigo Cardoso Soares de. *Pasquins: submundo da imprensa na Corte Imperial (1880 – 1883)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em História Social, ano 2009.

ASCIUTTI, Mônica Maria Rinaldi. *Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad x, 2010.

BERNSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BOEHRER, G. C. A. José Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo, 1870-1879*. *Journal of Inter-American Studies*. Miami, n. 1, 1967. p. 127-144.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Sobre o poder simbólico e Espaço social e gênese das classes. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, pp. 7-16 e 133-162.

_____. A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual e A força da representação. In: *A economia das trocas linguísticas. O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996, pp. 85-96 e 107-116.

CAMPOS, G. V. de. *O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870 – 1879)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CARVALHO, José Murilo de e NEVES, Lucia Bastos Pereira das (orgs.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro. Revan: IUPERJ-UCAM, 1998.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na Oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 253-270, dez. 2007.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravidão no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1975.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, Iraci Del Nero da & Pires, João Manuel. “O capital escravista-mercantil: caracterização teórica e causas históricas de sua superação”. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, Jan/abril, 2000.

COUCEIRO, Luiz Alberto. Resenha do livro: TOMICH, Dale W. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: EdUSP, 2011.

DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DUTRA, Eliana de Freitas. *História e Culturas Políticas-Definições, usos, genealogias*. Varia História, Belo Horizonte, v. 28, p. 13-28, 2003.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Reverenciando as letras: espaços de consagração e construção da cidadania. In: Ribeiro, Gladys Sabina; Ferreira, Tania M. T. Bessone da Cruz. (Org.). *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. 1ed. São Paulo: Alameda, 2010, v. 1.

FERREIRA, Tânia. MOREL, Marco. NEVES Lúcia. (Orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A. FAPERJ, 2006.

GAULD, C. A. José Carlos Rodrigues, o patriarca da imprensa carioca. *Revista de História*. São Paulo, n. 16, 1953. p. 427-438.

GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos - Historiografia*, Rio de Janeiro, v.9, nº 17, p.59-84, 1996.

GUIMARÃES, M. L. S. *Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, n. 1, 1998, p. 3-27.

HOBSBAWM, E. J. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HORNE, Gerald. *O Sul mais distante: os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2010.

JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. *Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923): breves apontamentos teórico-metodológicos*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

LEVI, Giovani. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. In: *Revista Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, segundo semestre de 2014.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes históricas — 2.ed., 1ª reimpressão.*— São Paulo : Contexto, 2008.

MACHADO, H. F.. Imprensa Abolicionista e a censura no Império do Brasil. In: Lessa, Mônica Leite; Fonseca, Sílvia Carla Pereira de Brito. (Org.). *Entre a Monarquia e a República: imprensa, pensamento político e historiografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Rui, o homem e o mito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª edição – São Paulo: Contexto, 2011.

MATTOS, Hebe. *Memory of Slavery and Race: Brazilian Self-Narratives in Historical Perspective* (Research Project presented to Ruth Cardoso Chair/ Columbia University (2013/2014).

_____. André Rebouças e o Pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888-1898). In: *Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico*. Volume I (Identidades e

Projetos Políticos). Organização: Carolina Vianna Dantas, Martha Abreu & Hebe Mattos. Niterói: UDUFF, 2013 (no prelo).

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A Modernidade Republicana*. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 26, 2009. PARRON, Tamish. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1825-1865*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.

PARRON, Tamish. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1825-1865*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.

RIZZINI, Carlos. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil*. s.l.: Kosmos Editora, 1945.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão social no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Elza Miné da Rocha e. *O Novo Mundo 1870-1879. Da enunciação da proposta às suas revisitações*. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

TOMICH, Dale. *Pelo prisma da escravidão*. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Editorial USP, 2011.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.